

8

Língua Portuguesa 8.º ano

Diálogos

Fernanda Costa | Vera Magalhães



Caderno do Professor

Índice

▪ A planificação anual – considerações gerais	4
▪ Proposta de planificação anual 	5
▪ Índice de recursos multimédia	12
▪ Planos de aula (exemplo) 	16
▪ Testes de compreensão oral 	
6 testes a partir da audição de textos ou da visualização de vídeos	18
Grelha de registo de avaliação dos testes de compreensão oral	26
▪ Testes de compreensão escrita 	
6 testes	27
Grelha de registo de avaliação dos testes de compreensão escrita	39
▪ Soluções dos testes de compreensão oral e escrita	40
▪ Testes de avaliação sumativa 	
6 testes e cotações	41
Soluções	74
▪ Oficinas de escrita	76
▪ Guiões de Leitura – sugestões de correção	90

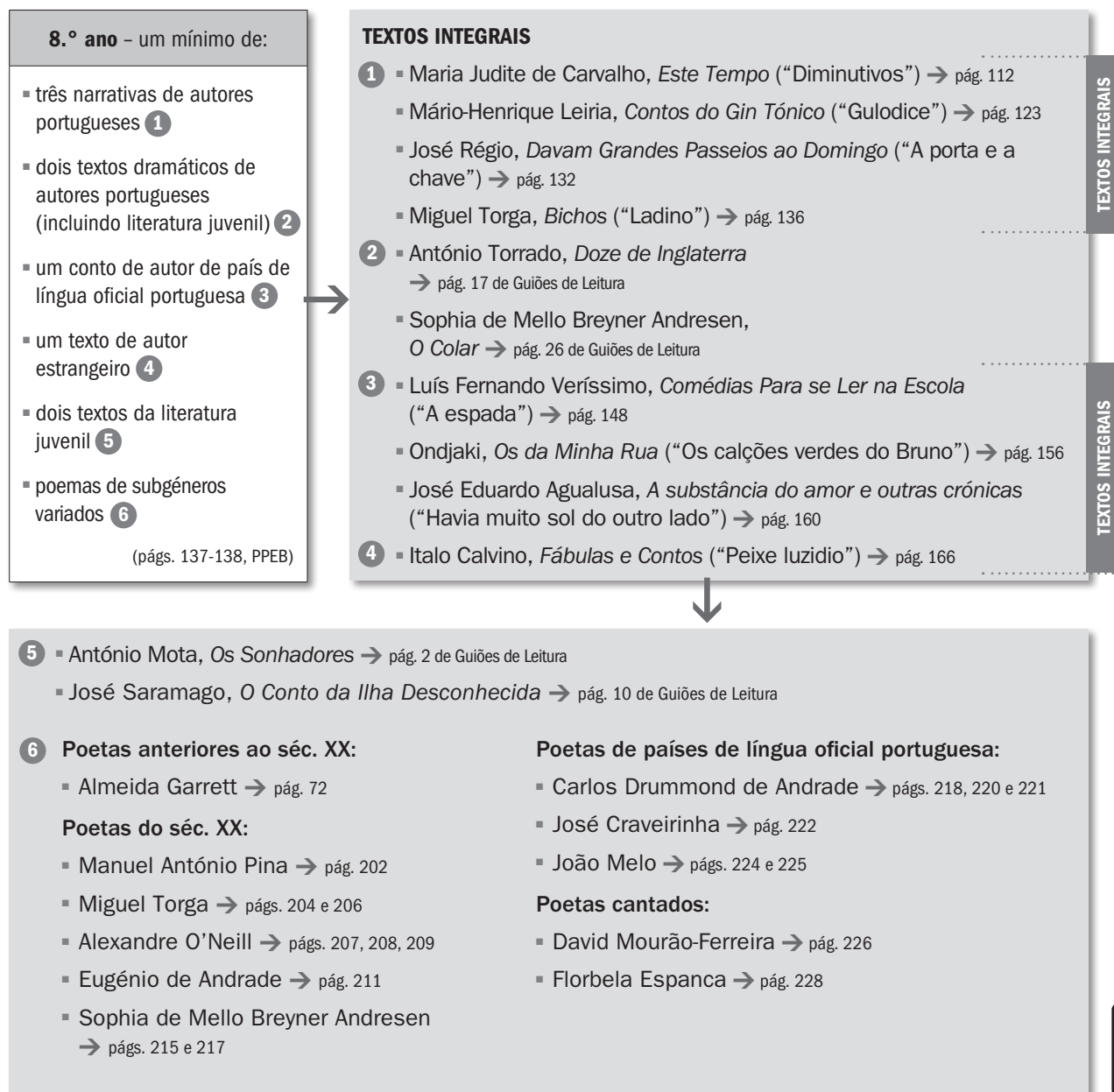
Nota: Os materiais deste caderno estarão disponíveis, para o Professor, no e-Manual que acompanha este projeto, podendo ser modificados e reproduzidos, na totalidade ou parcialmente.

A planificação anual – considerações gerais

Qualquer proposta de planificação anual terá obrigatoriamente de ter presentes as determinações dos *Programas de Português do Ensino Básico* (PPEB), designadamente:

- as **competências específicas**: a **compreensão do oral**, a **expressão oral**, a **leitura**, a **escrita** e o **conhecimento explícito da língua** (págs. 15-17, PPEB);
- os **resultados esperados** no final do 3.º ciclo, relativamente a cada uma das competências específicas (págs. 115-117, PPEB – ver página 5 deste Caderno);
- os **descritores de desempenho** (págs. 120-135, PPEB);
- os **conteúdos** (págs. 120-135, PPEB);
- o **corpus** textual proposto: **referencial de textos** (pág. 141, PPEB), a **lista de autores e de textos** (págs. 159-163, PPEB) e a seguinte indicação:

No que diz respeito ao conjunto de textos a selecionar para atividades ou projetos de leitura na aula, considera-se indispensável incluir no Projeto Curricular de Turma (anual):



Proposta de planificação anual – Língua Portuguesa 8.º ano

Manual adotado: Diálogos – 8.º ano, Porto Editora

Competências específicas – Resultados esperados (no final do 3.º ciclo)

Compreensão/expressão oral

- Saber escutar, visando diferentes finalidades, discursos formais em diferentes variedades do português, cuja complexidade e duração exijam atenção por períodos prolongados.
- Interpretar criticamente a informação ouvida, analisando as estratégias e os recursos verbais e não verbais utilizados.
- Compreender o essencial da mensagem, apreendendo o fio condutor da intervenção e retendo dados que permitam intervir construtivamente em situações de diálogo ou realizar tarefas específicas.
- Tomar a palavra em contextos formais, selecionando o registo e os recursos adequados às finalidades visadas e considerando as reações dos interlocutores na construção do sentido.
- Interagir com confiança e fluência sobre assuntos do quotidiano, de interesse pessoal, social ou escolar, expondo e justificando pontos de vista de forma lógica.
- Produzir discursos orais corretos em português padrão, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificadas e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva.

Leitura

- Ler de forma fluente, apreendendo o sentido global de textos com diferentes intencionalidades e registos.
- Ler textos de diferentes tipos e em suportes variados para obter informação, organizar o conhecimento ou para aceder a universos no plano do imaginário, adequando as estratégias de leitura às finalidades visadas.
- Posicionar-se criticamente quanto à validade da informação, selecionando os dados necessários à concretização de tarefas específicas e mobilizando a informação de acordo com os princípios éticos do trabalho intelectual.
- Apreciar textos de diferentes tipos, analisando o modo como a utilização intencional de recursos verbais e não verbais permite alcançar efeitos específicos.
- Posicionar-se enquanto leitor de obras literárias, situando-as em função de grandes marcos temporais e geográfico-culturais e reconhecendo aspetos relevantes da linguagem literária.
- Estabelecer relações entre a experiência pessoal e textos de diferentes épocas e culturas, tomando consciência do modo como as ideias, as experiências e os valores são diferentemente representados e aprofundando a construção de referentes culturais.

Escrita

- Escrever para responder a necessidades específicas de comunicação em diferentes contextos e como instrumento de apropriação e partilha do conhecimento.
- Recorrer autonomamente a técnicas e processos de planificação, textualização e revisão, utilizando diferentes instrumentos de apoio, nomeadamente ferramentas informáticas.
- Escrever com autonomia e fluência diferentes tipos de texto adequados ao contexto, às finalidades, aos destinatários e aos suportes da comunicação, adotando as convenções próprias do género selecionado.
- Produzir textos em termos pessoais e criativos, para expor representações e pontos de vista e mobilizando de forma criteriosa informação recolhida em fontes diversas.
- Produzir textos em português padrão, recorrendo a vocabulário diversificado e a estruturas gramaticais com complexidade sintática, manifestando domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão textuais e aplicando corretamente regras de ortografia e pontuação.

Conhecimento explícito da língua

- Refletir sobre o funcionamento da língua para, a partir da realização de atividades de carácter oficial, analisar e questionar os sentidos dos textos.
- Explicitar, usando a terminologia apropriada, aspetos fundamentais da estrutura e do uso do português padrão nos diferentes planos do conhecimento explícito da língua.
- Mobilizar o conhecimento reflexivo e sistematizado para resolver problemas decorrentes da utilização da linguagem oral e escrita e para aperfeiçoar os desempenhos pessoais.
- Analisar marcas específicas da linguagem oral e da linguagem escrita, distinguindo diferentes variedades e registos da língua e adequando-os aos contextos de comunicação.
- Respeitar e valorizar as diferentes variedades do português, usando o português padrão como a norma.

(Programas de Português do Ensino Básico, págs. 115-117)



Observação: A proposta aqui apresentada deve ser lida em articulação com a nossa proposta de Anualização do Programa de Língua Portuguesa (disponível em versão editável no CD de Recursos), onde surge uma distribuição/partição dos descritores de desempenho e dos conteúdos pelos três anos do 3.º ciclo.

1.º período			
Unidades / Textos	Competências / Conteúdos		Avaliação (modalidades e instrumentos)
Unidade 0 Uma nova viagem Unidade 1 O mundo aqui tão perto – Notícia (pág. 22) – Reportagem (pág. 24) – Entrevista (pág. 27) – Crítica e cartoon (págs. 32 e 34) – Banda desenhada (pág. 38) – Publicidade (pág. 41) – Texto de divulgação científica (pág. 49) Unidade 2 Literatura popular e tradicional – <i>O carvoeiro</i> (pág. 57) – <i>Piramo e Tisbe</i> (pág. 61) – <i>Os dois gatos</i> (pág. 66) – <i>Deu-la-Deu Martins</i> (pág. 69) – <i>Clarlinda</i> (pág. 72)	Leitura Texto literário e texto não literário. Texto narrativo não literário (notícia, reportagem, banda desenhada). Texto narrativo literário (Conto tradicional. Mito. Fábula. Lenda. Romance tradicional. Romance juvenil. Diário). Texto conversacional (entrevista). Texto argumentativo (crítica, cartoon, publicidade). Texto expositivo (de divulgação científica). Intenção comunicativa. Facto e opinião. Informação (localização, organização e tratamento). Paratexto. Categorias da narrativa. (Estrutura da narrativa. Organização das sequências narrativas.) Texto descritivo (retrato). Contexto. Intertexto/intertextualidade – paródia, paráfrase. Compreensão/expressão oral Informação (registo e retenção: tomar notas). Texto oral. Características da fala espontânea.	Princípios reguladores da interação discursiva. Tipologias textuais: texto conversacional (entrevista), expositivo (exposição oral), argumentativo (exposição de opiniões, debate), narrativo (reconto), descritivo (descrição de imagem). Diálogo. Estratégias discursivas. Recursos linguísticos e extralinguísticos (leitura dialogada). Entoação. Escrita Plano do texto. Sequência argumentativa (texto de opinião, comentário crítico). Sequência narrativa. Carta de reclamação. Registo formal/informal. Coerência textual. Convenções e regras para a configuração gráfica. Pontuação e sinais auxiliares de escrita. Reprodução do discurso no discurso (discurso direto e indireto).	– Avaliação de diagnóstico (págs. 12-17 do manual) – Testes de compreensão oral (1 e 3 – págs. 18 e 20 do Caderno do Professor e CD de Recursos) – Testes de compreensão escrita (1 e 2 – págs. 27 e 29 do Caderno do Professor e CD de Recursos) – Autoavaliação (págs. 51 e 76 do manual) – Teste de verificação de leitura de <i>Os Sonhadores</i> (CD de Recursos) – Produção de textos e resolução de questionários de natureza diversa (manual e Caderno de Atividades) – Testes de avaliação sumativa (1 e 2 – págs. 41 e 46 do Caderno do Professor)





Unidades / Textos	Competências / Conteúdos	Recursos	Avaliação (modalidades e instrumentos)
Unidade 3 Narrativas juvenis - <i>Sonhos</i> (pág. 78) - <i>Pai-fantasma</i> (pág. 81) - <i>Desabaços</i> (pág. 84) - <i>Uma janela especial</i> (pág. 88) Obra extensa: <i>Os Sonhadores*</i>, António Mota (Guiões de leitura – pág. 2) * Textos a incluir no Projeto Curricular de Turma ver página 4 deste caderno.	Conhecimento explícito da língua Plano fonológico Sílabo métrica e sílaba gramatical. Plano morfológico e das classes de palavras Classe aberta de palavras. Classe fechada de palavras. Nome (subclasses). Advérbio (subclasses). Adjetivo (subclasses). Pronome. Verbo principal e verbo auxiliar. Flexão. Plano sintático Tipos de frase. Plano lexical e semântico Relações semânticas entre palavras. Onomatopeia. Valor temporal. Plano discursivo e textual Cf. Leitura, Compreensão/Expressão oral e Escrita Coerência; coesão. Sentidos explícitos e implícitos. Conectores discursivos. Discurso direto e indireto. Figuras de retórica e tropos (ironia, eufemismo, perífrase, personificação e metáfora). Plano da representação gráfica e ortográfica Homonímia, homofonia, homografia e paronímia. Sinais de pontuação. Sinais auxiliares da escrita. Dicionário. Formas de destaque.	Consultar Índice de Recursos nas páginas 12-15 deste Caderno.	Grelhas de avaliação: - atitudes - expressão oral - leitura - escrita (CD de Recursos)

2.º período			
Unidades / Textos	Competências / Conteúdos		Avaliação (modalidades e instrumentos)
Unidade 3 Narrativas juvenis (continuação) - <i>Quando se está apaixonado</i> (pág. 91) - <i>Mistérios</i> (pág. 95) - <i>O assalto</i> (pág. 99) - <i>A besta</i> (pág. 103) <u>Obra extensa:</u> <i>O Conto da Ilha Desconhecida*</i>, José Saramago (Guiões de Leitura - pág. 10) * Textos a incluir no Projeto Curricular de Turma ver página 4 deste caderno.	Leitura Texto literário - modo narrativo. Texto narrativo (Romance juvenil. Crónica. Conto. Biografia ficcionada). Categorias da narrativa. Intenção comunicativa. Contexto. Estilo. Texto descritivo (espaço e personagem). Texto conversacional (verbos introdutores do relato no discurso; marcas gráficas). Texto argumentativo (crónica). Tema. Intertexto/intertextualidade. Paratexto. Compreensão/expressão oral Informação (registro e retenção: tomar notas). Texto oral. Princípios reguladores da interação discursiva. Tipologias textuais: texto argumentativo (exposição de opiniões, debate), narrativo (conto, conto), descritivo (espaço e personagem). Estratégias discursivas. Recursos linguísticos e extralinguísticos. Entoação.	Escrita Plano do texto. Sequência narrativa. Resumo. Sequência descritiva. Coerência textual. Convenções e regras para a configuração gráfica. Pontuação e sinais auxiliares de escrita. Conhecimento explícito da língua Plano morfológico e das classes de palavras Determinante (subclasses). Advérbio (subclasses). Verbos defetivos impessoais, unipessoais. Verbo irregular. Verbo principal e verbo auxiliar. Flexão. Formação de palavras. Afixação: derivação não afixal. Derivação. Composição. Plano sintático Elipse. Tipos de frase. Grupo nominal, grupo verbal, grupo adverbial, grupo preposicional, grupo adjetival.	Consultar Índice de Recursos nas páginas 12-15 deste Caderno. - Testes de compreensão oral (2 e 4 - págs. 19 e 22 do Caderno do Professor e CD de Recursos) - Testes de compreensão escrita (3 e 4 - págs. 31 e 33 do Caderno do Professor e CD de Recursos) - Autoavaliação (págs. 106 e 146 do manual) - Teste de verificação de leitura de <i>O Conto da Ilha Desconhecida</i> (CD de Recursos) - Produção de textos e resolução de questionários de natureza diversa (manual e Caderno de Atividades) - Testes de avaliação sumativa (3 e 4 - págs. 51 e 57 do Caderno do Professor) - Greihas de avaliação: - atitudes - expressão oral - leitura - escrita (CD de Recursos)



Unidades / Textos	Competências / Conteúdos	Recursos	Avaliação (modalidades e instrumentos)
Unidade 4 Narrativas portuguesas do século XX – <i>Uma questão de marketing</i> (pág. 108) – <i>Diminutivos</i> (pág. 112) – <i>O pescador de Madagáscar</i> (pág. 115) – <i>Cinéfilos</i> (pág. 119) – <i>Gulodice*</i> (pág. 123) – <i>A pirata</i> (pág. 127) – <i>A porta e a chave*</i> (pág. 132) – <i>Ladino*</i> (pág. 136) – <i>Silvino</i> (pág. 143) * Textos a incluir no Projeto Curricular de Turma ver página 4 deste caderno.	Modificador de frase e modificador do GV. Sujeito (simples, composto, nulo). Predicado. Complemento. Predicativo do sujeito. Frase ativa e frase passiva. Complemento agente da passiva. Modificador do nome. Plano lexical e semântico Relações semânticas entre palavras. Expressão idiomática. Onomatopeia. Polissemia. Plano discursivo e textual Cf. Leitura, Compreensão/Expressão oral e Escrita. Coerência; coesão. Conectores discursivos. Registos de língua. Sentidos explícitos e implícitos. Discurso direto e indireto. Figuras de retórica e tropos (metáfora, perífrase, repetição, hipérbole, comparação, personificação, ironia, eufemismo). Plano da representação gráfica e ortográfica Sinais de pontuação. Sinais auxiliares da escrita.	Consultar Índice de Recursos nas páginas 12-15 deste Caderno.	

3.º período			
Unidades / Textos	Competências / Conteúdos		Avaliação (modalidades e instrumentos)
Unidade 5 Narrativas dos países de língua oficial portuguesa - <i>A espada*</i> (pág. 148) - <i>Meu pai Agualberto</i> (pág. 152) - <i>Os calções verdes do Bruno*</i> (pág. 156) - <i>Havia muito sol do outro lado*</i> (pág. 160) [Ver Observação 1.]	Leitura Texto literário – modos narrativo, dramático e lírico. Modo narrativo. Categorias da narrativa. Texto descritivo. Modo dramático. Elementos constitutivos do drama e espetáculo teatral. Modo lírico. Elementos constitutivos da poesia lírica (convenções versificatórias). Sequência textual. Intertexto/intertextualidade.	Escrita Plano do texto. Sequência descritiva. Sequência argumentativa. Carta informal. Coerência textual. Convenções e regras para a configuração gráfica. Pontuação e sinais auxiliares de escrita. Recursos expressivos.	Recursos Consultar Índice de Recursos nas páginas 12-15 deste Caderno.
Unidade 6 Narrativas da literatura estrangeira - <i>Peixe luzidio*</i> (pág. 166) - <i>Canções</i> (pág. 171) - <i>O grito</i> (pág. 175) [Ver Observação 2.]	Compreensão/expressão oral Estratégias discursivas. Informação (registro e retenção: tomar notas). Texto oral. Características da fala espontânea. Tipologias textuais: texto expositivo (exposição), argumentativo (<i>declaração de amor</i>), narrativo (<i>reconto</i>). Recursos linguísticos e extralinguísticos. Entoação.	Conhecimento explícito da língua Plano morfológico e das classes de palavras Pronome. Flexão. Conjunção coordenativa e subordinativa. Locução conjuncional. Advérbio e locução adverbial. Plano sintático Frase simples e complexa. Coordenação assindética. Coordenação. Subordinação. Modificador do GV. Sujeito frásico. Concordância.	- Testes de compreensão oral (5 e 6 – págs. 24 e 25 do Caderno do Professor e CD de Recursos) - Testes de compreensão escrita (5 e 6 – págs. 35 e 37 do Caderno do Professor e CD de Recursos) - Autoavaliação (págs. 164, 179, 198 e 231 do manual) - Teste de verificação de leitura de <i>Doze de Inglaterra</i> (CD de Recursos) - Teste de verificação de leitura de <i>O Colar</i> (CD de Recursos) - Produção de textos e resolução de questionários de natureza diversa (manual e Caderno de Atividades) - Testes de avaliação sumativa (5 e 6 – págs. 63 e 69 do Caderno do Professor)

* Textos a incluir no Projeto Curricular de Turma ver página 4 deste caderno.





Unidades / Textos	Competências / Conteúdos	Recursos	Avaliação (modalidades e instrumentos)
Unidade 7 Todos ao palco! - <i>Aquilo que os olhos veem ou O Adamastor</i> (pág. 184) - <i>Vanessa vai à luta</i> (pág. 190) - <i>Romeu e Julieta</i> (pág. 194) Obra extensa: <i>Doze de Inglaterra</i> *, António Torrado (Guiões de Leitura - pág. 17) <i>O Colar</i> *, Sophia de Mello Breyner Andresen (Guiões de Leitura - pág. 26) [Ver Observação 3.] Unidade 8 Cantar a língua portuguesa - Poemas (págs. 202-230) [Ver Observação 4.] * Textos a incluir no Projeto Curricular de Turma ver página 4 deste caderno.	Plano lexical e semântico Neologismo. Campo semântico. Campo lexical. Relações semânticas entre palavras. Amálgama, empréstimo. Plano discursivo e textual Cf. Leitura, Compreensão/ Expressão oral e Escrita Coerência; coesão. Registos de língua. Diálogo, monólogo. Conectores discursivos. Sentidos explícitos e implícitos. Figuras de retórica e tropos (comparação, apóstrofe, perífrase, personificação, enumeração, metáfora, aliteração, anáfora, repetição, anáfora). Plano da representação gráfica e ortográfica Sinais de pontuação. Sinais auxiliares da escrita. Dicionário. Formas de destaque.	Consultar Índice de Recursos nas páginas 12-15 deste Caderno.	- Grelhas de avaliação: - atitudes - expressão oral - leitura - escrita (CD de Recursos)
Observação 1: No mínimo, deverá ser trabalhado um dos textos assinalados com asterisco. Observação 2: No mínimo, deverá ser trabalhado o texto assinalado com asterisco. Observação 3: Poderão ser trabalhadas unicamente as duas obras dramáticas assinaladas com asterisco, de forma a respeitar a obrigatoriedade de trabalhar “dois textos dramáticos de autores portugueses (<i>Incluindo literatura juvenil</i>)”.			Observação 4: Deverá ser feita uma seleção que inclua, pelo menos, três dos poetas portugueses do séc. XX* (págs. 202-217), dois dos poetas de países de língua oficial portuguesa* (págs. 218-225) e os dois poetas cantados* (págs. 226-230).

Índice de recursos multimédia

Tipo de recurso	Título	Página do Manual
Unidade 0		
 Áudio	Notícia – “Jovem aventureira”	12
 PDF	Passaporte para a Leitura e Escrita	19
Unidade 1		
BRIP	Notícia	22
 Vídeo	Notícia RTP – “O teatro mais pequeno do mundo em Viseu”	23
BRIP	Reportagem	24
 Vídeo	Reportagem RTP – “Joana Vasconcelos”	26
BRIP	Entrevista	27
 Animação	Advérbio	29
 Áudio	Entrevista Rádio Comercial – “Primo”	31
 PDF	Ficha de autoavaliação do texto de opinião	34
BRIP	Banda desenhada	38
 PDF	Anúncios publicitários	41
 PDF + Word	Documento de análise do texto publicitário	41
 PDF	Documento de análise do texto publicitário (exemplo)	41
BRIP	Publicidade	42
 Vídeo	Publicidade – Banco Alimentar	43
 PDF + Word	Teste de Compreensão Oral 1	43
 Vídeo	Publicidade – Sumol	45
 Vídeo	Publicidade – TMN	46
 Vídeo	Publicidade – Amnistia Internacional	46
 Vídeo	Publicidade – Fundação Francisco Manuel dos Santos	47
 Áudio	Publicidade – Caixa Geral de Depósitos	47
 Áudio	Publicidade – Cabovisão	47
 PDF	Imagens para a criação de anúncios	48
BRIP	Carta	48
Unidade 2		
 PDF	Outros textos da literatura tradicional	56
 PDF + Word	Ficha de recolha de dados	56
BRIP	Conto tradicional	57
 Áudio	“Píramo e Tisbe”	61
BRIP	Mito	61
 Áudio	Prólogo de <i>Romeu e Julieta</i>	64
 PDF	Diferenças entre mito e conto tradicional	64
 Animação	Pronome pessoal	65
BRIP	Fábula	66
 PDF + Word	Atividade de intertextualidade com fábula	66
 Áudio	Canção “A lição da cigarra e da formiga”	66



BRIP	Lenda	69
 Áudio	Antena 1 – “A moura da ponte de Chaves”	69
 PDF	Teste de compreensão oral 3	69
 Áudio	Notícia – “Câmara da Nazaré vende veados”	71
 Áudio	“Claralinda”	72
Unidade 3		
 Áudio	Crónica de Alice Vieira, “ <i>Big nada</i> ”	80
BRIP	Diário	84
 Áudio	Biografia de Anne Frank	84
 Áudio	Reportagem TSF – “Pretérito mais que presente” (excerto)	87
 Áudio	Reportagem TSF – “Pretérito mais que presente” (integral)	87
 Áudio	“O assalto”	99
 Áudio	“A besta”	103
 Áudio	Notícia do jornal <i>Público</i>	105
Unidade 4		
 Áudio	“Uma questão de <i>marketing</i> ”	108
 Animação	Derivação	111
 Áudio	“A Gata Borralheira”, de Roald Dahl	111
 Animação	Modificador de frase	118
 Áudio	“Cinéfilos”	119
 Vídeo	“A Família”, conto dito por Mário Viegas (RTP)	123
 Vídeo	“A Flóber”, conto dito por Mário Viegas (RTP)	123
 Áudio	“A pirata”	127
 Animação	Complemento oblíquo	131
 Animação	Modificador do GV	131
 PDF	Exemplos de inícios de narrativas	132
 Vídeo	Avião – História com sons	135
 Áudio	“Silvino”	143
 Vídeo	Excerto do filme <i>Crónica dos Bons Malandros</i>	144
 Áudio	“A infância de Silvino”	145
 Animação	Modificador do nome	145
Unidade 5		
 Áudio	“A espada”	148
 Vídeo	Reportagem SIC – “Mia Couto homenageado em Penafiel”	154
 Áudio	“Os calções verdes do Bruno”	156
 PDF	Imagens para descrição (emoções)	159
 Vídeo	Entrevista a Ondjaki	159
 PDF	Imagens para descrição (espaços, pessoas, situações)	163
Unidade 6		
 Áudio	“Peixe luzidio”	166
 Animação	Coordenação	168
 Áudio	“Nascer para ser rico”	169
 Áudio	“Canções”	171



BRIP	Conto de autor: ação	180
BRIP	Conto de autor: personagem	180
BRIP	Conto de autor: narrador	180
BRIP	Conto de autor: tempo	180
BRIP	Conto de autor: espaço	180
Unidade 7		
BRIP	Texto dramático e representação teatral	184
 Áudio	“O Mostrengo”	187
 Animação	Sujeito	188
 PDF	Textos e imagens para a criação de textos dramáticos	189
 Áudio	“Vanessa vai à luta”	190
 PDF	Artigo <i>Diário de Notícias</i>	192
 PDF + Word	Ficha de avaliação da exposição oral	193
 Áudio	“Romeu e Julieta”	194
 PDF	Reportagem <i>Notícias Magazine</i>	197
 PDF	Estrutura da carta pessoal	197
BRIP	Estrutura e discurso na obra dramática	199
BRIP	Ação na obra dramática	199
BRIP	Personagens na obra dramática	199
BRIP	Tempo na obra dramática	199
BRIP	Espaço na obra dramática	199
Unidade 8		
BRIP	Características da poesia	202
BRIP	Poesia portuguesa	202
 PPT e Flipchart	Manuel António Pina	202
 Áudio	“Raízes”	203
 PPT e Flipchart	Poemas de Miguel Torga	204
 Áudio	Alexandre O’Neill, o poeta que ria com as palavras	207
 PPT e Flipchart	Poemas de Alexandre O’Neill	207
 PDF	Poemas visuais	210
 PPT e Flipchart	Poema de Eugénio de Andrade	211
 Áudio	“Poema à mãe”	211
 PPT e Flipchart	Poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen	215
BRIP	Poesia de expressão portuguesa	218
 Áudio	“Aula de Português”	218
BRIP	Poemas musicados	226
 Vídeo	Canção – “Abandono” (Amália Hoje)	227
 Áudio	Canção – “Desejos vãos” (Mariza)	228
A minha gramática		
 Animação	Derivação	243
 Animação	Advérbio	250
 Animação	Pronome pessoal	254
 Animação	Sujeito	262
 PDF	Concordância verbo-sujeito	263



	Animação	Modificador de frase	264
	PDF	Alguns verbos que selecionam complemento oblíquo	268
	Animação	Complemento oblíquo	268
	Animação	Modificador do GV	269
	Animação	Modificador do nome	274
	Animação	Coordenação	276
Guiões de Leitura			
	PPT, Flipchart e PDF	Teste de verificação de leitura – <i>Os Sonhadores</i>	2
	Vídeo	Entrevista TVI a António Mota	2
	PPT, Flipchart e PDF	Teste de verificação de leitura – <i>O Conto da Ilha Desconhecida</i>	10
	Áudio	Autobiografia de José Saramago	10
	PPT, Flipchart e PDF	Teste de verificação de leitura – <i>Doze de Inglaterra</i>	17
	Áudio	Fábula “O Carvalho e o Junco”, de La Fontaine.	25
	PPT, Flipchart e PDF	Teste de verificação de leitura – <i>O Colar</i>	26
	PDF	Cartão do Autor	26
	Áudio	<i>O Cavaleiro da Dinamarca</i> , de Sophia de Mello Breyner Andresen – História de Vanina e Guidobaldo	32
Caderno do Professor			
	PDF e Word	Planificação anual	4
	PDF e Word	Modelo de plano de aula	16
	PDF e Word	6 testes de compreensão oral	18
	Vídeo	Publicidade – Banco Alimentar	18
	Vídeo	Programa de divulgação científica – “LED”	19
	Áudio	Antena 1 – “A moura da ponte de Chaves”	20
	Áudio	Editorial – “A alimentação”	22
	Vídeo	Reportagem – “Quintinha dos animais”	24
	BRIP	“A ação na obra dramática”	25
	PDF e Word	Grelha de avaliação dos testes de compreensão oral	26
	PDF e Word	6 testes de compreensão escrita	27
	PDF e Word	Grelha de avaliação dos testes de compreensão escrita	39
	PDF e Word	6 testes de avaliação sumativa	41
	PDF e Word	Grelha de verificação do texto narrativo	81
	PDF	Fotografias (descrição)	82
	PDF e Word	Grelha de planificação da descrição	83
	PDF e Word	Grelha de revisão do texto – retrato	84
	PDF e Word	Grelha de revisão do texto – reportagem	88
	PDF e Word	Grelha de revisão do texto – notícia	89
	PDF e Word	Grelha de registo de observação de atitudes	-
	PDF e Word	Grelha de registo de avaliação da expressão oral	-
	PDF e Word	Grelha de registo de avaliação da leitura em voz alta	-
	PDF e Word	Grelha de registo de avaliação da escrita	-

Plano de aula			
Unidade Didática: O mundo aqui tão perto (Textos não literários)		Ano / Turma: 8.º	Ano letivo:
Aulas n.º 1 e 2 Data: ____-____-____ Tempo: 90 minutos		Sumário: Notícia: características; estrutura. Atividade de oralidade a partir de notícia televisiva. Redação de notícia.	
Competências / Conteúdos	Descritores de desempenho	Desenvolvimento da aula	Recursos
Compreensão/ Expressão oral Ouvinte. Discurso. Contexto. Leitura Texto narrativo (notícia). Escrita Plano do texto. Tipologia textual. Sequência narrativa. Coerência textual. Pontuação e sinais auxiliares de escrita.	- Dispor-se física e psicologicamente a escutar, focando a atenção no objeto e nos objetivos da comunicação. - Utilizar procedimentos para clarificar, registar, tratar e reter a informação, em função de necessidades de comunicação específicas. - Interpretar discursos orais com diferentes graus de formalidade e complexidade. - Distinguir diferentes intencionalidades comunicativas, relacionando-as com os contextos de comunicação e os recursos linguísticos mobilizados. - Identificar relações intratextuais, compreendendo de que modo o tipo e a intenção do texto influenciam a sua composição formal. - Identificar e caracterizar as diferentes tipologias e gêneros textuais. - Recorrer à escrita para assegurar o registo e o tratamento de informação ouvida ou lida. - Redigir textos coerentes, selecionando registos e recursos verbais adequados. - Utilizar, com autonomia, estratégias de revisão e aperfeiçoamento de texto.	1. Visualização do recurso do e-Manual “Notícia”, para recordar as características deste tipo de texto. 2. Leitura silenciosa da notícia e resolução individual do exercício 2. 3. Resolução oral dos exercícios 3. a 5. 4. Visualização de notícia televisiva, de acordo com os passos indicados na rubrica Oralidade (p. 23). 5. Organização de grupos de trabalho para a planificação, redação e revisão de uma breve notícia¹ – Oficina de escrita, pp. 86 e 89 do Caderno do Professor. ¹ A imagem poderá ser projetada, bem como a grelha de revisão e autocorreção. 6. Partilha dos resultados dos trabalhos dos diferentes grupos.	e-Manual: “Notícia”. Manual, pp. 22-23. CD Recursos: vídeo “Notícia RTP – O teatro mais pequeno do mundo” Caderno do Professor: Oficina de escrita 3, pp. 86 e 89.

Este e os restantes planos de aula para todas as unidades estarão disponíveis em setembro de 2012.





Plano de aula				
Unidade Didática:		Ano / Turma: 8.º	Ano letivo:	
Aula n.º _____ Data: ____-____-____		Sumário:		
Tempo:				
Competências / Conteúdos	Descritores de desempenho	Desenvolvimento da aula	Recursos	Avaliação (modalidades e instrumentos)



Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____
Avaliação _____ Professor(a) _____

DJALSCP © Porto Editora

Título: Publicidade – “Banco Alimentar”

Escolhe a opção correta em cada alínea.

1. Esta é uma publicidade de tipo
 - a. ☐ comercial.
 - b. ☐ institucional.
2. A instituição responsável por esta campanha é
 - a. ☐ Banco de Comida.
 - b. ☐ Alimentos para todos.
 - c. ☐ Banco Alimentar.
3. No vídeo surgem apenas mãos, porque
 - a. ☐ precisamos delas para cozinhar.
 - b. ☐ simbolizam o ato de dar.
 - c. ☐ nos permitem interagir com os alimentos.
4. Os alimentos surgem sem uma parte,
 - a. ☐ que representa a dádiva.
 - b. ☐ porque já foi comida.
 - c. ☐ que foi guardada para alguém ausente.
5. “A melhor parte de si” é
 - a. ☐ a aptidão culinária.
 - b. ☐ o seu contributo monetário.
 - c. ☐ a solidariedade.
6. A campanha publicitada decorre nos dias
 - a. ☐ 25 e 26 de outubro.
 - b. ☐ 28 e 29 de novembro.
 - c. ☐ 23 e 24 de dezembro.
7. A última mesa apresentada simboliza aqueles que
 - a. ☐ recebem as doações.
 - b. ☐ doam alimentos.
 - c. ☐ distribuem a comida.
8. O *slogan* desta publicidade é
 - a. ☐ O Banco Alimentar precisa da melhor parte de si.
 - b. ☐ Alimente esta ideia.
 - c. ☐ Banco Alimentar contra a fome.
9. O objetivo desta campanha é
 - a. ☐ atrair voluntários para a instituição.
 - b. ☐ divulgar a recolha de alimentos.
 - c. ☐ apresentar a instituição.
10. O logótipo mostra as letras iniciais da instituição formadas
 - a. ☐ pela silhueta de duas pessoas.
 - b. ☐ por dois sacos de compras.
 - c. ☐ por alimentos.



Teste de compreensão oral 2 – vídeo



Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Título: LED

Visualiza um programa de divulgação científica sobre *Díodos de Emissão de Luz*, mais conhecidos por LED e, em seguida, escolhe a opção correta em cada alínea.

1. LED é
 - a. ☐ uma sigla.
 - b. ☐ um acrónimo.
 - c. ☐ uma amálgama.
2. A Pirâmide do Museu do Louvre, em Paris, é indicada para
 - a. ☐ dar um exemplo de monumento relevante para a história da humanidade.
 - b. ☐ demonstrar que alguns edifícios públicos já utilizam LED na sua iluminação.
 - c. ☐ provar que a maioria dos países europeus se preocupa mais com a eficiência energética do que Portugal.
3. Esta tecnologia
 - a. ☐ surgiu na última década.
 - b. ☐ foi criada no século XIX.
 - c. ☐ foi inventada no século XX.
4. A tecnologia LED
 - a. ☐ não apresentou qualquer mudança nas últimas décadas.
 - b. ☐ sofreu aperfeiçoamentos ao longo do tempo.
 - c. ☐ evoluiu devido à indústria automóvel.
5. Os LED
 - a. ☐ só podem ter a cor vermelha.
 - b. ☐ têm diversas cores.
 - c. ☐ existem, apenas, em branco e vermelho.
6. Pedro Oliveira refere exemplos de aplicação dos LED para
 - a. ☐ demonstrar que esta invenção é preferida relativamente às lâmpadas de halogéneo.
 - b. ☐ provar que outras formas de iluminação são mais frequentes.
 - c. ☐ mostrar que estes já estão presentes no nosso quotidiano.
7. Entre as vantagens dos LED, estão
 - a. ☐ a sua eficiência energética, robustez e duração.
 - b. ☐ a capacidade de mudar de cor, poupança energética e duração.
 - c. ☐ o tamanho, intensidade reduzida e potência consumida.
8. Os LED são utilizados
 - a. ☐ apenas na iluminação.
 - b. ☐ somente na iluminação e sinalização rodoviária.
 - c. ☐ na iluminação, eletrodomésticos e sinalização rodoviária, por exemplo.
9. De acordo com o vídeo, no futuro, os LED serão
 - a. ☐ a forma mais vulgar de iluminação.
 - b. ☐ a única forma de iluminação.
 - c. ☐ a forma de iluminação mais frequente no exterior.



A moura da ponte de Chaves

Chaves, no distrito de Vila Real, tem uma das mais belas pontes romanas de Portugal. Belíssimo monumento sobre o rio Tâmega, conhecido também sob o nome de ponte de Trajano, referência ao imperador romano com o mesmo nome, esta ponte calcula-se que
5 tenha sido construída entre os finais do século I e o início do século II antes de Cristo. Autêntico ex-líbris de Chaves, a ponte figura no brasão da cidade mas também em muitas histórias nascidas da tradição oral da região, as chamadas lendas. E destas histórias uma em particular continua a ser contada em Chaves.

10 Reza a lenda que, aquando da retomada da cidade pelos mouros, por volta de 1129, o alcaide do Castelo trouxe para junto de si um filho e uma sobrinha. Sendo ambos mouros, o alcaide resolveu fazê-los noivos.

Pouco depois, Afonso Henriques avançou para a região com o seu
15 exército. Iniciaram-se os combates a que a jovem moura assistia de uma torre do castelo. Foi dessa torre que, um dia, o seu olhar se fixou num belo cavaleiro cristão. Cavaleiro esse que lhe retribuiu o olhar. Apaixonaram-se ali mesmo e, quando o castelo foi retomado por Afonso Henriques, o cavaleiro levou a moura consigo para o acampa-
20 mento. A partir desse dia, passaram a viver muito felizes e juntos.

Quem não gostou nada desta história de amor foi o filho do alcaide, jovem a quem a moura tinha sido prometida em casamento. Por isso mesmo, resolveu disfarçar-se de mendigo e esperar na ponte de Chaves que a moura passasse. Cruzando-se com ela na ponte, aproxi-
25 mou-se e, em vez de lhe pedir esmola, rogou-lhe uma praga. Disse-lhe que para sempre ela ficaria encantada sob o terceiro arco da ponte e que só o amor de um cristão, outro que não aquele com quem ela tinha fugido, podia salvá-la. E foi tal o poder do feitiço que, nesse preciso instante, a moura misteriosamente desapareceu para nunca mais ser
30 vista. No entanto, há quem garanta que, nas noites de São João, os jovens rapazes que atravessam a ponte de Chaves ouvem vindo de debaixo do terceiro arco um longo murmúrio, uma súplica da moura que tenta assim encantar os cristãos para com ela casar e se libertar do feitiço.

35 São histórias assim mesmo.

Teste de compreensão oral

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Título: *A moura da ponte de Chaves*

Escolhe a opção correta em cada alínea.

1. Esta lenda centra-se num importante monumento:
 - a. ☐ o castelo da cidade.
 - b. ☐ a Ponte de Trajano.
 - c. ☐ a Torre da Moura.
2. Indica o objetivo da introdução que antecede a lenda:
 - a. ☐ mostrar a importância do monumento referido na lenda.
 - b. ☐ aludir à importância dos romanos e dos mouros na área.
 - c. ☐ indicar o local da história e seus motivos de interesse.
3. No início desta lenda, a cidade encontra-se sob o domínio
 - a. ☐ dos Cristãos.
 - b. ☐ dos Romanos.
 - c. ☐ dos Mouros.
4. O alcaide do castelo pretendia casar a sua sobrinha
 - a. ☐ com um cavaleiro cristão.
 - b. ☐ com Afonso Henriques.
 - c. ☐ com o seu filho.
5. No entanto, a jovem apaixona-se por
 - a. ☐ um cavaleiro cristão.
 - b. ☐ um jovem mouro.
 - c. ☐ um familiar afastado.
6. O primo da rapariga opôs-se a esta relação porque
 - a. ☐ ela deveria casar com um nobre mouro.
 - b. ☐ a rapariga lhe estava prometida.
 - c. ☐ o cavaleiro cristão não era nobre.
7. Como se vingou ele?
 - a. ☐ Prendeu-a à ponte e amaldiçoou-a.
 - b. ☐ Enterrou-a debaixo da ponte e amaldiçoou-a.
 - c. ☐ Disfarçou-se de mendigo e amaldiçoou-a.
8. A maldição do mouro foi
 - a. ☐ fazê-la esquecer o seu amado.
 - b. ☐ encantá-la debaixo do terceiro arco da ponte.
 - c. ☐ transformá-la numa moura do rio.
9. A moura poderia libertar-se se
 - a. ☐ um outro cristão se apaixonasse por ela.
 - b. ☐ o cavaleiro cristão lhe demonstrasse o seu amor.
 - c. ☐ a ponte fosse demolida.
10. Segundo a lenda, ainda hoje
 - a. ☐ se ouvem as súplicas da moura, tentando encantar os jovens.
 - b. ☐ se ouve o choro da moura, chamando o nome do seu amado.
 - c. ☐ se vê a moura sentada na ponte, à espera do seu amado.



A alimentação é um dos grandes paradoxos da humanidade

nos tempos que correm. Morremos por falta dela e matamo-nos
5 pelo excesso dela. Enquanto em metade do mundo o fácil acesso
a todo o tipo de alimentos é causa de doenças, muitas vezes incapacitantes e outras vezes até fatais, noutra metade a dificuldade em chegar à comida tem o mesmo tipo de consequências, embora as doenças sejam outras. Por mais explicações que reputados eco-
10 nomistas nos deem, é-nos mesmo difícil entender porque é que os alimentos que sobram no mundo da abundância têm de ser destruídos ou deitados fora, em vez de irem direitinhos para os países onde, em pleno século XXI, se morre – literalmente – de fome. O direito à alimentação é um dos direitos fundamentais do ser
15 humano. Mas mais do que um direito é uma necessidade básica, uma condição essencial à sobrevivência. Claro que devemos preocupar-nos com a “nossa” alimentação: devemos tentar que seja equilibrada e nos ajude a sermos saudáveis e a termos qualidade de vida. Devemos fazer campanhas para promover a educação
20 alimentar e conseguir retirar dos mercados produtos que, reconhecidamente, são nocivos para o nosso organismo. Devemos apoiar movimentos, associações, grupos que lutem contra os males que o excesso de comida traz à nossa sociedade. Mas não podemos deixar de sentir que este é um combate egoísta quando
25 um sexto da população mundial morre por falta dos mais básicos alimentos. Podemos achar que não está nas nossas mãos mudar este estado de coisas – e provavelmente não está. Mas podemos passar a ter uma preocupação mais efetiva com aqueles que morrem devido à falta do que nós temos em tal excesso que está a
30 matar-nos.

Sofia Barrocas, in *Notícias Magazine*, 21 de março de 2010



Teste de compreensão oral

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Título: *A alimentação*

1. Classifica as afirmações seguintes como verdadeiras (V) ou falsas (F).

- | | V | F |
|---|--------------------------|--------------------------|
| a. Um paradoxo é um exagero. | ☐ | ☐ |
| b. O acesso aos alimentos é desigual nas duas “metades” do mundo. | ☐ | ☐ |
| c. O excesso de alimentos causa doenças mais graves que a sua falta. | ☐ | ☐ |
| d. O excesso de alimentos pode provocar a morte. | ☐ | ☐ |
| e. Os alimentos em excesso provenientes do “ <i>mundo da abundância</i> ” são distribuídos nos países onde faltam. | ☐ | ☐ |
| f. O direito à alimentação é considerado um direito fundamental do ser humano. | ☐ | ☐ |
| g. O desperdício alimentício é perturbante para a autora do texto. | ☐ | ☐ |
| h. A afirmação “ <i>este é um combate egoísta</i> ” refere-se à luta contra a fome. | ☐ | ☐ |
| i. Com a expressão a “ <i>noossa alimentação</i> ”, a autora refere-se à alimentação de todos os seres humanos. | ☐ | ☐ |
| j. A falta de alimentos básicos afeta um sexto da população mundial. | ☐ | ☐ |
| k. O texto enumera uma série de ações a desenvolver na metade do mundo mais abastada para uma vida mais saudável e com qualidade. | ☐ | ☐ |
| l. Existem produtos alimentares nocivos para o ser humano a serem comercializados. | ☐ | ☐ |
| m. De acordo com o texto, a alteração do acesso aos alimentos está, provavelmente, nas mãos de cada um de nós. | ☐ | ☐ |





Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____
Avaliação _____ Professor(a) _____

Título: *Quintinha dos animais*

Escolhe a opção correta em cada alínea.

1. A “Quintinha dos animais” é
 - a. ☐ um hotel para animais.
 - b. ☐ uma instituição de apoio aos animais.
 - c. ☐ uma clínica veterinária.
2. Esta associação localiza-se perto
 - a. ☐ de Albufeira.
 - b. ☐ de Faro.
 - c. ☐ de Loulé.
3. O projeto existe há
 - a. ☐ uma década.
 - b. ☐ cerca de onze anos.
 - c. ☐ mais de vinte anos.
4. O seu objetivo é
 - a. ☐ recolher animais abandonados.
 - b. ☐ fazer criação de animais.
 - c. ☐ acolher animais durante as férias dos donos.
5. Na instituição, trabalham
 - a. ☐ oito funcionários.
 - b. ☐ seis funcionários e dois voluntários.
 - c. ☐ oito voluntários e dois funcionários.
6. A subsistência económica do projeto depende
 - a. ☐ dos contributos das câmaras municipais do Algarve.
 - b. ☐ das doações de particulares e do subsídio da uma câmara do Algarve.
 - c. ☐ dos donativos de particulares e da venda dos animais.
7. Marisa Teixeira menciona diversas autarquias algarvias para
 - a. ☐ elogiar a sua postura face à instituição.
 - b. ☐ criticar a sua atitude relativamente à associação.
 - c. ☐ descrever como atuam em relação aos animais abandonados.
8. O apoio médico é prestado
 - a. ☐ em clínicas especializadas da região.
 - b. ☐ apenas por veterinários que trabalham gratuitamente.
 - c. ☐ por uma veterinária e outros veterinários voluntários.
9. Ao longo da sua existência, esta instituição recolheu
 - a. ☐ gatos e cães.
 - b. ☐ cães, gatos, mulas e burros.
 - c. ☐ todo o género de animais.
10. A população da “Quintinha dos animais”
 - a. ☐ está no seu limite máximo de ocupação.
 - b. ☐ é reduzida, pois o abandono dos animais diminuiu.
 - c. ☐ já foi maior e mais diversa.



Teste de compreensão oral 6 – vídeo

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Título: *Teatro*

1. Visualiza um vídeo* sobre o teatro e completa a grelha.

a. País considerado como o local de origem do teatro	
b. Situações representadas em palco pelas personagens	
c. Objetivos do teatro no passado e no presente	• • •
d. Símbolo que representa o teatro	
e. Elementos que intervêm no texto dramático	• • • •
f. Momentos da ação no texto dramático e sua definição	•
	•
	•

***Nota:** Trata-se da sequência de aprendizagem sobre a ação no texto dramático do BRIP:
http://brip.escolavirtual.pt/page.php/resources/view_all?id=7por_00025



Grelha de registo de avaliação dos testes de compreensão oral						
Turma: ____	Teste 1 "Banco Alimentar"	Teste 2 "LED"	Teste 3 "A mouro da ponte de Chaves"	Teste 4 "A alimentação"	Teste 5 "Quintinha dos animais"	Teste 6 "Teatro"
Alunos	Data: __/__/__	Data: __/__/__	Data: __/__/__	Data: __/__/__	Data: __/__/__	Data: __/__/__
1.	__ em 10*	__ em 9*	__ em 10*	__ em 13*	__ em 10*	__ em 6*
2.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
3.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
4.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
5.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
6.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
7.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
8.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
9.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
10.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
11.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
12.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
13.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
14.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
15.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
16.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
17.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
18.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
19.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
20.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
21.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
22.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
23.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
24.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
25.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
25.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
27.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6
28.	__ em 10	__ em 9	__ em 10	__ em 13	__ em 10	__ em 6

* Número de respostas corretas relativamente ao número total de perguntas.



Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____
Avaliação _____ Professor(a) _____

A noite e o esquecimento

Num tempo em que só existia o dia, por ainda não ter sido criada a noite, morreu Jama, o primeiro homem da Criação, deixando Jami, a mulher primordial¹, inconsolável e desamparada.

Os deuses, compadecidos com o seu terrível sofrimento, perguntavam-lhe amiúde² o que era feito dele, na esperança de que já o tivesse esquecido, mas a sua resposta era sempre a mesma, por estar privada da noção de tempo:

– Jama morreu hoje mesmo.

Os deuses decidiram então conferenciar, tentando descobrir uma forma de pôr termo à tristeza e à aflição de Jami. Foi deste modo que criaram a noite, por acharem que a existência do dia não era bastante e por saberem que o sono é o filho dileto³ da noite. Talvez assim a pobre Jami pudesse ser bafejada pelo esquecimento noturno que liberta a alma dos tormentos que a assolam⁴.

Ao fazerem este raciocínio, demonstraram a sua sabedoria e a sua experiência, proporcionando condições à pobre viúva para dar tréguas ao seu constante pesar.

Jami dormiu profundamente durante uma noite inteira, a primeira de todas de que há notícia, e, na manhã seguinte, parecia estar já resignada com a perda do ente amado.

Quando os deuses lhe perguntavam que era feito do companheiro morto, pondo-a à prova, ela respondia com uma resignada tristeza:

– Já morreu há algum tempo. É assim a vida.

Observando a mudança de atitude de Jami depois desse sono reparador, um dos deuses comentou:

– Percebo agora por que se diz que o passar dos dias e das noites consegue aplacar o sofrimento causado pelas grandes perdas.

José Jorge Letria, *Lendas e contos indianos*, AMBAR, 2006

1. *primordial*: primeira. 2. *amiúde*: muitas vezes. 3. *dileto*: preferido. 4. *assolam*: afetam, atingem.

Escolhe a opção correta em cada alínea.

1. Segundo esta lenda indiana, os primeiros seres humanos foram
 - a. ☐ Adão e Eva.
 - b. ☐ Jami e Jama.
 - c. ☐ Dia e Noite.
2. Estes seres eram
 - a. ☐ deuses.
 - b. ☐ imortais.
 - c. ☐ mortais.
3. Jami sentia-se extremamente triste porque
 - a. ☐ não existia noite.
 - b. ☐ o primeiro homem ainda não tinha sido criado.
 - c. ☐ o seu companheiro morrera.
4. Os deuses perguntavam-lhe constantemente por Jama porque
 - a. ☐ pretendiam que ela não o esquecesse.
 - b. ☐ queriam verificar se ela já o teria esquecido.
 - c. ☐ não sabiam o que lhe acontecera.
5. Jami não esquecia Jama porque
 - a. ☐ o amava verdadeiramente.
 - b. ☐ achava que ele morrera recentemente.
 - c. ☐ achava que ele voltaria.
6. Os deuses criaram a noite para que
 - a. ☐ Jami se esquecesse do seu sofrimento.
 - b. ☐ as plantas e os animais descansassem.
 - c. ☐ o dia tivesse uma companheira.
7. Após a primeira noite, Jami
 - a. ☐ nunca mais pensou em Jama.
 - b. ☐ aceitou a sua perda.
 - c. ☐ esqueceu o seu amor por Jama.
8. A palavra “*dele*” (l. 5) refere-se a
 - a. ☐ Jama.
 - b. ☐ o dia.
 - c. ☐ o seu terrível sofrimento.
9. Na linha 6, a conjunção “*mas*” pode ser substituída por
 - a. ☐ logo.
 - b. ☐ pois.
 - c. ☐ porém.
10. A expressão “*O sono é o filho dileto da noite*” (l. 12) significa que
 - a. ☐ a noite propicia o sono.
 - b. ☐ o sono é filho da noite e do dia.
 - c. ☐ durante a noite, todos cedem ao sono.
11. A palavra “*aplar*” (l. 28) pode ser substituída pela forma verbal
 - a. ☐ acabar.
 - b. ☐ aliviar.
 - c. ☐ recordar.
12. Esta história pretende mostrar-nos que
 - a. ☐ o amor verdadeiro é eterno.
 - b. ☐ a noite é boa conselheira.
 - c. ☐ o tempo ameniza todas as dores.

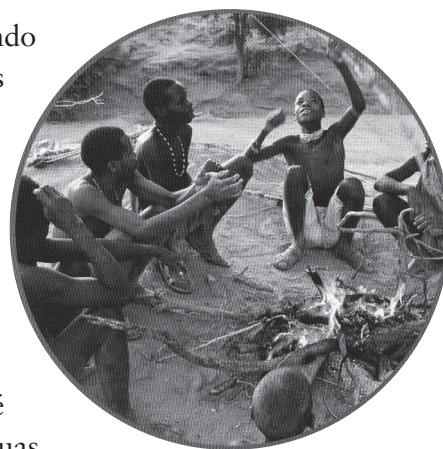


Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Quantas línguas existem no mundo?

Ninguém sabe ao certo quantas línguas são faladas no mundo inteiro. Os linguistas – assim se chamam os estudiosos das línguas – estimam que existam de 3000 a 5000 línguas em todo o mundo. Mas muitas delas ainda são desconhecidas. E sabias que nem
5 todas as línguas do mundo usam os mesmos sons que tão facilmente saem da nossa boca? Os bosquímanos, por exemplo, emitem complicados estalidos com a língua que são muito estranhos para os nossos ouvidos. Se um bosquímano, por sua vez, ouvisse uma palavra como “extraordinariamente”, iria talvez rir
10 até não poder mais. Por isso, se uma palavra é estranha ou não, é apenas uma questão de gosto... e de tradições, pois claro! As línguas mais faladas no mundo são o chinês, o inglês e o espanhol. Mas há algo que também pertence à língua, caso contrário, este livro não podia ser lido: a escrita. A certa altura, há já muito tempo, deixou de
15 ser suficiente para os homens apenas falarem uns com os outros. Também queriam que aquilo que tinham para contar pudesse, de algum modo, ser conservado para a posteridade. Então, a partir deste desejo, a escrita começou a tomar forma. Os homens das cavernas já desenhavam cenas de caça nos rochedos, e a escrita evoluiu a partir desses
20 símbolos. Os antigos egípcios utilizavam os seus famosos hieróglifos, com os quais podiam formar uma frase partindo da combinação de diferentes símbolos. Ainda demorou muito tempo até que se inventasse uma escrita que já não usasse imagens mas apenas símbolos para cada som. O “A” do alfabeto, sozinho, não significa nada, apenas
25 representa um determinado som. Mas se juntarmos um “R”, um “C” e outro “A” e lermos os sons todos seguidos, temos uma “arca”. Este sistema de sons é, evidentemente, muito mais prático do que desenhar uma arca sempre que fosse necessário ir à arca buscar qualquer coisa.



- A palavra “bosquímano”
30 significa “homem do bosque” e designa os membros de um povo que habita a região sudoeste de África.
35 Aparentemente, este povo tem uma longa história, estimada em vários milhares de anos, mas neste momento existem apenas
40 pequenas povoações, principalmente no deserto do Calaári, na Namíbia. Este povo tem uma forma de comunicação muito
45 característica: os seus membros fazem-se entender por meio de um complexo sistema de estalidos.

Ilse Heil e Oliver Arnim, *O grande livro das 555 perguntas*, 2.ª ed., ASA, 2008

1. Classifica as seguintes afirmações como verdadeiras (V), falsas (F) ou indeterminadas (I).

	V	F	I
a. Atualmente, todas as línguas são conhecidas.	☐	☐	☐
b. Aqueles que estudam as línguas chamam-se linguistas.	☐	☐	☐
c. Existem 4325 línguas no mundo.	☐	☐	☐
d. Todas as línguas do mundo utilizam os mesmos sons, embora combinados de forma diferente.	☐	☐	☐
e. As três línguas mais faladas no mundo são o chinês, o inglês e o português.	☐	☐	☐
f. A escrita foi criada para que outros povos pudessem aprender línguas estrangeiras.	☐	☐	☐
g. A escrita foi inventada pelos homens das cavernas.	☐	☐	☐
h. Os hieróglifos eram símbolos utilizados pelos antigos egípcios para comunicarem.	☐	☐	☐
i. Inicialmente, a escrita utilizava imagens que, progressivamente, foram sendo substituídas por símbolos que representavam sons.	☐	☐	☐
j. Presentemente, os bosquímanos habitam apenas na Namíbia.	☐	☐	☐
k. O número de bosquímanos diminuiu devido ao aumento da emigração dos seus membros.	☐	☐	☐
l. Este povo comunica através de estalidos com a língua.	☐	☐	☐

DIALACT e Porto Editora

2. Assinala a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

2.1. A palavra “*emitem*” (l. 7) pode ser substituída por

- a. ☐ treinam. b. ☐ produzem. c. ☐ imitam.

2.2. A conjunção “*Mas*” (l. 4) pode ser substituída por

- a. ☐ Então. b. ☐ Por outro lado. c. ☐ No entanto.

2.3. A palavra “*que*” (l. 7) tem como antecedente

- a. ☐ “Os bosquímanos”. b. ☐ “estalidos”. c. ☐ não tem antecedente.

2.4. A expressão “*começou a tomar forma*” (l. 18) significa

- a. ☐ difundiu-se. b. ☐ desenvolveu-se. c. ☐ foi desenhada.

2.5. A palavra “*característica*” (l. 45) pode ser substituída por

- a. ☐ particular. b. ☐ frequente. c. ☐ interessante.



Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Árvores

As árvores podem ser divididas em duas categorias: caducifólias e perenifólias. As árvores de **folha caduca** ou **caducifólias** perdem a folha todos os anos, na estação desfavorável. A maior parte das caducifólias tem folhas finas e macias que secam facilmente. Estas começam a cair no outono, quando a temperatura
5 baixa. No inverno, se o solo congelar, há menos água disponível. Se as árvores de folha caduca mantivessem as suas folhas nesta estação, perderiam muita água por transpiração através delas.

Nalgumas regiões, por exemplo, nas pradarias, existem duas estações: a estação das chuvas e a estação seca. As árvores que aí se encontram deixam cair as suas folhas no início da estação
15 seca, quando o teor de água no solo desce abaixo de um determinado nível. As folhas começam novamente a crescer no início da estação das chuvas, quando volta a haver
20 água disponível no solo.

As árvores que não perdem as suas folhas de uma só vez chamam-se **perenifólias** ou de **folha perene**. Ao contrário do que acontece
25 com as árvores de folha caduca, elas possuem folhas duras, cobertas por ceras que as impermeabilizam, diminuindo a perda de água. Estas plantas são capazes de sobreviver e crescer em locais onde existe pouca água disponível. A persistência das folhas significa também que elas podem continuar a produzir o seu alimento durante o inverno, apesar de haver menos radiação solar disponível.



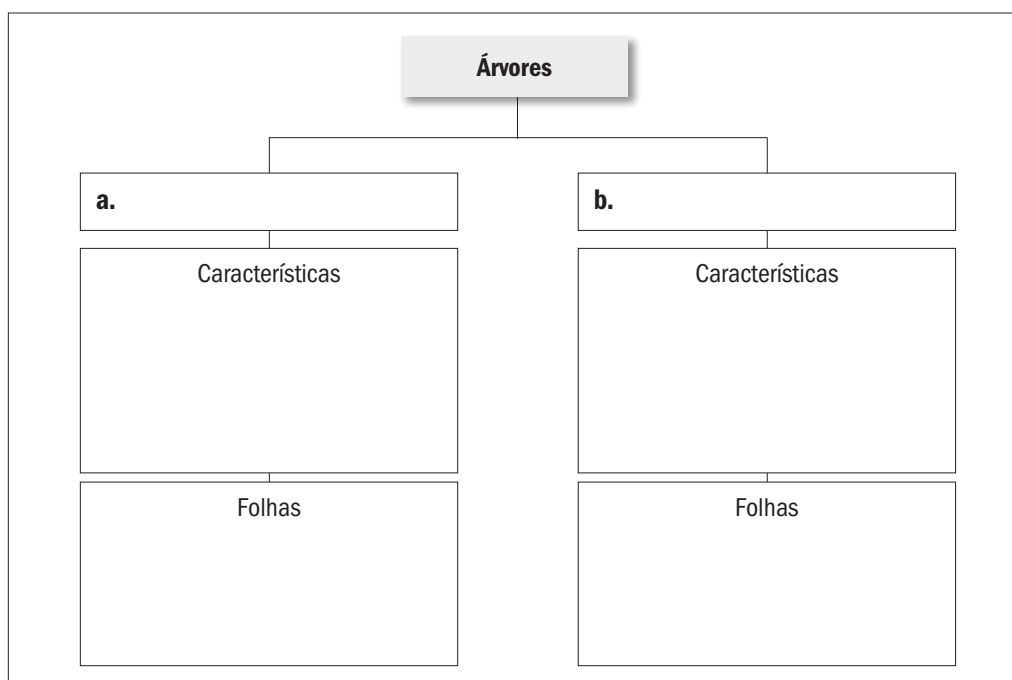
in <http://vivereamar.blogspot.pt>

As árvores desta fotografia são coníferas. Possuem folhas estreitas, com uma pequena área de superfície, revestidas por ceras. Deste modo, pouca água é perdida através das suas folhas.

1. Classifica as seguintes afirmações como verdadeiras (V), falsas (F) ou indeterminadas (I).

	V	F	I
a. A classificação das árvores depende do que sucede às suas folhas, durante as estações do ano.	☐	☐	☐
b. As árvores cujas folhas caem semestralmente são designadas caducas.	☐	☐	☐
c. A queda das folhas das árvores caducas permite que estas consigam sobreviver durante estações em que existe menos água.	☐	☐	☐
d. O crescimento e queda das folhas caducas são influenciados pelas condições climáticas.	☐	☐	☐
e. As pradarias são as únicas regiões onde só existem duas estações.	☐	☐	☐
f. As tílias crescem na pradaria.	☐	☐	☐
g. As árvores de folha caduca comportam-se da mesma forma em todos os ambientes: nas estações quentes possuem folhas e nas estações mais chuvosas e frias, não.	☐	☐	☐
h. Existem plantas coníferas em todo o território português.	☐	☐	☐
i. As características das folhas perenes permitem uma maior perda de água.	☐	☐	☐
j. As árvores perenifólias sobrevivem em locais onde existe pouca água.	☐	☐	☐

2. Completa o esquema de acordo com a informação presente no texto.



Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____
Avaliação _____ Professor(a) _____

Grandes tremores

Os terremotos são imprevisíveis e conhecem-se mal os fatores que os provocam. No entanto, pensa-se que a colisão das placas e outros distúrbios originam ondas de choque que penetram bem fundo na Terra e fazem ricochete no núcleo, causando grandes sismos através da crosta.

A escala de Richter

5 Foi em 1935 que dois geólogos americanos inventaram uma forma de comparar terremotos. Chamavam-se Beno Gutenberg e Charles Richter, ficando a escala conhecida pelo apelido deste último.

A escala de Richter diz-nos que um terremoto de 7,3 é dez vezes mais forte do que um de 6,3 e 100 vezes mais forte do que um de 5,3. A escala é uma simples medição de magnitude, mas nada nos diz
10 acerca dos estragos que o sismo provoca. Um sismo com a magnitude 7 na escala de Richter que ocorra bem no interior do manto, a uns 650 quilómetros de profundidade, pode não causar quaisquer danos à superfície, enquanto um mais pequeno, que aconteça apenas a seis ou sete quilómetros de profundidade, pode desencadear uma destruição maciça. Os estragos também dependem muito da duração do terremoto, da frequência e intensidade das réplicas¹ e da região afetada.

15 Três monstros

Já houve muitos terremotos desde a invenção da escala de Richter – por exemplo, um no Alasca, em março de 1964, que atingiu os 9,2 na escala, e um outro no oceano Pacífico, ao largo da costa do Chile, em 1960, que atingiu a impressionante magnitude de 9,5.

Mas, se falarmos em devastação, o pior terremoto de que reza a História foi o que destruiu Lisboa em 1755. Poucos minutos antes das dez da manhã, Lisboa foi atingida por um súbito solavanco lateral, agora estimado de magnitude 9,0, que a fez tremer violentamente durante seis longos minutos. Os sobreviventes só gozaram três minutos de calma antes do segundo abalo. Por fim, deu-se um terceiro abalo e a força das convulsões era tão grande que a água se recolheu do porto da cidade, regressando numa onda de 15 metros que potenciou a destruição. No final, pelo menos 60 000
25 soas morreram e quase todos os edifícios estavam reduzidos a escombros.

Os sismos são fenómenos muito comuns. Em média, ocorrem por dia, algures no mundo, 1000 sismos de magnitude 2,0 ou superior – o suficiente para dar uma valente sacudidela a quem estiver por perto.

Bill Bryson, *História (mesmo) breve de quase tudo*, Bertrand Ed., 2008 (texto adaptado)

1. *réplica*: movimento sísmico de menor intensidade que o sismo principal, que se segue ao primeiro abalo.



Escolhe a opção correta em cada alínea.

1. Há uma relação direta entre os terremotos e a
 - a. ☐ colisão das placas tectónicas.
 - b. ☐ temperatura do núcleo terrestre.
 - c. ☐ rotação do planeta Terra.
2. A escala de Richter permite
 - a. ☐ prever quando ocorrerá um terremoto.
 - b. ☐ saber quais os estragos causados por um terremoto.
 - c. ☐ medir a intensidade de um terremoto.
3. Beno Gutenberg e Charles Richter
 - a. ☐ descobriram os fatores que provocam terremotos.
 - b. ☐ criaram a escala de Richter.
 - c. ☐ competiram pela criação de uma escala para terremotos.
4. Até 1935,
 - a. ☐ não existiam terremotos.
 - b. ☐ não era possível ter uma noção da intensidade dos terremotos.
 - c. ☐ considerava-se que todos os terremotos tinham a mesma intensidade.
5. Os danos provocados por um terremoto dependem
 - a. ☐ apenas da sua magnitude.
 - b. ☐ da sua intensidade e profundidade.
 - c. ☐ apenas da duração do terremoto e da frequência das réplicas.
6. O título “Três Monstros” remete para
 - a. ☐ os três maiores terremotos de que há registo.
 - b. ☐ a destruição causada pelas três réplicas do terremoto de Lisboa.
 - c. ☐ os três minutos entre o primeiro e o segundo abalo do terremoto de Lisboa.
7. Segundo o texto, os três maiores terremotos registados ocorreram
 - a. ☐ no século XX.
 - b. ☐ entre o século XVIII e XX.
 - c. ☐ entre o século XVII e XIX.
8. O maior terremoto já registado ocorreu
 - a. ☐ em Lisboa.
 - b. ☐ no Alasca.
 - c. ☐ no Chile.
9. A magnitude do terremoto de Lisboa é apenas “estimad(a)” (l. 21) porque
 - a. ☐ apesar de já existirem sismógrafos na época, Lisboa não possuía um.
 - b. ☐ a escala de Richter ainda não tinha sido criada.
 - c. ☐ não foram registados relatos de sobreviventes.
10. O terremoto de Lisboa
 - a. ☐ foi seguido de duas réplicas e uma onda gigante.
 - b. ☐ não possuiu réplicas, durando seis minutos.
 - c. ☐ causou a morte a todos os habitantes da cidade.
11. Os sismos são
 - a. ☐ raros, registando-se, em média, apenas dez por ano.
 - b. ☐ comuns, registando-se cerca de 1000 por ano.
 - c. ☐ frequentes, registando-se, em média, 1000 por dia.



Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Jogos de computador

Ao saltarem e percorrerem paisagens urbanas sujas ou lutarem com inimigos perversos, as personagens dos atuais jogos de computador são tão apelativas e realistas que parece terem vida. Já não são só jogos para crianças. Os jogos são difíceis de dominar e têm enredos que mantêm também os adultos colados ao ecrã. Os jogos dependem do poder da informática atual para os efeitos espetaculares. Não há muito tempo, quando os computadores eram mais lentos e simples, as personagens do ecrã eram simples riscos e a única simulação de desportos eram jogos simples de pingue-pongue.

O primeiro jogo de computador

Assim que os computadores tiveram ecrãs, os programadores começaram a criar jogos de computador. O primeiro foi criado por Stephen Russell (nascido em 1937), em 1962, um estudante do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos EUA. No jogo, duas naves espaciais (triângulos) simples disparavam torpedos (pontos), enquanto giravam em torno de um planeta (círculo). Chamava-se *Spacewar* e era viciante, mas o seu desenvolvimento custou o equivalente a seis anos de salário de um programador.

Máquinas de jogos

As máquinas de jogos, acionadas por moedas, começaram com ténis de mesa. Ainda mais simples do que o *Spacewar*, o *Pong* usava linhas para as raquetas e um quadrado para uma bola, mas tornou-se imensamente popular. Inventado pelo americano Nolan Bushnell (nascido em 1943), o *Pong* lançou a indústria dos jogos de computador. As consolas de jogos de computador, que se ligam a aparelhos de televisão, surgiram pela primeira vez em 1972.

Consolas de alta tecnologia

Atualmente, os jogos de computador mais rápidos e excitantes são os das consolas. Concebidos para conferir realismo e velocidade, têm os *chips* de processamento de imagem mais avançados para criar gráficos que mudem rapidamente e com suavidade. Ligados a outros jogadores por controladores sem fios, ou pela Internet, os jogadores podem competir com os melhores amigos ou até com desconhecidos!



30 Os jogos de computadores não são apenas para os mais jovens: os adultos também jogam. A indústria de jogos rende mais dinheiro do que a dos filmes; e os heróis dos jogos muitas vezes acabam em filmes. As personagens que utilizam armas, como Lara Croft, preocupam os pais, mas os jogos de simulação como *The Sims* mostram que carros velozes, sangue e terror não são fundamentais para o
35 sucesso.

Em 1978, o jogo *Space Invaders* tinha gráficos simples, mas poucos conseguiam resistir a eliminar o avanço dos extraterrestres! Era tão popular que nalgumas cidades japonesas esgotaram-se as moedas de 100 ienes usadas para jogar nas máquinas.

James Robinson, *Inventos*, Círculo de Leitores, 2008 (texto adaptado)

1. Classifica as afirmações como verdadeiras (V), falsas (F) ou indeterminadas (I).

	V	F	I
a. As personagens dos jogos de computador são apelativas porque lutam com inimigos perversos.	☐	☐	☐
b. Os jogos de computadores destinam-se apenas a crianças e jovens.	☐	☐	☐
c. A evolução dos jogos de computador foi rápida.	☐	☐	☐
d. A indústria dos jogos rende 100 milhões por ano.	☐	☐	☐
e. Nunca existiram computadores sem ecrã.	☐	☐	☐
f. O primeiro jogo criado para uma consola chamava-se <i>Spacewar</i> .	☐	☐	☐
g. Stephen Russel enriqueceu devido à criação deste jogo.	☐	☐	☐
h. O <i>Pong</i> foi um jogo muito popular das máquinas de jogos.	☐	☐	☐
i. <i>The Sims</i> é um jogo com carros velozes, sangue e terror.	☐	☐	☐
j. Em algumas cidades, o <i>Space Invaders</i> levou a que se esgotassem as moedas de 100 ienes.	☐	☐	☐
k. Para jogar com outras pessoas, os jogadores têm de recorrer à Internet.	☐	☐	☐

2. Procura no texto as seguintes informações.

- Ano em que surgiram as primeiras consolas de jogos.
- Criador do primeiro jogo de computador.
- Escola onde estudava o criador do primeiro jogo de computador.
- Personagem de videojogo que utiliza armas.
- Nome do inventor do *Pong*.
- Peça das consolas que possibilita gráficos mais rápidos e realistas.
- País em que o jogo *Space Invaders* era muito popular.



Teste de compreensão escrita 6

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____
Avaliação _____ Professor(a) _____

Corsários: piratas com licença para roubar

No século XVI, as nações europeias competiam para conquistar novas terras e obterem mercadorias lucrativas. A Espanha, com colónias valiosas nas Caraíbas, América Central e América do Sul, era um país católico poderoso, e os seus inimigos protestantes tentavam arruinar-lhe o comércio, contratando capitães de navios para atacarem em sua representação. A estes piratas com autorização do Estado para atacar navios mercantes inimigos chamava-se “corsários”.

Cartas de marca

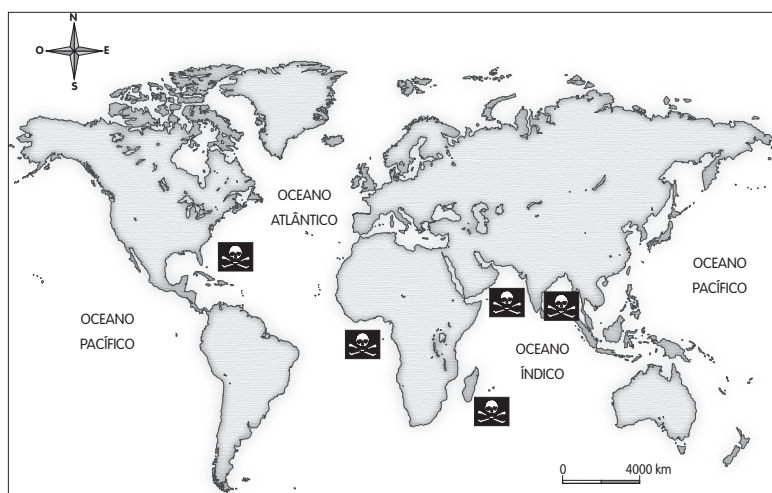
Os governantes europeus emitiam cartas de marca – contratos formais em que o monarca contratava um navio e a respetiva tripulação para destruírem o comércio marítimo do inimigo. A carta de marca autorizava atos de pirataria e garantia ao monarca uma parte de todas as mercadorias roubadas. Era simultaneamente um meio de financiar a guerra e de obter um grande lucro.

Construído para a velocidade

Os navios dos corsários eram rápidos e deslizavam melhor do que os robustos galeões espanhóis. Os corsários atacavam os galeões a tiro de canhão, evitando, assim, o risco da luta corpo a corpo a bordo.

15 Corsários heroicos

Os governantes europeus recompensavam bem os corsários. Francis Drake (1540-1596) foi armado cavaleiro pela rainha Isabel I (reinou entre 1558-1603) por atacar navios espanhóis na década de 1570. Em 1588, uma grande esquadra espanhola, a *Invencível Armada*, partiu de Espanha com o objetivo de invadir a Inglaterra. Os corsários, como Drake e John Hawkins, ajudaram a derrotar a frota e tornaram-se heróis nacionais. Um século mais tarde, René Duguay-Trouin era condecorado pelo rei francês Luís XIV pelos seus ataques contra os ingleses.



Ataques dos piratas no século XVI

Corsários tornam-se piratas

Os países europeus cujas frotas cruzavam os mares no século XVI não estiveram sempre em guerra. Mas apesar de os corsários só terem autorização para agir em situações de guerra, tal não os impediu de atacarem navios em tempos de paz. A possibilidade de obter grandes lucros era demasiado fascinante. A rainha Isabel I fechava os olhos com frequência às atividades dos seus corsários, a quem chamava “cães do mar”. Em privado, chegava a apoiar os seus ataques, os quais lhe proporcionavam grande riqueza.

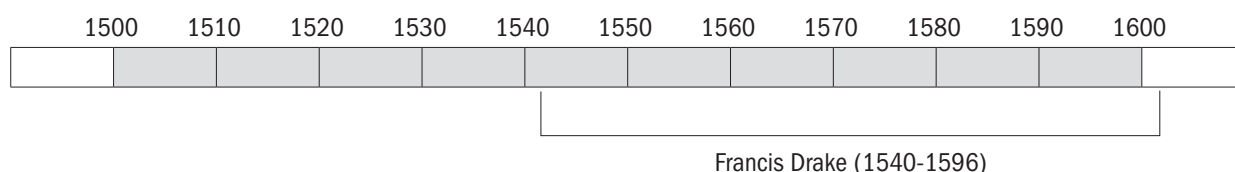
Moira Butterfield, *Piratas e contrabandistas*, Círculo de Leitores, 2006

1. Classifica as afirmações seguintes como verdadeiras (V), falsas (F) ou indeterminadas (I).

	V	F	I
a. A palavra <i>corsário</i> é sinónima de <i>pirata</i> .	☐	☐	☐
b. Os monarcas contratavam os piratas para que eles não atacassem os seus navios.	☐	☐	☐
c. Carta de marca era o nome atribuído ao documento que autorizava os piratas a atacarem todos os navios comerciais.	☐	☐	☐
d. O monarca recebia metade das mercadorias roubadas.	☐	☐	☐
e. Os galeões espanhóis eram derrotados porque eram mais lentos que os navios dos corsários.	☐	☐	☐
f. Francis Drake era um general inglês.	☐	☐	☐
g. Francis Drake foi tornado cavaleiro pela rainha Isabel I por derrotar a <i>Invincível Armada</i> .	☐	☐	☐
h. Quando não existia guerra entre as nações, os corsários continuavam a sua atividade.	☐	☐	☐
i. A rainha Isabel I castigava duramente os corsários que não respeitavam os tratados de paz.	☐	☐	☐
j. A Inglaterra era o único país onde existiam corsários.	☐	☐	☐
k. Os piratas apenas atacavam no Oceano Atlântico.	☐	☐	☐

2. Sublinha todas as referências temporais que surgem no texto e completa a barra cronológica.

Século XVI – As nações europeias _____



Grelha de registo de avaliação dos testes de compreensão escrita

Turma: ____		Teste 1	Teste 2	Teste 3	Teste 4	Teste 5	Teste 6
Alunos		“A noite e o esquecimento” Data: __/__/__	“Quantas línguas existem no mundo?” Data: __/__/__	“Árvores” Data: __/__/__	“Grandes tremores” Data: __/__/__	“Jogos de computador” Data: __/__/__	“Corsários” Data: __/__/__
1.		___ em 12* ___ em 12	___ em 17* ___ em 17	___ em 11* ___ em 11	___ em 11* ___ em 11	___ em 18* ___ em 18	___ em 12* ___ em 12
2.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
3.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
4.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
5.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
6.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
7.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
8.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
9.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
10.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
11.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
12.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
13.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
14.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
15.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
16.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
17.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
18.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
19.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
20.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
21.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
22.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
23.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
24.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
25.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
26.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
27.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12
28.		___ em 12 ___ em 12	___ em 17 ___ em 17	___ em 11 ___ em 11	___ em 11 ___ em 11	___ em 18 ___ em 18	___ em 12 ___ em 12

* Número de respostas corretas relativamente ao número total de perguntas.

Soluções

Testes de compreensão oral

Teste de compreensão oral 1 (pág. 18)

1. b.; 2. c.; 3. b.; 4. a.; 5. c.; 6. b.; 7. a.; 8. b.; 9. b.; 10. a.

Teste de compreensão oral 2 (pág. 19)

1. b.; 2. b.; 3. c.; 4. b.; 5. b.; 6. c.; 7. a.; 8. c.; 9. a.

Nota: Ao longo da notícia, é pronunciado, por vezes, “LEDs”. O professor pode aproveitar a oportunidade para explicar aos alunos que as siglas e os acrónimos, na escrita, não se escrevem no plural (ou seja, deve escrever-se os LED, os CD, os DVD e as PEN e não LEDs, CDs, DVDs ou PENS).

Teste de compreensão oral 3 (pág. 20)

1. b.; 2. a.; 3. c.; 4. c.; 5. a.; 6. b.; 7. c.; 8. b.; 9. a.; 10. a.

Teste de compreensão oral 4 (pág. 22)

1. a. F; b. V; c. F; d. V; e. F; f. V; g. V; h. F; i. F; j. V; k. V; l. V; m. F.

Teste de compreensão oral 5 (pág. 24)

1. b.; 2. c.; 3. a.; 4. a.; 5. c.; 6. b.; 7. b.; 8. c.; 9. b.; 10. c.

Teste de compreensão oral 6 (pág. 25)

1. a. Grécia. b. Comédia e tragédia. c. Ensinar, comover e divertir. d. Máscara (risonha – comédia; tristonha – tragédia). e. Personagens, Ação, Tempo e Espaço. f. Exposição – apresentação das personagens e dos antecedentes da ação; Conflito – sucessão de peripécias que conduzem a um ponto culminante; Desenlace – desfecho da ação.

Testes de compreensão escrita

Teste de compreensão escrita 1 (pág. 27)

1. b.; 2. c.; 3. c.; 4. b.; 5. b.; 6. a.; 7. b.; 8. a.; 9. c.; 10. a.; 11. b.; 12. c.

Teste de compreensão escrita 2 (pág. 29)

1. a. F; b. V; c. I; d. F; e. F; f. F; g. F; h. V; i. V; j. F; k. I; l. V

2.1. b.; 2.2. c.; 2.3. b.; 2.4. b.; 2.5. a.

Teste de compreensão escrita 3 (pág. 31)

a. V.; b. F.; c. V.; d. V; e. F.; f. I.; g. F.; h. I.; i. F.; j. V.

2. a. de folha caduca ou caducifólias; perdem a folha todos os anos na estação desfavorável; folhas finas e macias, que secam facilmente;

b. de folha perene ou perenifólias; não perdem as folhas ao mesmo tempo; folhas duras, que possuem uma cera impermeabilizadora.

Teste de compreensão escrita 4 (pág. 33)

1. a.; 2. c.; 3. b.; 4. b.; 5. b.; 6. a.; 7. b.; 8. a.; 9. b.; 10. a.; 11. c.

Teste de compreensão escrita 5 (pág. 35)

1. a. F.; b. F.; c. V.; d. I.; e. F.; f. F.; g. I.; h. V.; i. F.; j. V.; k. F.

2. a. 1972; b. Stephen Russel; c. Instituto de Tecnologia de Massachusetts; d. Lara Croft; e. Nolan Bushnell; f. *Chip* de processamento de imagem; g. Japão.

Teste de compreensão escrita 6 (pág. 37)

1. a. V.; b. F.; c. F.; d. I.; e. V.; f. F.; g. F.; h. V.; i. F.; j. F.; k. F.

2. Século XVI – As nações europeias competem por terras e mercadorias; 1558-1603 – reinado da rainha Isabel I; Década de 1570 – ataques de Drake a navios espanhóis; 1588 – *A Invencível Armada* parte de Espanha com o objetivo de invadir a Inglaterra.

Teste de avaliação sumativa 1

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____
Avaliação _____ Professor(a) _____

Grupo I

Lê, com atenção, a notícia apresentada – texto A.

TEXTOS A

Britânico apanhou autocarro para ganhar maratona

Um maratonista britânico decidiu apanhar um autocarro para cortar a meta mais cedo. E conseguiu: ganhou uma medalha de bronze e ainda disse
5 que a corrida foi muito dura. No final, ganhou vergonha e perdeu a medalha.

Rob Sloan, de 31 anos, correu ao longo de 32 quilómetros na maratona de Salomon Kieler, em Inglaterra.
10 Faltavam cerca de dez quilómetros para o final da competição. Mas Rob Sloan, cansado, decidiu apanhar um autocarro e assim ganhar vantagem sobre os restantes maratonistas.

15 Saiu na paragem mais próxima da meta, que cortou em terceiro lugar, ganhando a medalha de bronze. Logo no final da corrida, disse à BBC que tinha sido uma competição muito
20 difícil.

O “crime” seria perfeito se os outros corredores não tivessem estra-



nhado o facto de Rob Sloan não ter passado por eles. O falso vencedor
25 ainda negou as suspeitas, dizendo que não passavam de boatos risíveis, mas acabou por confessar o delito.

Rob Sloan defendeu-se: disse que estava cansado quando decidiu apanhar o autocarro. Agora, além de desclassificado, corre o risco de ser expulso do seu clube e de ser proibido de voltar a correr em maratonas.

in http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=2051970
(texto adaptado e consultado em 27-02-2012)

1. Selecciona, em cada item (1.1. a 1.5.), a opção correta relativamente ao sentido do texto.

1.1. A maratona é uma corrida de aproximadamente

- a. ☐ 52 quilómetros. c. ☐ 32 quilómetros.
b. ☐ 42 quilómetros. d. ☐ 50 quilómetros.

1.2. Para ganhar vantagem sobre os restantes maratonistas, Rob

- a. ☐ tomou substâncias energéticas proibidas.
b. ☐ treinou intensamente durante meses.
c. ☐ utilizou um meio de transporte.
d. ☐ percorreu o percurso, antes da corrida.

1.3. O corredor tomou esta decisão devido

- a. ☐ à pressa.
b. ☐ à sua vontade de vencer.
c. ☐ ao valor do prémio.
d. ☐ ao cansaço.

1.4. Por causa desta atitude, Rob Sloan

- a. ☐ ficou proibido de participar em maratonas.
b. ☐ ficou em terceiro lugar na corrida.
c. ☐ foi desclassificado.
d. ☐ foi expulso do clube que representava.

1.5. A palavra “Mas” (l. 11) pode ser substituída por

- a. ☐ Por isso. c. ☐ Assim.
b. ☐ Porém. d. ☐ Logo.

2. Assinala entre as seguintes expressões, retiradas do texto, as que expressam uma opinião.

- a. ☐ “correu ao longo de 32 quilómetros” (ll. 7-8).
b. ☐ “que cortou em terceiro lugar” (l. 16).
c. ☐ “O “crime” seria perfeito” (l. 21).
d. ☐ “O falso vencedor” (l. 23).
e. ☐ “não passavam de boatos risíveis” (l. 26).
f. ☐ “decidiu apanhar o autocarro” (ll. 29-30).



Lê, com atenção, o texto B.

TEXTO B

Alfeu e Aretusa

Em Ortígia, ilha de Siracusa, a maior cidade da Sicília, há uma fonte sagrada chamada Aretusa. Em tempos, porém, Aretusa não era água nem ninfa marinha, mas uma jovem caçadora muito bela, sequaz¹ de Ártemis². Tal como a deusa que venerava, não se interessava pelos homens; tal como ela
5 também, só gostava de caçar, e a liberdade da floresta é que lhe dava prazer.

Um dia, Aretusa, cansada e afogueada pelo esforço da caminhada, aproximou-se de um rio de águas cristalinas, protegido pela sombra abundante e fresca dos chorões prateados. Seria difícil imaginar-se um lugar mais aprazível³ para um banho. Despiu-se e meteu-se na água deliciosamente fresca.
10 Nadou durante alguns momentos despreocupadamente de um lado para o outro, gozando de uma paz absoluta; depois pareceu-lhe que alguma coisa se agitava no fundo, na direção em que ela se encontrava. Assustada, saltou para a margem e, ao mesmo tempo, ouviu uma voz: “Porquê tanta pressa, bela donzela?” Sem olhar para trás, fugiu da margem, embrenhou-se nos bosques,
15 correndo com toda a velocidade a que o medo a incitava. Foi perseguida calorosa e persistentemente por alguém mais forte, se não mais rápido, que ela. O desconhecido implorou-lhe que lhe desse atenção, pois era Alfeu, o deus do rio em que se banhara, e estava loucamente apaixonado por ela. Aretusa, porém, não lhe deu ouvidos, só pensava em fugir. Foi uma corrida longa, mas
20 nunca houve dúvidas acerca de quem seria o vencedor – ele corria muito mais que ela. Exausta, por fim, Aretusa invocou a sua deusa, e não o fez em vão⁴. Ártemis transformou-a numa fonte, fendendo⁵ a terra de tal modo que se formou um túnel sob o mar, unindo a Grécia e a Sicília. Aretusa mergulhou para emergir⁶, depois, em Ortígia – o local onde gorgoleja⁷ a sua fonte, que é chão
25 sagrado, dedicado a Ártemis.

Diz-se, no entanto, que nem mesmo assim Aretusa conseguiu evitar Alfeu. A história conta que o deus, assumindo de novo a forma de rio, a seguiu através do túnel, vindo as suas águas a fundir-se com as dela na fonte. Dizem que muitas vezes se veem brotar do fundo flores gregas e que, se se deitar uma
30 taça de madeira no rio Alfeu, na Grécia, ela irá reaparecer na fonte de Aretusa, na Sicília.

Edith Hamilton, *A Mitologia*, 5.^a ed., Dom Quixote, 2005

1. *sequaz*: seguidora, devota, admiradora. 2. *Ártemis*: deusa grega dos caçadores. 3. *aprazível*: agradável. 4. *em vão*: inutilmente, desnecessariamente. 5. *fendendo*: abrindo uma fenda, rasgando. 6. *emergir*: surgir. 7. *gorgoleja*: expele em jorros.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

3. Caracteriza Aretusa.
4. Refere o motivo que levou a caçadora a banhar-se no rio.
5. Ao longo deste mito, os sentimentos de Aretusa alteram-se. Indica-os, explicitando o que os originou.
6. *“Sem olhar para trás, fugiu da margem, embrenhou-se nos bosques, correndo com toda a velocidade a que o medo a incitava.”* (ll. 14-15)
Quem a perseguia? Por que motivo?
7. A deusa Ártemis salvou-a. De que forma?
8. Depois deste episódio, Alfeu continuou a importunar Artemusa. Como?
9. Explicita o objetivo deste mito.

Grupo II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Indica a classe e a subclasse de cada uma das palavras da frase seguinte:
Em Ortígia existe uma fonte sagrada.
2. Nas frases seguintes, identifica todos os adjetivos, colocando-os no respetivo lugar do quadro.
Aretusa não era uma ninfa marinha, mas uma jovem caçadora muito bela. Era a primeira vez que mergulhava naquele rio de águas cristalinas.

Adjetivo qualificativo	Adjetivo numeral	Adjetivo relacional

- 2.1. Indica os adjetivos que variam em grau.
3. Nas frases seguintes, substitui as ☆ por advérbios, de acordo com as indicações apresentadas entre parênteses.
 - a. ☆, Aretusa despiu-se e, ☆, mergulhou nas águas do rio. [advérbios conectivos que indicam ordenação]
 - b. A certa altura, Aretusa fugiu. ☆, ela pensou que o desconhecido lhe queria fazer mal. [advérbio de frase que exprime possibilidade]
 - c. A jovem correu ☆ [advérbio de predicado com valor de modo], parando ☆ [advérbio de exclusão] quando se sentiu exausta.



4. Nas frases seguintes, substitui os constituintes destacados por pronomes pessoais:

- a. Enquanto se banhava, Aretusa ouviu **uma voz**.
- b. O rosto e o corpo de Aretusa cativaram **o deus do rio**.
- c. Alfeu tentou convencer **a jovem caçadora** a parar.

5. Observa os pronomes pessoais destacados nas frases seguintes:

- a. “Despiu-**se** e meteu-**se** na água deliciosamente fresca.” (l. 9)
- b. As águas da fonte e do rio abraçavam-**se**.

5.1. Classifica cada um dos pronomes destacados em reflexos ou recíprocos.

5.2. Reescreve a frase a.:

- a. na negativa;
- b. no futuro simples do indicativo;
- c. no condicional simples.

Grupo III

O texto **A** apresenta-nos um corredor da maratona que tomou uma atitude incorreta. Na sociedade atual assistimos, por vezes, a comportamentos incorretos ou pouco cívicos como passar à frente de outra pessoa numa fila, fazer batota, desrespeitar os peões, não cumprir horários, poluir espaços públicos...

Exprime a tua opinião sobre este tipo de comportamentos num texto bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras. Poderás começar por referir o assunto do texto e explicar a sua importância; de seguida, apresenta dois ou três exemplos de atitudes que consideres condenáveis, explicando porquê; termina com uma conclusão.

Cotações

Grupo I	50 pontos	Grupo II	20 pontos
1.	10 pontos	1.	3 pontos
2.	4 pontos	2.	5 pontos
3.	6 pontos	2.1.	1 pontos
4.	4 pontos	3.	3 pontos
5.	5 pontos	4.	3 pontos
6.	4 pontos	5.1.	2 pontos
7.	7 pontos	5.2.	3 pontos
8.	6 pontos	Grupo III	30 pontos
9.	4 pontos	Total.....	100 pontos



Teste de avaliação sumativa 2

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

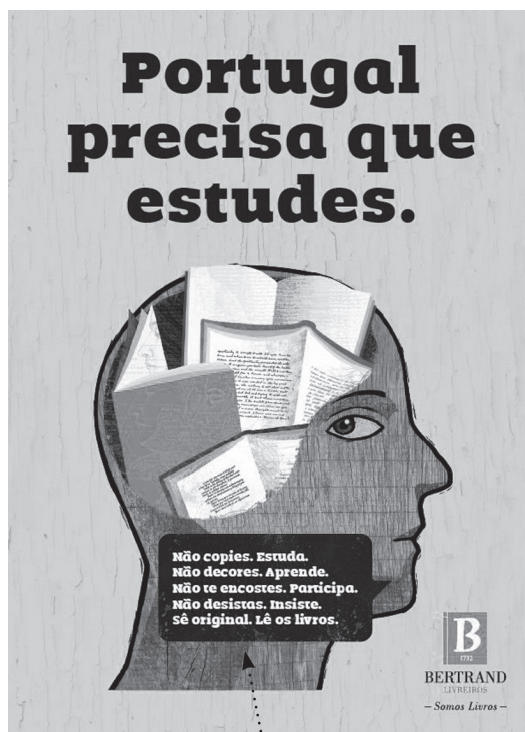
Avaliação _____ Professor(a) _____

DIAL8CP © Porto Editora

Grupo I

Observa, com atenção, o anúncio publicitário apresentado.

TEXTO A



Não copies. Estuda.
Não decores. Aprende.
Não te encostes. Participa.
Não desistas. Insiste.
Sê original. Lê os livros.

1. Selecciona, em cada item (1.1. a 1.7.), a opção correta relativamente ao sentido do texto.

1.1. Os elementos constituintes deste anúncio são

- a. ☐ imagem, texto descritivo, *slogan* e logótipo do produto.
- b. ☐ imagem, logótipo, *slogan* e texto argumentativo.
- c. ☐ imagem, logótipo, texto expositivo e *slogan*.

1.2. A imagem e o texto remetem para a seguinte ideia:

- a. ☐ os livros contêm todos os conhecimentos necessários ao ser humano.
- b. ☐ a leitura é uma forma de melhorar as notas.
- c. ☐ os livros são o principal meio de atingir o conhecimento.

1.3. No balão de fala, as frases negativas encontram-se no

- a. ☐ modo imperativo.
- b. ☐ presente do conjuntivo com valor imperativo.
- c. ☐ presente do indicativo.

1.4. A utilização de frases na negativa pretende

- a. ☐ identificar comportamentos negativos e contrapô-los a positivos.
- b. ☐ indicar os comportamentos que o cidadão português deve praticar.
- c. ☐ apresentar as regras a respeitar na escola.

1.5. O objetivo desta publicidade é

- a. ☐ convencer os portugueses a continuarem os seus estudos.
- b. ☐ demonstrar que Portugal precisa de mais licenciados.
- c. ☐ incentivar a leitura e, consequentemente, a compra de livros.

1.6. Neste contexto, a palavra “*encostes*” pode ser substituída por:

- a. ☐ feches.
- b. ☐ apoies noutros.
- c. ☐ deites.

1.7. As frases afirmativas que se encontram no balão,

- a. ☐ incentivam a determinados comportamentos.
- b. ☐ listam ordens a respeitar pelos alunos.
- c. ☐ indicam pedidos dos professores.

Lê, com atenção, o texto B.

TEXTO B

Da casa do Nicolau viam-se as árvores do Palácio de Cristal. Ela própria era um palácio: tinha quatro andares, quartos e salas sem número, que o Daniel não conhecia, um jardim de onde se avis-
tava o rio, lá em baixo. Entrava-se por uma porta – tão alta, que o topo ficava ao nível do cimo das
janelas do rés do chão elevado – para um átrio de granito polido. Subiam-se seis degraus, também de
5 granito, e, abrindo a porta dupla, de vidros foscos com lírios gravados, chegava-se ao segundo átrio,
de chão de madeira encerada e paredes forradas a um papel que não era papel.

Era seda japonesa, disse o Nicolau. Caríssima. Tudo naquela casa era caríssimo.

– O papá diz que o barato sai caro. Ele diz que o dinheiro dos pobres vale menos. Tu és pobre?

A escadaria para os andares de cima ficava mesmo em frente. À esquerda, havia um salão que
10 estava fechado. E, continuando pelo corredor ao lado esquerdo das escadas, chegava-se à cozinha,
onde caberia o apartamento do Daniel e da Beatriz no Bairro das Águias. Do lado direito, estava o
quarto de brinquedos, que era só do Nicolau. Era uma casa onde poderiam viver, à vontade, dez
famílias.

[...]

15 – Queres ir à torre da mamã? – perguntou o Nicolau.

– Torre? Como a do meu bairro?

O Nicolau riu.

– Não tem quinze andares. É uma torre baixa. Queres ir? Queres ir ver onde ela passa as tardes?

– A fazer o quê?

20 – Ah, tu não sabias? A mamã é escritora. Quer dizer, não é mesmo, só faz de conta.

[...]

Na torre, sentado numa almofada no chão, ao lado do Nicolau, o Daniel fantasiava e sonhava
enquanto a Mariana lia. Eram muitas as histórias: uma lamparina concedia três desejos a quem a
esfregasse; um homem tinha um elevador para trazer a comida da cozinha para a sala e o elevador
25 ficava encravado, e também tinha um gira-discos que repetia a mesma coisa vezes sem conta; havia
uma menina que era do mar; e dois irmãos que iam andar de barco sem a mãe saber; e uma outra
menina que se enfiava num buraco e encontrava um coelho que andava de colete e tinha um relógio
de algibeira. A voz séria da mãe do Nicolau adoçava-se quando a personagem era uma menina que
trincava uma maçã mágica; e era cortante como uma faca quando a bruxa má prendia o menino na
30 gaiola. Era um papel de embrulho grosso e lustroso se as palavras tinham sentidos carregados ou
imprevistos. E quando falava algum homem mau, algum lobo ou criminoso, a voz dele vinha lá do
fundo, era rouca e tão assustadora que até fazia arrepios.

O Daniel olhava de soslaio para aquela leitora e não via a mãe do Nicolau, a patroa da sua mãe.
Via bruxas, coelhos falantes, meninos desobedientes e atrevidos, um cavalo negro, um cão que
35 puxava trenós. Via-os a cores e em movimento; alguns fugidios, teimando em não se fixarem, como
personagens de sonhos breves, outros tão nítidos que lhe pareciam amigos de sempre, vizinhos
encontrados todos os dias ao sair de casa. E ao fim de cada história, a folha em branco para o Daniel
encher com as formas e as cores que quisesse.



Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

2. Ao longo do texto, é descrita a casa de Nicolau.

2.1. A descrição da casa é feita seguindo uma determinada ordem. Indica a ordem seguida:

- a. de uma visão de conjunto para os pormenores ou o contrário?
- b. do interior para o exterior ou o contrário?

2.2. Transcreve as expressões utilizadas para ordenar e situar no espaço os elementos descritos.

2.3. Identifica o tempo verbal predominante na descrição, exemplificando.

3. Aponta os indícios das diferenças sociais entre os dois rapazes.

4. “enquanto a Mariana lia.” (l. 23)

4.1. A voz de Mariana modifica-se ao longo da leitura. A que se devem essas transformações? Qual o seu objetivo?

4.2. Identifica e comenta a figura de retórica presente na frase:

“Era um papel de embrulho grosso e lustroso se as palavras tinham sentidos carregados ou imprevistos.” (ll. 30-31).

4.3. Comenta os sentimentos de Daniel durante a audição das histórias que Mariana conta.

Grupo II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações indicadas.

1. Indica a subclasse dos determinantes sublinhados nas frases seguintes.

“O Daniel olhava de soslaio para aquela leitora e não via a mãe do Nicolau, a patroa da sua mãe. Via bruxas, coelhos falantes, meninos desobedientes e atrevidos, um cavalo negro, um cão que puxava trenós.” (ll. 33-35)

2. Indica, agora, a subclasse dos pronomes sublinhados:

“Via-os a cores e em movimento; alguns fugidios, teimando em não se fixarem, como personagens de sonhos breves, outros tão nítidos que lhe pareciam amigos de sempre, vizinhos encontrados todos os dias ao sair de casa.” (ll. 35-37)



3. Observa os complexos verbais sublinhados nas frases da primeira coluna. De seguida, indica a forma como cada um é constituído (coluna da direita).

Frases	Complexos verbais
a. A casa <u>foi construída</u> pelo avô do Nicolau.	1. verbo auxiliar dos tempos compostos + verbo principal
b. Mariana <u>tem passado</u> os dias a escrever.	2. verbo auxiliar da passiva + verbo principal
c. Em criança, ela <u>tinha escrito</u> uns contos.	3. verbo auxiliar temporal + verbo principal
d. Ela <u>vai ler</u> uma história aos dois miúdos.	
e. Mariana <u>era vista</u> por Daniel como uma personagem das histórias.	

DLASCP © Porto Editora

4. Indica a alínea que reproduz corretamente em discurso indireto a seguinte frase:

– *Ontem fui a casa do Nicolau e a mãe dele leu-nos uma história – contou o Daniel.*

- O Daniel contou que, ontem, tinha ido a casa do Nicolau e que a mãe dele lhes tinha lido uma história.
- O Daniel contou que tinha ido a casa do Nicolau no dia anterior e que a mãe dele lhes leu uma história.
- O Daniel contou que, no dia anterior, tinha ido a casa do Nicolau e que a mãe dele lhes tinha lido uma história.

5. Escreve no discurso direto a seguinte frase:

O Nicolau disse ao Daniel que a sua mãe era uma escritora a fingir. Perguntou-lhe se, na semana seguinte, ele queria ir lá a casa ouvir mais uma das histórias que a mãe dele contava.

Grupo III

Na sua obra *Como um romance*, Daniel Pennac indica dez direitos do leitor, entre os quais os seguintes: “O direito de saltar páginas”, “O direito de ler não importa o quê” e “O direito de amar os “heróis” dos romances”. Num texto bem estruturado, com um mínimo de 190 e um máximo de 240 palavras, expõe a tua opinião sobre um destes direitos.

Cotações

Grupo I 50 pontos	Grupo II 20 pontos
1. (2 x 7) 14 pontos	1. 4 pontos
2.1. 4 pontos	2. 5 pontos
2.2. 5 pontos	3. 5 pontos
2.3. 5 pontos	4. 2 pontos
3. 8 pontos	5. 4 pontos
4.1. 4 pontos	Grupo III 30 pontos
4.2. 4 pontos	Total 100 pontos
4.3. 6 pontos	



Teste de avaliação sumativa 3

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____
Avaliação _____ Professor(a) _____

Grupo I

Lê, com atenção, o texto A.

TEXTO A

O oculista misterioso

Rui correu até à esquina da rua. Já não havia sinal do carro. Nem da rapariga. Nem da borboleta branca. Tinha na mão um sapato de fada e só isso lhe dava a certeza de que tudo o resto tinha realmente acontecido. Voltou ao oculista e lançou à fachada da loja mais uns tantos olhares especiais. Só que continuava tudo na mesma. Via sempre a “Ótica Coelho”.

5 Foi então que ele decidiu passar à ação. Ia entrar na loja e esclarecer o assunto. Afinal, a rapariga tinha saído dali com um par de sapatos. Deviam ser uns sapatos normais, de pessoas e não de fadas, tal como a “Ótica Coelho” era sempre a “Ótica Coelho”, fosse qual fosse a maneira como se olhasse para lá.

Guardou o sapato no bolso do blusão, avançou para a porta da loja e só parou no degrau de 10 pedra da entrada, gasto e amaciado pela passagem de muitos pés.

Fez rodar a maçaneta de metal, que tinha a forma de um ovo com uma serpente enrolada, e depois empurrou a pesada porta de madeira, que rangeu aflitivamente, como se ninguém lhe tocasse há já muito, muito tempo.

Um relógio de pé alto tiquetaqueava e o som mecânico era tudo o que se ouvia ali dentro. Os 15 velhos expositores de madeira mostravam algumas armações de óculos bastante antiquadas. Havia poeira acumulada por todo o lado e o soalho rangia a cada passo dele. Também se viam grossas teias de aranha nos cantos, balançando suavemente como redes de dormir.

Então sempre era verdade o que Ana lhe tinha dito. Aquela loja não era a “Ótica Coelho”, a loja moderna com uma fachada de mármore e vidro que se via de fora. Aliás, a prova estava ali 20 mesmo, na parede atrás do balcão, onde estava escrito com letras floreadas: “Oculista Coelho”. Houve uma vez em que o rapaz leu “Ocultista Coelho” mas fechou os olhos e voltou a abri-los e lá estava outra vez o “Oculista Coelho”. [...]

O velho afastou-se para o canto mais escuro da loja e regressou de lá com uns óculos feitos de tartaruga e com incrustações metálicas nos aros. Eram feios e antiquados.

- 25 – É destes óculos que tu precisas...
– Nem pensar. Eu vejo lindamente.



– Mas passas a ver melhor ainda. Quem sabe se não consegues ver até o que desejas? Não há nada que uns óculos como estes não possam resolver.

O Rui segurou os óculos, desconfiado.

30 – Vai ali para fora e experimenta olhar para aqui outra vez – disse o velho.

– Eu já lhe disse que vejo bem de mais. Tenho olhos de águia.

– Não te fies. Há coisas que nem os teus olhos de águia podem ver. Faz o que te digo e talvez encontres resposta para as tuas perguntas.

Quando o Sr. Coelho acabou de dizer isto, já estava outra vez sentado na cadeira de palhinha, 35 a ler o seu jornal.

O rapaz caminhou até à porta, hesitou e depois voltou a avançar. Saiu em silêncio, atravessou a rua até ao passeio do outro lado e pôs os óculos. Estava convencido de que o velho oculista tinha um parafuso a menos e que aquilo era uma ridícula perda de tempo.

Viu então uma espécie de nevoeiro com pontinhos brilhantes, apesar de estar um dia limpo e 40 soalheiro, como se alguém tivesse erguido ali de repente uma cortina de fumo. Depois a névoa foi-se dissipando e, atrás dela, surgiu-lhe um mundo novo. A rua era a mesma rua, só que agora estava deserta. Uma vaca branca com um gorro vermelho e um cachecol da mesma cor amarrado à volta do pescoço bebia água num fontanário, muito calmamente. Olhou para o rapaz mas desinteressou-se logo a seguir e continuou a beber.

45 O que era aquilo? Onde estava ele?

Álvaro Magalhães, *A Ilha do Chifre de Ouro*, 3.^a ed., ASA, 2008

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

1. Aponta o motivo que levou Rui a entrar no oculista.

2. Prova que o interior da loja não está de acordo com a sua fachada exterior.

3. Refere três razões pelas quais o rapaz não queria utilizar os óculos.

3.1. O que queria o Sr. Coelho dizer com a frase “*Há coisas que nem os teus olhos de águia podem ver.*” (l. 32)?

4. Relê o penúltimo parágrafo.

4.1. Transcreve uma comparação.

4.2. Apresenta as diferenças entre os dois mundos.

5. “O que era aquilo? Onde estava ele?” (l. 45)

Explica a função destas questões.



Lê, com atenção, o texto B.

TEXTO B

Meocil Pomada Oftálmica

Composição:

O **meocil**, pomada oftálmica, possui na sua composição: Acetato de prednisolona a 5 mg/g, Sulfato de neomicina a 5 mg/g e Sulfacetamida sódica a 100 mg/g.

Apresentação:

O **meocil** é apresentado sob a forma farmacêutica de pomada oftálmica, em bisnagas contendo 3,5 g.

Atividade:

Antibacteriana e anti-inflamatória ocular.

Indicações terapêuticas:

Afeções oculares que apresentem um carácter infeccioso e inflamatório.

Contraindicações:

Queratite herpética ou micótica, tuberculose ocular e antecedentes pessoais ou familiares de glaucomatosos.

Efeitos secundários e outros efeitos:

O aparecimento de eventuais reações alérgicas de hipersensibilidade à sulfacetamida ou a alguns dos componentes de meocil, pode acontecer, pelo que se recomenda, nestes casos, a suspensão da terapêutica.

Precauções:

Como em todas as preparações oftálmicas contendo corticosteroides, o seu uso prolongado deve ser seguido pelo médico.

Excipientes:

Vaselina sólida, Lanolina anidra e Parafina líquida.

Posologia, modo e via de administração:

A posologia do **meocil** deve ser instituída pelo médico especialista de acordo com as necessidades de cada caso.

Contudo, a posologia média aconselhada é a de se aplicar uma pequena porção de **meocil** 2 a 3 vezes ao dia, no saco conjuntival (espaço entre o olho e a pálpebra).

Nota:

Aquando do início da utilização da pomada oftálmica deverá rejeitar-se a primeira porção.

Avisos:

– Um medicamento destina-se ao tratamento de uma situação objetiva. Para tal deverão cumprir-se escrupulosamente as indicações médicas.

– Aconselha-se o utente a comunicar ao seu médico ou farmacêutico os efeitos indesejáveis detetados e que não constem deste folheto informativo.

– Deve verificar-se sempre o prazo de validade impresso na embalagem exterior.

– Guardar o medicamento em local apropriado, de preferência em local fresco (< 25 °C), protegido da luz e da humidade.

– Como todos os medicamentos, também este deverá ser mantido fora do alcance e da vista das crianças.

– Após a abertura da bisnaga, tal como em todas as pomadas oftálmicas, utilizar no prazo de 28 dias.

Folheto informativo



6. Diz em que secção procurarías as seguintes informações:
- a forma de aplicar a pomada;
 - em que casos não deve ser usada;
 - cuidados a ter com a conservação da pomada;
 - os elementos que constituem o produto.
7. Classifica as afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F), de acordo com o texto.
- ☐ O meocil visa o tratamento de inflamações e infeções na pele.
 - ☐ É recomendada a continuação do tratamento mesmo que surjam reações alérgicas.
 - ☐ Este preparado contém corticosteroides.
 - ☐ Para utilizar a pomada, deve abrir a bisnaga, colocar a primeira porção no dedo e aplicá-la na área indicada.
 - ☐ A posologia deve ser determinada em função das necessidades de cada paciente.
 - ☐ O medicamento deve ser aplicado duas ou três vezes ao dia na pálpebra.
 - ☐ O meocil pode ser utilizado até à data do prazo de validade apresentado na embalagem, independentemente do momento de abertura.
8. Escolhe, em cada alínea, a opção que está de acordo com o sentido do texto.
- Na linha 36, o conector “*Contudo*” pode ser substituído por
 - No entanto.
 - Com efeito.
 - Assim.
 - Consequentemente.
 - A palavra “*posologia*” (l. 32) significa
 - quantidade de medicamentos a tomar diariamente.
 - interação entre os diversos medicamentos.
 - adaptação do medicamento às características do paciente.
 - indicação da dosagem da toma ou aplicação de um medicamento.



Grupo II

1. As palavras abaixo foram distribuídas pelos grupos **A**, **B**, **C** e **D**, segundo o seu processo de formação. A cada grupo corresponde um processo diferente.

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
cor de laranja	laranjal	invulgar	enraizar
mandachuva	risada	repartir	assustar
mal-educado	poderoso	desigual	emburrar
para-choques	tristonho	predizer	entardecer

Integra, nos grupos **A**, **B**, **C** e **D**, cada uma das palavras seguintes, de acordo com o respetivo processo de formação.

imprudente • perfeitamente • pica-pau • descontente • embarcar
ensurdecer • legalizar • radiogravador • gratidão • percorrer

2. Forma nomes derivados dos verbos seguintes, sem adicionares afixos:

resgatar • comprar • chorar • denunciar

2.1. Que nome se dá a este processo de formação de palavras?

3. Identifica os sujeitos das frases seguintes e classifica-os.

- Eu estou com uma infeção nos olhos.*
- Os médicos e os farmacêuticos contactam com inúmeros doentes.*
- Todos os dias, dão conselhos aos pacientes.*

4. Reescreve as frases seguintes, substituindo os complementos indicados pelas formas adequadas dos pronomes pessoais. Procede às alterações necessárias.

- a. Complemento direto

O Rui leu, com atenção, o folheto do medicamento.

- b. Complemento indireto

Ao princípio, ele não deu importância aos conselhos do médico.

- c. Complemento direto e complemento indireto

Durante quinze dias, a mãe dará ao filho a medicação.

5. Indica a função sintática de cada um dos elementos sublinhados nas seguintes frases:

- a. O Ricardo está doente.
- b. Ele precisa de cuidados médicos.
- c. Amanhã, ele vai ao hospital com os pais.

6. Escreve, para cada alínea, a forma do verbo apresentado entre parênteses, de acordo com o tempo e o modo indicados.

a. Pretérito perfeito simples do indicativo

*Os pais (**pôr**) os medicamentos num local seguro por causa das crianças.*

b. Pretérito imperfeito simples do indicativo

*No armário dos medicamentos, (**haver**) vários frascos com etiquetas.*

c. Presente do indicativo

*O médico (**crer**) que o doente poderá regressar a casa brevemente.*

d. Futuro do indicativo

*Eles tudo (**fazer**) para que a recuperação seja rápida.*

Grupo III

No texto A, Rui depara-se com um novo mundo depois de colocar os óculos.

Continua esta narrativa, imaginando que ele resolve percorrer as ruas. Deves descrever as casas e monumentos, as lojas e os produtos que vendem, os habitantes, os seus trajes e comportamentos. Não te esqueças de que é um mundo completamente diferente do nosso!

O texto deverá conter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Cotações

Grupo I 50 pontos

1. 3 pontos
2. 4 pontos
3. 3 pontos
- 3.1. 2 pontos
- 4.1. 2 pontos
- 4.2. 6 pontos
5. 4 pontos
6. 8 pontos
7. (2 x 7) 14 pontos
- 8.1. 2 pontos
- 8.2. 2 pontos

Grupo II 20 pontos

1. 5 pontos
2. 2 pontos
- 2.1. 2 pontos
3. 3 pontos
4. 3 pontos
5. 3 pontos
6. 2 pontos

Grupo III 30 pontos

Total..... 100 pontos



Teste de avaliação sumativa 4

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

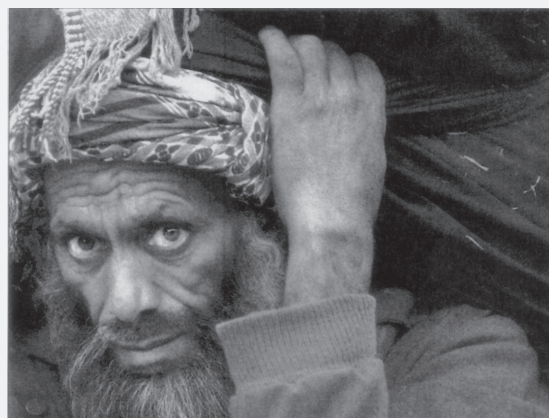
Grupo I

Lê, com atenção, o texto A.

TEXTO A

Cristo-rei

Há uma velha regra do jornalismo segundo a qual uma briga na taberna da rua vale mais como notícia do que uma catástrofe em qualquer país distante. É a famosa lei da proximidade, uma lei sempre injusta e cruel, a não ser quando o maior de todos os desastres acontece à nossa porta. Por causa dessa lei antiga que não saiu de nenhuma mente perversa, mas se ajusta à normal atitude dos seres humanos perante os factos, o que se passa no Paquistão só vagamente passa nas rádios, nas televisões e nos jornais. E, no entanto, a dimensão da tragédia¹ é tal que ninguém sabe dizer os números. Eram 50 mil mortos ontem de manhã, mas dentro de uma semana podem já ser 150 mil se o socorro não chegar às montanhas e a todas as cidades devastadas pelo terramoto. Claro que o socorro nunca chega à hora certa, como se viu em Nova Orleães. Mas chega, em geral, mais depressa onde há telemóveis e câmaras de TV, como se viu na



Tailândia, com o *tsunami*. Este homem de Caxemira, que carrega às costas todo o seu mundo, não deve saber nada sobre a lei da proximidade. Mas o seu intenso olhar de Cristo e de rei, entre o interrogativo e o acusador, diz tudo o que precisamos de saber sobre o medo e a força, o luto e a raiva, a resignação e o abandono. Tudo sobre a enorme solidão a que está entregue.

Fernando Madrinha, in *Expresso*, 15-10-2005

1. Referência a um forte terramoto que atingiu o Paquistão, o Norte da Índia e o Afeganistão, em 8-10-2005.

1. Classifica as afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F), de acordo com o texto.
 - 1.1. As notícias com mais vítimas são as que recebem maior destaque nos meios de comunicação.
 - 1.2. A lei da proximidade é uma norma jornalística que permite avaliar a relevância de uma notícia.
 - 1.3. O número de vítimas varia de acordo com a rapidez do socorro.
 - 1.4. Na catástrofe de Nova Orleães, o socorro chegou atempadamente.
 - 1.5. A divulgação de uma catástrofe torna o auxílio mais rápido.
2. Escolhe, em cada alínea, a opção que está de acordo com o sentido do texto.
 - 2.1. O jornalista refere a lei da proximidade para
 - a. demonstrar que esta lei se aplica em todo o mundo.
 - b. justificar as poucas referências à tragédia no Paquistão.
 - c. explicar um grande número de notícias sobre Portugal nos *media*.
 - d. mostrar que conhece a gíria jornalística.
 - 2.2. A rápida divulgação de um acontecimento depende
 - a. da presença de meios de comunicação audiovisuais.
 - b. do número de meios de comunicação social existentes no país.
 - c. do número de vítimas.
 - d. das vias de comunicação existentes no local.
 - 2.3. O autor da crónica refere várias catástrofes noutros países para
 - a. provar que algumas delas são noticiadas em Portugal.
 - b. comparar a sua dimensão.
 - c. mostrar o que sucedeu em diferentes situações.
 - d. comprovar que são todas semelhantes.
 - 2.4. O olhar do homem de Caxemira impressionou o cronista devido
 - a. à sua intensidade e sentimentos contraditórios expressos.
 - b. à piedade que inspira.
 - c. à capacidade de resistência à catástrofe que demonstra.
 - d. à tristeza que espelha.



2.5. Neste contexto, a expressão “*que carrega às costas todo o seu mundo*” (ll. 24-25) significa

- a. que transporta todos os seus pertences.
- b. que está preocupado com a situação.
- c. de quem dependem os seus familiares.
- d. que é responsável pelas decisões do seu país.

2.6. A expressão “*uma lei sempre injusta e cruel*” (ll. 5-6) corresponde a

- a. um facto.
- b. uma opinião.

Lê, com atenção, o texto B.

TEXTO B

– Mas que lindo pezinho de Laranja Lima! Veja que não tem nem um espinho. Ele tem tanta personalidade que a gente de longe já sabe que é Laranja Lima. Se eu fosse do seu tamanho, não queria outra coisa.

5 – Mas eu queria um pé de árvore grandão.

– Pense bem, Zezé. Ele é novinho ainda. Vai ficar um baita pé de laranja. Assim ele vai crescer junto com você. Vocês dois vão se entender como se fossem dois irmãos. Você viu o galho? É verdade que o único que tem, mas parece até um cavalinho feito pra você montar.

10 Estava me sentindo o maior desgraçado da vida. [...] Quando crescesse iam ver só. Ia comprar uma selva amazônica e todas as árvores que tocavam no céu seriam minhas. [...]

Emburrei. Sentei no chão e encostei a minha zanga no pé de Laranja Lima. Glória se afastou sorrindo.

15 – Essa zanga não dura, Zezé. Você vai acabar descobrindo que eu tinha razão.

Cavouquei o chão com um pauzinho e começava a parar de fun-
gar. Uma voz falou vindo de não sei onde, perto do meu coração.

– Eu acho que sua irmã tem toda a razão.

20 – Sempre todo mundo tem toda a razão. Eu é que não tenho nunca.

– Não é verdade. Se você me olhasse bem, você acabava descobrindo.

25 Eu levantei assustado e olhei a arvorezinha. Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava que era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar fala.



- Mas você fala mesmo?
- Não está me ouvindo?
- E deu uma risada baixinha. Quase saí aos berros pelo quintal.
- 30 Mas a curiosidade me prendia ali.
- Por onde você fala?
- Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver? Encoste seu ouvido aqui no meu tronco que você escuta meu coração bater.
- 35 Fiquei meio indeciso, mas vendo o seu tamanho, perdi o medo. Encostei o ouvido e uma coisa longe fazia tique... tique...
- Viu?
- Me diga uma coisa. Todo mundo sabe que você fala?
- Não. Só você.
- 40 – Verdade?
- Posso jurar. Uma fada me disse que quando um menininho igualzinho a você ficasse meu amigo, que eu ia falar e ser muito feliz.
- E você vai esperar?
- O quê?
- 45 – Até eu me mudar. Vai demorar mais de uma semana. Será que você não vai se esquecer de falar nesse tempo?
- Nunca mais. Isto é, para você só. Você quer ver como eu sou macio?
- Como é que...
- 50 – Monte no meu galho.
- Obedeci.
- Agora, dê um balancinho e feche os olhos.
- Fiz o que mandou.
- Que tal? Você alguma vez na vida teve cavalinho melhor?
- 55 – Nunca. É uma delícia. Até vou dar o meu cavalinho Raio de Luar para meu irmão menor. Você vai gostar muito dele, sabe?
- Desci adorando o meu pé de Laranja Lima.
- Olhe, eu vou fazer uma coisa. Sempre quando puder, antes de mudar, eu venho dar uma palavrinha com você... Agora preciso ir, já
- 60 estão de saída lá na frente.
- Mas amigo não se despede assim.
- Psiu! Lá vem ela.
- Glória chegou mesmo na hora em que eu o abraçava.
- Adeus, amigo. Você é a coisa mais linda do mundo!
- 65 – Não falei a você?
- Falou, sim. Agora se vocês me dessem a mangueira e o pé de tamarindo em troca da minha árvore, eu não queria.



Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

3. Identifica o narrador desta narrativa.
4. Indica o motivo da tristeza do menino.
5. Refere três motivos pelos quais, segundo Glória, Zezé deveria estar feliz com a sua árvore.
6. “Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava que era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar fala”. (ll. 24-26)
Identifica o recurso expressivo presente e comenta o seu valor expressivo.
7. Explica a mudança de opinião de Zezé.
8. Aponta a variedade do português utilizada no texto, indicando três características que a distinguem do português europeu.

Grupo II

1. Indica o sentido do verbo *entender* em cada uma das frases, escolhendo entre os significados apresentados à direita.

● ser de opinião que ● relacionar-se bem ● interpretar ● insinuar
--

 - a. “Vocês dois vão se **entender** como se fossem dois irmãos.” (ll. 7-8)
 - b. Ele deu a **entender** que não gostou do presente.
 - c. Ele consegue **entender** bem o que lê.
 - d. Ele disse **entender** que era o momento de acabarem com o negócio.

1.1. Que nome se dá ao conjunto de significados que uma palavra apresenta nos diferentes contextos em que surge?
2. Alarga a frase seguinte, substituindo as ☆ pelos modificadores indicados entre parênteses:
 [modificador de frase que exprima uma apreciação positiva] ☆, o garoto reagiu [modificador do GV com valor de modo] ☆ às palavras do pé de Laranja Lima.
3. Indica a função sintática de cada um dos elementos sublinhados nas seguintes frases:
 - a. “– Essa zanga não dura, Zezé.” (l. 15)
 - b. A arvorezinha era a coisa mais maravilhosa do mundo.
 - c. Todos os dias, o Zezé vai ao quintal por causa da árvore.
 - d. Os dois amigos mantinham longas conversas no quintal.



4. Escreve uma frase que respeite a seguinte estrutura:

- Sujeito composto + verbo + complemento direto + modificador do GV

5. Reescreve as frases seguintes na passiva.

- Glória ofereceu uma árvore ao Zezé.*
- De início, o garoto não tinha apreciado o presente.*
- Zezé dará o cavalinho Raio de Luar ao irmão.*

Grupo III

No texto **B**, o Zezé imagina uma conversa com um pé de laranja lima.

Cria um texto narrativo que tenha entre 180 e 240 palavras, onde dialogues com uma planta, um animal ou um objeto. Dá largas à tua imaginação: ele pode dar-te conselhos, criticar um ato teu ou pedir-te ajuda.

Não te esqueças de indicar onde e quando decorre a ação.

Cotações

Grupo I 50 pontos

- (2 x 5) 10 pontos
- (2 x 6) 12 pontos
- 4 pontos
- 4 pontos
- 6 pontos
- 4 pontos
- 4 pontos
- 6 pontos

Grupo II 20 pontos

- 2 pontos
- 1.1. 1 pontos
- 2 pontos
- 6 pontos
- 3 pontos
- 6 pontos

Grupo III 30 pontos

Total..... 100 pontos



Teste de avaliação sumativa 5

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Avaliação _____ Professor(a) _____

Grupo I

Lê, com atenção, o texto A.

TEXTO A

Cena 9

Bertoli vira-se. Alegoria aproxima-se das costas dele e percorre-as com o dedo até encontrar a zona do canto, onde o dedo para para depois se mover mais lentamente à medida que vai cantando.

[...]

⁵ **BERTOLI** – Uma canção. Uma pequena canção que me faz comichão nas costas. Foi numa conferência sobre música popular. Há mais, um pouco mais adiante, estás a vê-las?

ALEGORIA – Estou. Mas àquela acrescentaram qualquer coisa ao lado, na margem. Está meio apagado, dir-se-ia uma pauta com notas de música. Fazes ideia do que
¹⁰ seja?

BERTOLI – Sim, já mas leram e cantaram antes. Era o professor louco. Mal aqui chegava, punha-se a corrigir os livros, sobretudo os livros de música e as partituras. Quando se deram conta, proibiram-no de voltar cá. Nunca vos calhou?

ALEGORIA – Não...

¹⁵ **RACIONELLO** – A mim também não. Mas conheci outros loucos. Havia um que me requisitava todos os dias e que me decorava entoando-me em voz baixa. Tinha as unhas incrivelmente sujas. Por fim, também o expulsaram, quando se deram conta de que ele limpava as unhas com os cantos dos livros. Nunca cheguei a saber quem ele era. Em contrapartida, aquele que arrancava uma a uma as páginas da *Razão*
²⁰ *pura*, vim a saber que era um estudante alemão. Quando o apanharam em flagrante, eu estava em cima da mesa, no topo da pilha de livros que ele tinha requisitado. Cheguei a pensar que também eu não escapava.

[...]



ALEGORIA – Eu lembro-me do lambedor. Esse nunca foi apanhado em flagrante. Quando ninguém estava a reparar, lambia as páginas. Fez-me isso um dia. Era
25 nojento.

RAGIONELLO – E o comedor de maçãs, lembras-te do comedor de maçãs? Ficava cá a tarde toda e, ao mesmo tempo que lia, comia um ou dois quilos de maçãs e punha os caroços num saquinho que trazia sempre com ele. [...] Parece que não comia mais nada. Morreu durante a guerra, no ano em que não houve maçãs.

30 **ALEGORIA** – Macieiras! Gostava tanto de ver macieiras verdadeiras! Há em mim um capítulo que está cheio delas. Frutos de ouro num vale inacessível. Era a passagem preferida da condessa, lembram-se, aquela mulher grande e magra que veio todas as segundas-feiras durante trinta anos, chamávamos-lhe assim, a condessa. No fim, tinha conseguido autorização para trazer o gato. Ele punha-se em cima da mesa ao
35 lado do livro que ela estava a ler e de tempos a tempos ia dar um passeio. Mas quando estava ao lado dela, dir-se-ia que ela lia para ele. Gostava muito dos dois. Ela requisitou-me pelo menos umas dez vezes e, de cada vez, ia diretamente para o capítulo do vale das macieiras.

BERTOLI – Tens sorte. A mim, tirando professores e estudantes, ninguém me requi-
40 sita. Não, uma vez houve um operário. Fiquei a saber porque ele o disse à jovem que estava ao lado dele, a quem parecia fazer a corte, “trabalho na fábrica das lâmpadas”, foi o que ele lhe disse. Ela era estudante, tinha uns grandes olhos verdes e uma trança muito comprida, como se usava antigamente, eu gostava. Penso que os dois eram comunistas, agitadores. Não sei o que foi feito deles, de qualquer
45 modo deixaram de vir na mesma altura. Talvez tenham ido presos. Deixaram-me tão intrigado que durante semanas esforcei-me por ficar perto de livros sobre a vida nas fábricas, sobre os operários. Eram um bocadinho desconfiados, mas consegui encontrar-me com alguns e lê-los. Comecei mesmo a fazer conferências sobre o assunto mas depois compreendi que querer mudar o mundo no interior duma
50 biblioteca não fazia grande sentido. Nós, nós estamos aqui para guardar o mundo, para o conservar. (*Para Fantolin.*) Mesmo tu, que acabas de chegar e contas o fim do mundo.

FANTOLIN – É um sonho, uma visão.

RAGIONELLO – Aqui tudo é sonho e visão. Até os leitores que cá vêm, até o mundo
55 que está lá fora. Tudo se extinguirá.

ALEGORIA – E é porque tudo é assim, mortal, infinitamente mortal, passageiro, infinitamente passageiro, que nós, os livros, temos de carregar o peso de sermos um pouco imortais.

Jean-Christophe Bailly, *Uma noite na biblioteca*, Ed. Cotovia, 2009



Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

1. Identifica o tipo de texto apresentado, indicando três das suas características.
2. Que tipo de informação nos transmite a primeira didascália apresentada? Numa representação teatral, a quem poderá interessar esta informação?
3. Bertoli, Alegoria e Ragionello conversam animadamente. Indica:
 - que tipo de objetos são eles;
 - o local onde se encontram;
 - o tema da conversa.
4. Explicita os motivos que conduziram à expulsão da biblioteca de algumas das pessoas referidas.
 - 4.1. No entanto, o “lambedor” nunca foi expulso. Porquê?
5. Qual é o tema do livro Bertoli?
6. Indica qual é, segundo Bertoli, a sua função e a dos seus companheiros.
7. Explica, por palavras tuas, a última fala de Alegoria.

Lê, com atenção, o texto B.

TEXTO B

Todo o mito é um drama humano condensado

É tempo de dançar. Em *Orphée*, a dupla José Montalvo e Dominique Hervieu revisita uma das mais belas histórias de amor. A peça de 2010 pode ser vista de hoje a domingo.

Sabemos que acaba mal. Orfeu não resistiu a olhar para trás e Eurídice morreu. Os deuses não lhe perdoaram, apesar de o terem provocado. Mas o que pode o amor? Orfeu desceu aos infernos para resgatar Eurídice, sob promessa de nunca olhar para trás, mas a tentação foi maior e ela ficou, para sempre, nas mãos dos deuses, rudes, impiedosos, cruéis.



É um mito, sobre o que fazemos por amor, dos mais belos que o tempo guardou
10 e que até domingo se mostra na Culturgest, em Lisboa, através das imagens – no
palco pelos bailarinos e projetadas por vídeo – criadas pelos coreógrafos Domini-
que Hervieu e José Montalvo, também diretores artísticos do Théâtre de Chaillot,
onde a peça se estreou em 2010.

A dupla de coreógrafos é, poderíamos dizer, velha amiga da Culturgest onde já
15 apresentou *Le Jardin Io Io Ito Ito* (2000), *Bebelle Heureuse* (2003), *On Danfe*
(2005) e *Good Morning Mr. Gershwin* (2009). Em todos os seus espetáculos a
combinação entre a dança clássica e a contemporânea, entre os efeitos tecnológicos
e a coreografia, serve uma estrutura aberta, que convida o espectador a projetar um
desejo de evasão nos espaços deixados por preencher pela profusão de elementos.
20 Não é diferente agora. Misturam a dança clássica com o *hip-hop*, cantores-bailari-
nos africanos com bailarinos contemporâneos, num gesto que procura ir ao encon-
tro da universalidade artística e filosófica do mito.

A história de Orfeu e Eurídice foi, ao longo dos séculos, e desde Ovídio e Vir-
gílio, objeto de múltiplas adaptações, das óperas de Monteverdi, Gluck e Philip
25 Glass aos filmes de Jean Cocteau e Marcel Camus, do quadro de Rubens aos sone-
tos de Rilke. Em todas as leituras se procurou dar a Orfeu o mais humano dos
rostos, alimentando a ideia de que o seu drama era intemporal e, por isso mesmo,
reconhecível por todos. “Poeta divino, mas sobretudo poeta humano”, dizem os
coreógrafos, para quem a peça se equilibra “entre a força da arte e do amor”, onde
30 surge “o encantamento, o caos e a estranha magia da arte do apaziguamento, a
perda, o olhar mortal, o inferno e a fronteira entre os mortos e os vivos”.

Tiago Bartolomeu Costa, in <http://ipsilon.publico.pt/teatro/texto.aspx?id=298178>
(consultado em 13-02-2012)

8. Selecciona, em cada item (8.1. a 8.6.), a opção correta relativamente ao sentido do texto.

8.1. No mito, Eurídice fica presa no Inferno eternamente, porque

- a. Orfeu provoca os deuses.
- b. os deuses não lhe perdoam um erro.
- c. o seu amado olha para trás.
- d. o seu amor com Orfeu era proibido.

8.2. A expressão “A dupla de coreógrafos é, poderíamos dizer, velha amiga da Culturgest” (l. 14)
significa que

- a. frequentam esse espaço há muitos anos.
- b. colaboraram anteriormente com essa instituição.
- c. apreciam as peças apresentadas neste local.
- d. são amigos da atual direção deste organismo.



8.3. Nos seus espetáculos, estes coreógrafos

- a. apostam sobretudo na tecnologia.
- b. apresentam estilos de dança e música diversos, projeções multimédia, pinturas e esculturas.
- c. misturam diversos estilos de dança e tecnologia.
- d. privilegiam a tecnologia e a dança moderna em relação à dança clássica.

8.4. A história de Orfeu e Eurídice

- a. apenas sofreu adaptações literárias.
- b. só recentemente foi redescoberta.
- c. apresenta versões muito distintas.
- d. foi interpretada por diversas artes.

8.5. Ao destacar o lado mais humano de Orfeu, pretende-se

- a. reconhecer o poder do amor.
- b. mostrar que todos sofrem pelos mesmos motivos.
- c. mostrar que tal história é única.
- d. que todos se comovam com o seu drama.

8.6. O determinante possessivo sublinhado na expressão “*alimentando a ideia de que o seu drama era intemporal*” (l. 27) refere-se

- a. a Orfeu.
- b. a Eurídice.
- c. à dupla de coreógrafos.
- d. ao ser humano.

Grupo II

1. Divide e classifica as orações desta frase complexa:

Na biblioteca, os livros conversavam entre si, contavam histórias de leitores estranhos, falavam dos seus sentimentos.

2. Sublinha as conjunções coordenativas que unem as seguintes orações coordenadas. De seguida, classifica as orações iniciadas pela conjunção.

- a. *Aquele livro era pouco requisitado, pois era desinteressante.*
- b. *Um professor requisitava o livro de música e anotava as pautas.*
- c. *Alguns leitores estragaram os livros, mas foram expulsos da biblioteca.*



3. Classifica as orações sublinhadas nas frases complexas seguintes:

- Assim que a viu, ele apaixonou-se perdidamente.
- Ele lutou muito para que o seu amor fosse correspondido.
- Por vezes, ele vacilou porque ela não lhe prestava atenção.
- Se ela assim quisesse, ele mudaria de cidade ou até de país.

4. Assinala os três enunciados da coluna **B** que estabelecem uma relação de subordinação temporal com o enunciado da coluna **A**.

Coluna A	Coluna B
Todos os livros olharam para aquele leitor	- pois ele ria à gargalhada. - mal ele entrou na biblioteca. - dado que ele tinha um ar esquisito. - logo que ele se aproximou da prateleira. - para que ele os escolhesse. - mas ele não ficou intimidado. - como se ele fosse um louco. - enquanto ele preenchia a requisição.

Grupo III

O texto **B** refere um mito sobre o amor e aquilo que somos capazes de fazer por ele.

Redige um texto narrativo que possua um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, imaginando uma situação que demonstre o poder do amor.

Deves localizar a ação no espaço e no tempo e descrever as personagens, utilizando uma linguagem adequada e organizando as ideias de forma coerente.

Cotações

Grupo I 50 pontos

- (2 x 6) 6 pontos
- 4 pontos
- 6 pontos
- 6 pontos
1. 3 pontos
- 3 pontos
- 4 pontos
- 6 pontos
- (2 x 6) 12 pontos

Grupo II 20 pontos

- 4 pontos
- 6 pontos
- 4 pontos
- 6 pontos

Grupo III 30 pontos

Total..... 100 pontos



Teste de avaliação sumativa 6

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____
Avaliação _____ Professor(a) _____

Grupo I

Lê, com atenção, o texto A.

TEXTOS A

Redação

Uma senhora pediu-me
um poema de amor.

Não de amor por ela,
mas “de amor, de amor”.

5 À parte aquelas
trivialidades
“minha rosa, lua
do meu céu interior”
que podia eu dizer
10 para ela, a não destinatária,
que não fosse por ela?

Sem o objeto, o poema
é uma redação
dos 100 Modelos
15 de Cartas de Amor.

Alexandre O'Neill, *Poesias Completas 1951/1986*,
3.ª ed., INCM, 1995



DIAL8CP e Porto Editora
fotocopiável

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

1. Que pedido foi formulado ao sujeito poético?

2. Justifica por que razão o sujeito poético não consegue atender a esse pedido.
3. Explica o sentido dos versos da última estrofe.
4. Justifica a utilização de aspas na segunda e terceira estrofes.
5. Lê os versos transcritos e aponta dois recursos expressivos presentes:
“minha rosa, lua / do meu céu interior” (vv. 7-8)
6. Indica quantas estrofes compõem este poema e classifica-as de acordo com o seu número de versos.
7. Relê os quatro primeiros versos.
 - 7.1. Nos versos 2 e 4 há rima

a. branca.	c. emparelhada.
b. interpolada.	d. cruzada.
 - 7.2. Os versos 3 e 4 possuem

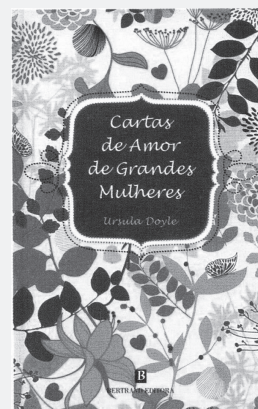
a. oito sílabas métricas.	c. seis sílabas métricas.
b. sete sílabas métricas.	d. cinco sílabas métricas.

Lê, com atenção, o texto B.

TEXTO B

Emoções no feminino

Livro que se segue a *Cartas de Amor de Grandes Homens*. Com grandes diferenças porque, como explica a autora na introdução, “para os grandes homens da História, quem eles amavam e com quem iriam casar era apenas um aspeto das suas vidas; a sua grandiosidade baseava-se nas suas conquistas noutras esferas – descobertas científicas, explorações, conquistas, triunfos políticos, empenho artístico”. Estas vias não estiveram ao alcance das mulheres até há muito pouco tempo “e é um triste facto que a grandiosidade de muitas das mulheres desta coleção esteja relacionada com a pessoa com quem casaram ou com quem do seu ventre nasceu; a sua ligação com os seus ilustres esposos ou rebentos foi o único motivo pelo qual as suas



cartas foram preservadas”. Explica a autora que “há aqui mulheres que, claro, desrespeitaram as convenções, desobedeceram às suas famílias e lutaram para controlar as suas próprias vidas. Mas eram mulheres excecionalmente brilhantes, abastadas por si só ou ambas as coisas. O que
 15 não retira nada aos seus feitos: é apenas irrelevante que a fásquia para o sucesso das mulheres fosse quase inalcançável”. Mas não deixam de ser cartas de amor, de sentimentos e emoções expressos numa linguagem cuidada e rebuscada, que é bom conhecer nesta época de namoros *fast food*, de declarações de amor por *e-mail*, SMS ou via net.

in *Notícias Magazine*, n.º 925, 14 de fevereiro de 2010

8. Selecciona, em cada item (8.1. a 8.8.), a opção correta relativamente ao sentido do texto.

8.1. As cartas que integram esta obra foram guardadas

- a. apenas devido à grandiosidade das mulheres que as escreveram.
- b. por pertencerem a grandes mulheres ou a mães ou esposas de homens famosos.
- c. pelo facto de haver quem se interesse por cartas de amor.
- d. por ter havido mulheres excecionalmente brilhantes.

8.2. Segundo a autora, o sucesso das mulheres no passado dependia

- a. da sua beleza e talento.
- b. das suas descobertas e experiência.
- c. da sua inteligência e riqueza.
- d. da sua vontade de lutar e inconformismo.

8.3. O sucesso destas mulheres não deve ser menosprezado, apesar de elas

- a. serem abastadas e inteligentes.
- b. enfrentarem a sua família e a sociedade.
- c. serem em número inferior aos homens.
- d. não possuírem o mesmo acesso ao conhecimento.

8.4. O determinante possessivo “sua” (l. 4) refere-se a

- a. grandes homens da História.
- b. grandes mulheres.
- c. autora.
- d. obra.

8.5. A palavra “convenções” (l. 13) pode ser substituída por

- a. acordos
- b. congressos.
- c. costumes.
- d. pactos.



- 8.6.** A conjunção “Mas” (l. 14) pode ser substituída pelo advérbio/locução adverbial
- Evidentemente.
 - Provavelmente.
 - Além disso.
 - No entanto.
- 8.7.** Na última frase,
- indicam-se as características das cartas de amor e compara-se a linguagem utilizada no passado e na atualidade.
 - elogiam-se as declarações de amor do passado e criticam-se as modernas.
 - apontam-se as características das antigas cartas de amor, contrapondo-as aos meios utilizados atualmente.
 - critica-se a linguagem utilizada nas cartas de amor e realçam-se os novos meios utilizados para a expressão de sentimentos.
- 8.8.** A expressão “namoros fast food” (ll. 17-18) visa criticar
- o tipo de restaurante escolhido pelos namorados.
 - a excentricidade dos namoros.
 - a duração dos namoros na atualidade.
 - a alimentação predominante nos nossos dias.

Grupo II

- Indica uma palavra ou expressão de sentido mais geral relativamente ao grupo de palavras de cada alínea.
 - carta • postal • telegrama • SMS
 - casado • solteiro • viúvo • divorciado
- As palavras seguintes são “partes” de um todo. Indica-o.
 - data • destinatário • despedida • assinatura
 - ramo • tronco • raiz • copa
- Completa as seguintes frases com as formas corretas dos verbos indicados entre parênteses.
 - Foste tu quem (**escrever**) esta carta?
 - Foram eles quem (**selecionar**) os textos.
 - Foram eles que (**editar**) esta obra.



4. Acrescenta um modificador à direita dos nomes destacados, com a forma indicada entre parênteses.
- Ele escreveu uma carta* (GAdj) à **mãe**.
 - Gosto de ler **cartas** (GPrep) escritas por **homens** (GAdj).
5. A frase *Os críticos dizem que a obra é interessante*. inclui a seguinte oração: *que a obra é interessante*.
Classifica-a.
6. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando conjunções e locuções conjuncionais das subclasses indicadas entre parênteses. Faz as alterações necessárias.
- Todos aplaudiram a autora da obra.*
A autora terminou a apresentação da sua obra.
(locução subordinativa temporal)
 - Um leitor perguntou algo à escritora.*
A seleção das cartas foi difícil?
(conjunção subordinativa completiva)
 - Hoje em dia, escrevem-se poucas cartas de amor.*
As pessoas falam muito por telemóvel.
(locução subordinativa causal)

Grupo III

Redige uma carta de amor. Deves ter em consideração as características da carta informal e utilizar um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Dirige-te ao ser amado, descrevendo os teus sentimentos e realçando as características que nele mais aprecias. Utiliza recursos linguísticos como a comparação, a metáfora ou a hipérbole para expressar as tuas ideias.

Não assines com o teu nome verdadeiro.

Cotações

Grupo I 50 pontos	Grupo II 20 pontos
1. 3 pontos	1. 2 pontos
2. 4 pontos	2. 2 pontos
3. 6 pontos	3. 3 pontos
4. 6 pontos	4. 3 pontos
5. 4 pontos	5. 4 pontos
6. 5 pontos	6. 6 pontos
7.1. 3 pontos	Grupo III 30 pontos
7.2. 3 pontos	Total..... 100 pontos
8. (2 x 8) 16 pontos	



Soluções

Teste 1

Grupo I

1.1. b.; 1.2. c.; 1.3. d.; 1.4. c.; 1.5. b.

2. c.; e.

3. Aretusa era uma jovem muito bela, que caçava, tal como a deusa de que era devota, Ártemis. Gostava do contacto com a Natureza e não se interessava por homens.

4. Aretusa estava cansada da caminhada e pretendia refrescar-se na água do rio e usufruir da sombra das árvores em redor.

5. Inicialmente, Aretusa sente-se livre, despreocupada e em paz. Depois, torna-se agitada, nervosa e fica assustada, devido à perseguição de Alfeu.

6. O deus do rio Alfeu perseguia-a porque estava apaixonado por ela.

7. Ártemis fendeu a terra, criando um túnel sob o mar, e transformou Aretusa numa fonte.

8. Alfeu assumiu a forma de rio novamente e seguiu Aretusa através do túnel, juntando as suas águas às da fonte.

9. Explicar a origem da fonte de Aretusa, na Sicília.

Grupo II

1. Preposição: *Em*; nome próprio: *Ortígia*; verbo transitivo direto: *existe*; determinante artigo indefinido: *uma*; nome comum: *fonte*; adjetivo qualificativo: *sagrada*.

2. adjetivo qualificativo: *jovem, bela, cristalinas*; adjetivo numeral: *primeira*; adjetivo relacional: *marinha*.

2.1. Os adjetivos qualificativos.

3. Por exemplo: a. Primeiro; depois / seguidamente.

b. Possivelmente.

c. velozmente; apenas / só.

4. a. Enquanto se banhava, Aretusa ouviu-a.

b. O rosto e o corpo de Aretusa cativaram-no.

c. Alfeu tentou convencê-la a parar.

5.1. Na frase **a.**, os dois pronomes pessoais são reflexos; na frase **b.**, o pronome pessoal é recíproco.

5.2. a. Não se despiu e não se meteu na água...

b. Despir-se-á e meter-se-á na água...

c. Despir-se-ia e meter-se-ia na água...

Teste 2

Grupo I

1. b.; 1.2. c.; 1.3. b.; 1.4. a.; 1.5. c.; 1.6. b.; 1.7. a.

2.1. a. De uma visão de conjunto para os pormenores; **b.** do exterior para o interior.

2.2. “lá em baixo” (l. 3), “mesmo em frente. À esquerda” (l. 9), “ao lado esquerdo das escadas” (l. 10), “Do lado direito” (l. 11).

2.3. Pretérito imperfeito do indicativo – “viam-se” (l. 1), “era” (l. 1), “tinha” (l. 1), “avistava” (ll. 2-3); etc.

3. O Nicolau vive numa casa enorme, rica, com vista para o rio; o Daniel vive num apartamento muito mais pequeno, numa torre alta, num bairro. A mãe de Daniel trabalha para a mãe do Nicolau (Mariana).

4.1. Mariana alterava a voz em função das personagens e dos momentos das histórias, procurando tornar a leitura mais expressiva.

4.2. Metáfora, que demonstra a alteração da voz de Mariana e a forma como Daniel a percecionava.

4.3. Durante a audição das histórias, Daniel encontra-se fascinado, sonhador (“*fantasiava e sonhava*”) e atento. Consoante o tom de voz de Mariana, experimenta diferentes sentimentos (como o medo).

Grupo II

1. *aquela*: demonstrativo; *a*: artigo definido; *sua*: possessivo; *um*: artigo indefinido.

2. *os, se, lhe*: pronomes pessoais; *alguns, outros*: pronomes indefinidos.

3. a. 2.; b. 1.; c. 1.; d. 3.; e. 1.

4. c.

5. Por exemplo:

O Nicolau disse ao Daniel:

– A minha mãe é uma escritora a fingir. Na próxima semana, queres vir cá a casa ouvir mais uma das histórias que a minha mãe conta?

Teste 3

Grupo I

1. Rui entrou no oculista para esclarecer o que tinha acontecido e confirmar se a rapariga tinha comprado uns sapatos de fada na “Ótica Coelho”.

2. O aspeto exterior moderno da loja contrastava com o seu interior: existia muita poeira acumulada, teias de aranha nos cantos e os produtos expostos eram antiquados; além disso, a porta de entrada rangia como se não fosse utilizada há muito tempo.

3. Eram feios, antiquados e ele não tinha dificuldades de visão.

3.1. O Sr. Coelho pretendia dizer-lhe que, mesmo tendo uma visão perfeita, não conseguiria ver tudo o que existe, ou seja, que aqueles óculos permitiam ver um novo mundo.

4.1. “como se alguém tivesse erguido ali de repente uma cortina de fumo” (ll. 39-40).

4.2. Num dos mundos, o dia estava soalheiro, enquanto no outro existia névoa. Num dos casos a rua estava deserta e, no outro caso, não. Num dos mundos existia uma vaca com um gorro e um cachecol vermelhos que bebia água num fontanário.

5. Mostrar o espanto e confusão de Rui e despertar a curiosidade dos leitores.

6. a. Posologia, modo e via de administração; **b.** Contraindicações; **c.** Avisos; **d.** Composição.

7.1. F; 7.2. F; 7.3. V; 7.4. F; 7.5. V; 7.6. F; 7.7. F

8.1. a.; 8.2. d.

Grupo II

1. A: pica-pau, radiogravador; **B:** perfeitamente, legalizar, gratidão; **C:** imprudente, descontente, percorrer; **D:** embarcar, ensurdecer.

2. resgate, compra, choro, denúncia.

2.1. Derivação não afixal.

3. a. *Eu* → sujeito simples; **b.** *Os médicos e os farmacêuticos* → sujeito composto; **c.** sujeito nulo subentendido.

4. **a.** O Rui leu-o com atenção.
b. Ao princípio, ele não lhes deu importância.
c. Durante quinze dias, a mãe dar-lha-á.
5. a. predicativo do sujeito; **b.** complemento oblíquo; **c.** complemento oblíquo.
6. a. puseram; **b.** havia; **c.** crê; **d.** farão.

Teste 4

Grupo I

- 1.1.** F; **1.2.** V; **1.3.** V; **1.4.** F; **1.5.** V.
2.1. b.; **2.2.** a.; **2.3.** c.; **2.4.** a.; **2.5.** a.; **2.6.** b.
3. Trata-se de um narrador participante que é, simultaneamente, a personagem principal – Zezé, uma criança.
4. O menino sente-se triste porque queria uma árvore maior e o seu pé de Laranja Lima é muito pequeno.
5. Por exemplo: O pé de Laranja Lima não tem espinhos, crescerá ao mesmo tempo de Zezé e este poderá brincar com ele.
6. Metáfora. Zezé refere-se à sua imaginação, o que demonstra a criatividade da criança e a sua sensibilidade.
7. Zezé imagina uma conversa com o pé de laranja lima e apercebe-se de que pode brincar com ele, o que faz com que o prefira às outras árvores.
8. O texto enquadra-se na variedade brasileira do português, como é perceptível pelas seguintes características:
 – utilização do gerúndio – “*Não está me ouvindo?*” (l. 28);
 – colocação do pronome pessoal átono antes da forma verbal – “*Glória se afastou*” (l. 14);
 – recurso a formas de tratamento como *you* em vez de *tu* – “*Mas you fala mesmo?*” (l. 27);
 – uso do determinante possessivo sem artigo – “*Eu acho que sua irmã tem toda a razão.*” (l. 19);
 – vocabulário específico como “*baita*” (l. 6) e “*cavouquei*” (l. 17).

Grupo II

- 1. a.** relacionar-se bem; **b.** insinuar; **c.** interpretar; **d.** ser de opinião que.
1.1. Campo semântico.
2. Por exemplo: Felizmente, o garoto reagiu bem às palavras do pé de laranja lima.
3. a. vocativo; **b.** predicativo do sujeito; **c.** complemento oblíquo; **d.** modificador do GV.
4. Por exemplo: O Rui e os colegas organizaram um concurso literário na semana passada.
5. a. Uma árvore foi oferecida ao Zezé pela Glória.
b. De início, o presente não tinha sido apreciado pelo garoto.
c. O cavallinho Raio de Luar será dado pelo Zezé ao irmão.

Teste 5

Grupo I

- 1.** Texto dramático – divisão do texto em cenas, presença de didascálias e indicação do nome da personagem, antes da sua fala.
2. Fornece informações sobre as movimentações e gestos das personagens. Esta informação é relevante para os atores e o encenador.

- 3.** São livros que estão numa biblioteca, conversando sobre os leitores estranhos com os quais já contactaram.
4. O professor louco corrigia livros e partituras, um outro leitor limpava as unhas aos cantos dos livros e o estudante alemão arrancava páginas dos livros.
4.1. Nunca descobriram o seu comportamento.
5. Bertoli narra o fim do mundo.
6. Conservar o mundo, guardar as suas ideias.
7. Alegoria defende que os livros têm uma missão dura: imortalizar tudo o que acontece no mundo, que de outra forma se perderia dado o carácter passageiro da vida.
8.1. c.; 8.2. b.; 8.3. c.; 8.4. d.; 8.5. b.; 8.6. a.

Grupo II

- 1.** Na biblioteca, os livros conversavam entre si, | contavam histórias de leitores estranhos, | falavam dos seus sentimentos. → orações coordenadas assindéticas.
2. a. pois era desinteressante → oração coordenada explicativa.
b. e anotava as pautas → oração coordenada copulativa.
c. mas foram expulsos da biblioteca → oração coordenada adversativa.
3. a. Oração subordinada temporal.
b. Oração subordinada final.
c. Oração subordinada causal.
d. Oração subordinada condicional.
4. b., d., h.

Teste 6

Grupo I

- 1.** Que escrevesse um poema de amor.
2. Porque não existe um destinatário para o poema.
3. Se não existir um destinatário, o poema de amor limita-se a um conjunto de trivialidades, a um modelo pré-concebido.
4. No primeiro caso, trata-se da transcrição das palavras exatas que a senhora utilizou no seu pedido; no segundo caso, é a transcrição de uma das muitas “trivialidades” que poderiam ser usadas.
5. Metáfora e apóstrofe.
6. Quatro estrofes, sendo as duas primeiras dísticos, a terceira, septilha e a quarta, uma quadra.
7.1. d.; 7.2. d.
8.1. b.; 8.2. c.; 8.3. a.; 8.4. a.; 8.5. c.; 8.6. d.; 8.7. c.; 8.8. c.

Grupo II

- 1. a.** mensagem/comunicação escrita; **b.** estado civil.
2. a. carta; **b.** árvore.
3. a. escreveu; **b.** selecionou; **c.** editaram.
4. Por exemplo: **a.** comovente; **b.** de amor; famosos.
5. Oração subordinada completiva.
6. Por exemplo: **a.** Logo que a autora terminou a apresentação da sua obra, todos a aplaudiram.
b. Um leitor perguntou à escritora se a seleção das cartas tinha sido difícil.
c. Hoje em dia, escrevem-se poucas cartas de amor, dado que as pessoas falam muito por telemóvel.

Escrita

Observação:

Relativamente aos **tipos de texto** indicados nos Programas para o 3.º ciclo (PPEB, pág. 126) e ao **referencial de textos** apresentado (PPEB, pág. 141), os alunos encontrarão várias propostas de atividades orientadas no **Manual**.

Exemplos:

- Texto de opinião (pág. 34);
- Comentário a *cartoon* (pág. 37);
- Carta de reclamação (pág. 48);
- Conto (pág. 60);
- Mito (pág. 65);
- Redação de um parágrafo (pág. 80, 174);
- Memórias (pág. 90);
- Reescrita de texto (pág. 98);
- Notícia (pág. 102);
- Resumo (pág. 122);
- Redação de início de narrativa (pág. 132);
- Retrato (pág. 145);
- Descrição (pág. 159, 163);
- Exercício de reescrita (pág. 170);
- Transformação de texto narrativo em texto dramático (pág. 189);
- Carta informal (pág. 197);
- Escrita criativa (pág. 205, 221, 225);
- Poema “à maneira de” (pág. 208);
- Poema visual (pág. 210).

Oficinas de escrita

Oficina de escrita 1

Criar um texto narrativo

Oficina de escrita 2

Descrever uma pessoa

Oficina de escrita 3

Redigir textos de imprensa

Criar um texto narrativo

1. Sugestões de atividades

- **Jogo do tempo**

Este é um jogo coletivo. Os alunos devem organizar-se em grupos de 4 a 5 alunos. Cada aluno iniciará uma história, mas só pode escrevê-la durante um período de tempo limitado. Em seguida, deverá passar o seu texto ao colega à sua direita, que o continuará, e assim sucessivamente até o primeiro receber o seu texto de volta e redigir a conclusão.

Depois de concluído o texto, o aluno deve relê-lo e, utilizando a **grelha** da página 81, corrigi-lo e reescrevê-lo, com o auxílio de dicionários ou prontuários.

É necessário decidir previamente o tempo de duração de cada período de escrita (5 a 10 minutos).

- **Contos modernos**

Transpõe um conto (popular, maravilhoso) para a atualidade.

Elabora uma lista com todos os elementos que é necessário modificar: linguagem, ações, profissões, locais, vestuário.

Em seguida, utilizando uma das **grelhas** da página 80, planifica o teu texto e redige-o.

- **Títulos**

Escolhe um dos seguintes títulos e imagina quem serão as personagens principais, as suas características e o que pretendem, onde e quando decorre a ação, as dificuldades/obstáculos enfrentados pela(s) personagem(ns) principal(ais).

A cidade perdida

O som do silêncio

A estrela que caiu do céu

A corrida

Caminhos

A ilha

A surpresa

Coração solitário

O semeador

Polícias e ladrões

Felicidade

Caça-tesouros

Encontro na discoteca

Uma conversa estranha

Alta competição



• Pontapés de saída

Escolhe uma das seguintes ideias e cria um conto.

- Um dia, ao acordar, descobres que todos os habitantes da pequena aldeia onde vives desapareceram. O que os levou a partir? Para onde terão ido? O que deves fazer agora?
- Finalmente, férias! Uma ilha paradisíaca praticamente deserta. Deitado(a) na praia, sinto o calor do sol a aconchegar-me.

Mas que ruído é este? Quem perturba o meu descanso? Espreitando por entre os arbustos atrás de mim, vi um grupo de cinco homens vestidos como piratas do século XVII. O que estaria a acontecer?

- Pedro entrou no café e mirou a vitrina com os bolos. Todos tinham um aspeto delicioso. No entanto, aquele estranho bolo cor-de-rosa, na segunda fila, captou a sua atenção. Nunca vira um bolo igual. Quando chegou a sua vez, resolveu experimentá-lo. O empregado franziu o sobrolho, olhando espantado para o bolo, mas colocou-o num prato.

Sentou-se numa mesa e trincou o bolo. Era delicioso! Subitamente, tudo à sua volta começou a aumentar de tamanho. Entrou em pânico – estava a encolher.

- Em 2063, Sofia é uma das mais brilhantes cientistas mundiais. A sua última invenção, o teleporte, permite viajar rapidamente até qualquer local no Universo.

Um dia, ao experimentar novas coordenadas na sua máquina, Sofia viaja até um país onde tudo funciona ao contrário. Como são os seus habitantes? Como se alimentam? Como viajam? Quais as suas tradições?

- Ao passeares com os teus amigos, vês, ao longe, um grupo de homens a esconder algo numa árvore. Depois de eles se afastarem, resolvem descobrir o que faziam.

O que escondiam? Como o terão obtido? O que devem vocês fazer agora?

- Ao voltar para casa por um caminho que passava pela floresta, começaste a ouvir uma estranha conversa. Contudo, não existia ninguém nas proximidades. Quem eram os interlocutores? Qual o tema da conversa? O que resolveste fazer?

- Abri o jornal e, na terceira página, deparei-me com uma notícia que parecia dirigida a mim. “Há exatamente 500 anos, o navio S. Simão naufragou ao largo da costa alentejana. Comandado por André Costa, transportava 3000 barras de ouro, 2000 barras de prata, três baús com pedras preciosas e quatro arcas com joias reais. Este gigantesco tesouro permanece no fundo do mar.”

- Um dia, enquanto estava em casa do seu avô, João ouviu um ruído estranho na sala. Curioso, espreitou e qual não foi o seu espanto quando viu, em cima do tapete, um pequeno ser roxo com umas enormes orelhas pontiagudas, semelhante a um gerbilo. Assim que o viu, o pequeno ser assustou-se e, empurrando uma pedra da lareira, fez surgir uma abertura por onde se escapuliu. João não perdeu tempo e seguiu-o.

- Acordei a meio da noite com o ruído de um vidro a estilhaçar-se. Corri à janela e vi um homem de cara coberta com uma máscara de esqui. Rapidamente, montou numa mota e, com uma mochila às costas, fugiu. Que estranho! Um assalto a um alfarrabista?! Que livro seria assim tão valioso?



2. Planificação da narrativa

“Preenche o quadro abaixo, para criares uma personagem de uma história tua.

Aquilo de que a personagem gosta e não gosta	Objetivos da personagem (o que a personagem quer alcançar)	Forças e medos da personagem
Gosta: _____	_____	Forças: _____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
Não gosta: _____	_____	Medos: _____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

DIALSCIP © Porto Editora

Pensa na tua personagem e nos seus objetivos. Que obstáculos é que ela encontra, no seu caminho, para os atingir?”

in Luísa Álvares Pereira, *Escrever com as crianças – Como fazer bons leitores e escritores*,
Porto Editora, 2008

Também podes optar por preencher a tabela, identificando e caracterizando as personagens intervenientes, o local, o espaço e definindo os principais acontecimentos e o tipo de narrador.

Personagens	Espaço	Tempo	Principais acontecimentos	Tipo de narrador
Principais:				
Secundárias:				



Depois, organiza os acontecimentos, tendo em consideração o que deve constar na **Introdução**, no **Desenvolvimento** e na **Conclusão** e, finalmente, redige o teu texto.

Introdução	Apresentação das personagens. Localização da ação no tempo e no espaço. Descrição da situação inicial.	
Desenvolvimento	Surgimento de um problema que modifica a situação inicial. Narração dos obstáculos/peripécias que a personagem principal enfrenta.	
Conclusão	Resolução do problema.	

3. Revisão do texto – grelha de verificação

Texto narrativo	Sim	Não	Como melhorar?
Na introdução, situei a narrativa no tempo e no espaço.			
Apresentei e descrevi as personagens.			
Caracterizei o espaço.			
Criei um acontecimento que causou um problema ou complicação.			
Relatei as situações que as personagens enfrentaram.			
Contei o acontecimento que pôs fim ao problema.			
Escolhi um título curto e sugestivo.			
Separei os vários momentos da história em parágrafos.			
Introduzi diálogo entre as personagens.			
Procurei substituir palavras e expressões repetidas.			
Utilizei conectores para estruturar o texto.			
Pontuação			
Ao redigir o texto, prestei atenção à pontuação.			
Entre outros cuidados:			
– quando necessário, utilizei vírgulas para separar as indicações espaciais ou temporais;			
– utilizei os sinais de pontuação próprios do diálogo;			
– isolei o vocativo com vírgula(s).			
Ortografia			
Procurei evitar erros ortográficos, revendo o texto e esclarecendo dúvidas através da consulta do dicionário ou do corretor ortográfico do computador.			



Descrever uma pessoa

1. Sugestões de atividades

- **Fotografia – descrição objetiva e subjetiva**

Observa as imagens e anota características das pessoas apresentadas.

Debate com os teus colegas os adjetivos selecionados. Todos se referem a dados objetivos ou exprimem uma opinião?

Rodeia a verde os elementos objetivos e a vermelho os subjetivos.

Em seguida, seleciona uma das pessoas e, com a ajuda da **grelha** da página 83, redige a sua descrição, imaginando os dados desconhecidos.

	Descrição
Fotografia 1	
Fotografia 2	
Fotografia 3	

DIAL8CP © Porto Editora

- **Retrato chinês**

“Fazer o retrato de si próprio ou de outrem, justapondo pelo menos seis frases com a seguinte estrutura:

Se eu fosse *um animal* seria porque (para/e fazia/e era/e)

uma árvore

um rio

uma casa

um brinquedo

uma cidade

uma flor

um fruto

um meio de transporte

um dos quatro elementos da Natureza: terra, ar, água, fogo”

Margarida Leão e Helena Filipe, 70+7 *Propostas de Escrita Lúdica*, Porto Editora

Depois de criares as frases, seleciona os adjetivos e expressões que te caracterizam e preenche a **grelha** da página 83. Finalmente, elabora a descrição.



• Criar personagem

Lê o seguinte texto e, tendo em consideração os dados fornecidos sobre o contexto, acrescenta, nos parágrafos seguintes, a descrição do marinheiro.

“Em certo dia do ano de mil setecentos e tantos, um marinheiro bateu com o seu bordão ferrado à porta da estalagem "Almirante Benbow".

Disse rudemente ao estalajadeiro, meu pai, que lhe trouxesse um copo de rum, pediu notícias da freguesia, mandou em seguida o empregado levar-lhe a bagagem e atirou sobre a mesa três ou quatro moedas de ouro.”

Robert Louis Stevenson, *A Ilha do Tesouro* (adaptado), in <http://pt.scribd.com/doc/7319790/A-Ilha-Do-Tesouro>

2. Planificação da descrição

Ao planificar uma descrição, deves ter em consideração:

- a quem se destina;
- o seu objetivo.

A descrição de um cão num manual de Ciências da Natureza será, naturalmente, diferente da descrição que farias do teu cão a um amigo – a descrição num manual será **objetiva**, enquanto a segunda será **subjativa**.

Deves, ainda, decidir se inicias a tua descrição por um **pormenor** que se destaque ou pelo **aspecto geral**. Deves sempre selecionar uma ordem de descrição e segui-la: das partes para o todo ou do todo para as partes. No retrato e no autorretrato, deves agrupar os elementos em três áreas: características **físicas**, **psicológicas** e **sociais**.

Ordem da descrição: ☐ Geral → Pormenor ☐ Pormenor → Geral

		Características
Físicas	Idade/faixa etária	
	Aspetto geral	
	Cabelo	
	Rosto	
	Olhos	
	Nariz	
	Boca	
	Mãos	
Psicológicas	Voz	
	Qualidades	
	Defeitos	
	Temperamento	
	Relação com os outros	
	Receios	
	Sonhos	

(continua)

		Características
Sociais	Contexto social	
	Profissão	
	Nível académico	
	Estado civil	
	Condição financeira	

3. Revisão do texto – retrato

Após a redação da tua descrição, confirma se respeitaste todas as indicações que constam nesta grelha. Caso respondas “Não” a alguma questão, procura descobrir o que podes melhorar.

Em seguida, aperfeiçoa o teu texto.

A descrição de uma pessoa/personagem – Revisão e autocorreção	Sim	Não
Selecionei uma ordem de descrição e respeitei-a.		
Utilizei a 1.ª pessoa (autorretrato) ou a 3.ª pessoa (retrato).		
Caracterizei a personagem/pessoa física, psicológica e socialmente.		
Indiquei elementos objetivos e subjetivos.		
Apontei sensações (visuais, auditivas, olfativas, gustativas, tácteis ou de movimento).		
Recorri a adjetivos ou expressões para caracterizar as personagens.		
Utilizei recursos expressivos como a enumeração, a comparação e a metáfora.		
Evitei a repetição dos verbos <i>ser</i> , <i>ter</i> , <i>haver</i> e utilizei verbos como <i>parecer</i> , <i>lembrar</i> , <i>sugerir</i> e <i>asemmelhar-se</i> .		
Substituí as palavras repetidas por sinónimos e por pronomes.		
Utilizei verbos no presente e/ou pretérito imperfeito do indicativo.		
Recorri a conectores para estruturar o texto.		
Pontuação		
Ao redigir a descrição, prestei atenção à pontuação.		
Utilizei as vírgulas para separar os elementos que enumerei.		
Ortografia		
Procurei evitar erros ortográficos, consultando o dicionário ou o corretor ortográfico do computador para esclarecer dúvidas.		



Redigir textos de imprensa

1. Sugestões de atividades

- **Reportagem**

Escolhe um assunto que seja interessante para a tua comunidade e sobre o qual gostasses de saber mais. Pode ser um desporto, um movimento cultural, um local, um artista/grupo ou um tema da atualidade.

O repórter visita os locais relevantes para o assunto selecionado e relata o que capta através das suas emoções.

Tema:	
Título	
Pessoas a questionar sobre o tema	
Locais a visitar	
Dados importantes	
Descrição dos ambientes	
Emoções	

Sê original! Quanto mais invulgar a perspetiva, mais interessante a reportagem!

No final, verifica, com a **grelha** da página 88, se respeitaste as características deste tipo de texto.



• Da imagem nasce a notícia

A partir da fotografia abaixo apresentada, cria uma notícia. Respeita a estrutura deste tipo de texto e responde às seguintes questões:

Quem são as pessoas fotografadas? O que sucedeu? Estão a perseguir alguém ou a fugir? Quando aconteceu isto? Onde se encontram? Como se movimentam?

Depois, cria um título apelativo.

Utiliza a **grelha** desta página para organizares a informação, sempre numa linguagem clara e objetiva.

No final, corrige o teu trabalho recorrendo à **grelha** de revisão da página 89.



7.º Prémio Fotojornalismo Visão-BES, Edimpresa, 2007

Notícia	
Título (deve ser atrativo, breve e conter informação relevante) Pode haver ainda um antetítulo e um subtítulo .	
Lead ou parágrafo-guia (deve responder a quatro questões: <i>Quem? O quê? Quando? Onde?</i>)	Quem?
	O quê?
	Quando?
	Onde?
Corpo (responde às questões <i>Como?</i> e <i>Porquê?</i>)	Como?
	Porquê?



• De história a notícia

Lê a história que te apresentamos e procura transformá-la numa notícia.

Se preferires, seleciona outro conto tradicional ou texto. Se optares por esta alternativa, deves trazer o texto escolhido para a aula. Para efetuares esta transformação, deves ter em consideração a estrutura da notícia.

Preenche a **grelha** da página 86 e, em seguida, redige a tua notícia. Caso seja necessário, poderás inventar alguns dados.

O cego e o mealheiro

Era uma vez um cego que tinha ajuntado no peditório uma boa quantidade de moedas. Para que ninguém lhas roubasse, tinha-as metido dentro duma panela, que guardava enterrada no quintal, debaixo duma figueira. Ele lá sabia o lugar, e, quando arranjava outra boa maquia, desenterrava a panela,
5 contava tudo e tornava a esconder o seu tesouro.

Ora um vizinho espreitou-o, viu onde é que ele tinha a panela e foi lá e roubou tudo. Quando o cego deu pela falta, ficou muito calado, mas começou a dar voltas ao miolo para ver se arranjava maneira de tornar a apanhar o seu dinheiro. Pôs-se a considerar quem seria o ladrão e achou que por força teria
10 de ser o vizinho. Tratou de ir à fala com ele e disse-lhe:

– Olhe, meu amigo, quero contar-lhe uma coisa muito em particular, que ninguém nos ouça.

– Então o que é, senhor vizinho?

– Eu ando doente, e isto há viver e morrer. Por isso quero dar-lhe parte
15 que tenho algumas moedas enterradas no quintal, dentro de uma panela, mesmo debaixo da figueira. Já se sabe, como não tenho parentes, há de ficar tudo para si, que sempre tem sido um bom vizinho e me tem tratado bem. Ainda tinha aí num buraco mais umas moedas de ouro e quero guardar tudo junto, para o que der e vier.

20 O vizinho, ao ouvir aquilo, agradeceu-lhe muito a intenção, e naquela noite tratou logo de ir enterrar outra vez a panela de dinheiro aonde ela estava, no fito de apanhar o resto do tesouro. Quando bem entendeu, o cego foi ao sítio, encontrou a panela e levou-a para casa. Depois desatou num grande berreiro, para que o vizinho o ouvisse:

25 – Roubaram-me! Roubaram-me tudo!

E daí em diante guardou as suas moedas num sítio onde nunca ninguém soube.

Contos Populares Portugueses, org. de Viale Moutinho, 4.^a ed., Europa-América, 1998

2. Revisão do texto

A reportagem – Revisão e autocorreção	Sim	Não	Como melhorar?
Selecionei um assunto interessante para a comunidade.			
No primeiro parágrafo, efetuei uma síntese da temática abordada.			
Recolhi declarações de pessoas importantes para a temática.			
Recorri predominantemente à 3.ª ou 1.ª pessoa do singular ou do plural.			
Reproduzi citações dos entrevistados.			
Recorri a verbos introdutores do discurso como <i>declarar, dizer, informar, comentar, confessar, responder, recomendar, concordar, sugerir, discordar, aconselhar, esclarecer, replicar, anunciar</i> .			
Adotei um ponto de vista original.			
Exprimi comentários pessoais ou sensações (subjetividade).			
Pesquisei e aprofundei o(s) tema(s).			
Substituí as palavras repetidas por sinónimos e por pronomes.			
Escolhi um título apelativo.			
Pontuação			
Prestei atenção à pontuação.			
Introduzi corretamente as citações.			
Ortografia			
Procurei evitar erros ortográficos, consultando o dicionário ou o corretor ortográfico do computador para esclarecer dúvidas.			



A notícia – Revisão e autocorreção	Sim	Não	Como melhorar?
Selecionei um facto de interesse geral e atual.			
Narrei primeiro os factos mais importantes.			
Escolhi um título breve e apelativo.			
Identifiquei o sujeito, o acontecimento, o local e o momento da ocorrência, no primeiro parágrafo.			
No corpo da notícia, descrevi a ocorrência e explicito os seus motivos.			
Adotei uma linguagem clara e objetiva.			
Redigi frases curtas com uma estrutura simples.			
Recorri à 3.ª pessoa do singular.			
Utilizei essencialmente verbos e nomes.			
Evitei adjetivos valorativos.			
Fui objetivo, não exprimindo comentários pessoais, sentimentos, opiniões.			
Utilizei predominantemente frases declarativas.			
Substituí as palavras repetidas por sinónimos e por pronomes.			
Pontuação			
Ao redigir a notícia, prestei atenção à pontuação.			
Ortografia			
Procurei evitar erros ortográficos, consultando o dicionário ou o corretor ortográfico do computador para esclarecer dúvidas.			



Guiões de Leitura – Sugestões de correção

Guião de Leitura 1

Os Sonhadores, António Mota

A. A autora

1. numa aldeia do Douro; sete, ajudava o pai a fazer tamancos; dezoito; 1976, escreve o seu primeiro livro; 1979, *Aldeia das Flores*; Prémio Gulbenkian.

2. **Episódios infantis relevantes** – Trabalhar com o pai; possuir uma cabra/ser pastor; o Adrianinho.

Algumas obras publicadas – *Aldeia das Flores*; *Pedro Alecrim*; *Grilo Verde*; *Pardinhas*, *Cortei as Tranças*, *Os Heróis do 6.º F*; *Segredos*; *David e Golias*; *Os Sonhadores*.

Prémios conquistados – Prémio da Associação Portuguesa de Escritores, em 1983. Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças, em 1990. Prémio António Botto, 1996. Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, 2004.

Principais temas abordados na sua obra – o mundo rural, a desertificação, a emigração.

B. Elementos paratextuais

1.1. Nome do autor, título, editora, imagem de ilustração.

1.2. Nome do autor, título, número da ordem do livro na coleção (2), logótipo da editora.

1.3. Biografia do autor e síntese da obra.

2.1. António Mota, *Os Sonhadores*, 5.ª edição, Gailivro, 2002.

2.2. Identificação da obra; confronto entre edições.

3.1. Em ambas as edições surge o nome do autor, o título e a editora da obra. A edição A apresenta um grafismo mais simples, com uma cor viva (laranja), seis pequenos quadrados coloridos e uma fotografia com crianças. A edição B apresenta uma cor pastel (bege) como fundo e uma imagem em que vemos um homem a datilografar um texto. Da máquina saem folhas que formam uma escada, por onde um outro homem sobe em direção ao céu. A capa da edição B apresenta ainda o nome do ilustrador.

3.2. **Uma resposta possível:** A obra relacionar-se-á com crianças, com a escrita e sonhos.

Leitura

1.1. O Encontro; O Manuscrito; Desencontro.

1.2. **O Encontro** – Armando Rosas procura, no Porto, o seu amigo Hermenegildo Sousa que não vê desde o liceu. Este convida-o para jantar e, enquanto falam sobre o passado e as suas profissões atuais, Hermenegildo confessa-lhe que escreveu um livro, mas que não o enviou para nenhuma editora. Rosas pede-lhe para o deixar ler. No dia seguinte, Sousa entrega-lhe o manuscrito.

O Manuscrito – corresponde à obra de Hermenegildo, que aborda a vida em Vilarelho, do ponto de vista de Gilo, uma criança que nunca conheceu o pai. Assim, são-nos apresentados os seus avós

e mãe e as relações estabelecidas entre estes. Em seguida, surgem personagens marcantes na aldeia como Guilhermino Bicho, Miquinhas Serôdia, Zé Carlos ou D. Rosinha Pinta, que seguimos nas suas desventuras e sonhos. Devido à continuação dos estudos do protagonista, a ação desenrola-se, depois, em Penafiel, onde são apresentadas novas personagens, como Dona Sabina, senhor Alípio, Pinto e Francelino. Na escola, conhece o seu amigo Rosas. Depois de este se mudar para Murças, sente-se sozinho. Ao assistir ao circo, reconhece um dos artistas e confronta-o, descobrindo que este é o seu pai. Regressa ao Plameiro.

Desencontro – Nos capítulos finais, Armando Rosas envia o livro datilografado ao seu amigo com um bilhete, incentivando-o a enviar a obra a uma editora. Contudo, o recoveiro é assaltado antes da entrega e o manuscrito e as páginas datilografadas desaparecem. Rosas pede desculpa a Hermenegildo que, no entanto, não se aborrece com o assunto.

O Encontro

1. Esta parte chama-se “O Encontro” porque descreve a reunião entre dois amigos, há muito separados.

2. Narrador participante, subjetivo.

3. A cidade onde Hermenegildo vive é o Porto, como se pode deduzir pelas referências à foz do rio Douro e à estação de Campanhã: “Gosto mais de pescar na foz do Douro.” (p. 27), “estação de Campanhã” (p. 29), “pescar no rio Douro” (p. 30).

Capítulo 1

1. a. I; b. F (Viajou de comboio.); c. F (Quem aí morava era o Sousa.); d. V; e. F (Deve-se à surpresa.); f. I.

2. “O prédio onde morava o Sousa era exatamente igual aos outros seis ali plantados”/Grande (o taxista conhece apenas algumas zonas e existe um aeroporto), muito povoada (vários prédios), movimentada (táxis, turistas, pessoas do campo).

2.1. Metáfora. As marquises são vistas como gaiolas de vidro transparente, associando-as ao conceito de prisão, de isolamento.

Capítulo 2

1. Enquanto estava na paragem de autocarro, Sousa viu passar um carro azul que julgou ser conduzido por Rosas e chamou por ele. Com saudades do amigo e desejando vê-lo, resolveu contactá-lo.

2. Através de uma carta.

Capítulo 3

1. Dar a conhecer aos leitores como começou a amizade entre si e o Sousa.

2. Hermenegildo era alto, magro, vestia-se mal, possuía uns dedos muito compridos e era um bom aluno. Rosas era baixo, com grandes bochechas, um aluno pouco empenhado.

3. Ambos gostavam de livros e de escrever.

3.1. Rosas escrevia poemas e Hermenegildo, contos.

4. “Três anos depois de nos termos conhecido, o meu pai foi promovido a cabo da GNR. E eu, filho único, tive de o acompanhar para Murça.” (p. 24)

5. Não sendo um autor reconhecido, Sousa pensa que a editora o rejeitaria. Acha, também, que seria trabalhoso datilografar o livro.

6. Sousa entrega-lho, pois espera uma opinião franca sobre o que escreveu.

Desencontro

1. Incentivar Hermenegildo a tentar publicar o seu livro.

2. Rosas enviou a encomenda através do Sr. Manuel, um recoveiro.

Capítulo 2

1. A carrinha do senhor Manuel foi roubada.

2. Sousa não atribuiu importância ao acontecimento, não se mostrando triste nem aborrecido.

3. Ao longo da obra, são várias as personagens que procuram realizar os seus sonhos, embora os resultados sejam diversos e não dependam unicamente da sua postura. No entanto, uma postura ativa, o empenho e perseverança apresentam-se como extremamente relevantes.

O sonho do avô Zeferino era comprar o Campo das Tramelas, contudo, apesar de ter trabalhado muito, poupado o que ganhou e ter tentado contactar o dono do campo, este acaba por ser vendido a outra pessoa.

Zé Carlos sonhava com uma vida melhor. Assim, foge de casa e, ultrapassando várias dificuldades, acaba por conseguir melhores condições de vida no Porto.

Guilhermino sonhava casar com Miquinhas. Assumiu, durante grande parte da sua vida, uma postura mais passiva, receando D. Rosinha. Contudo, quando decidiu falar com esta, conseguiu realizar o seu sonho.

Gilo queria estudar, mas devido às posses limitadas da sua família, tinha medo de exprimir esse desejo. É Guilhermino quem lhe oferece essa oportunidade.

De realçar que existem diversas personagens que procuram ajudar outras a realizar os seus sonhos – o Sr. Eduardo ajuda Zé Carlos, Guilhermino auxilia Gilo, Rosas procura ajudar Sousa (embora falhe).

Organização da história

4. A obra organiza-se em três partes, sendo que a segunda parte corresponde a uma narrativa encaixada na primeira narrativa, com um narrador distinto. Dentro da grande narrativa encaixada, há uma série de sequências narrativas.

Narrador da parte 2: Hermenegildo Sousa

Exemplos de títulos:

2 – O avô Zeferino

3 – A infância de Guilhermino

4 – páginas 139-153

5 – A mãe de Gilo fala sobre o pai

6 – páginas 220-223

Guião de Leitura 2

O Conto da Ilha Desconhecida, José Saramago

A. O autor

1.1. Observador, sorridente.

1.2. Capacidade de observação, de reflexão sobre os outros, sobre a vida.

2. Nome – José de Sousa Saramago

Pais – José de Sousa e Maria da Piedade

Origem do seu nome – Um funcionário do Registo Civil adicionou a alcunha da família ao seu nome.

Local e data de nascimento – 16 de novembro de 1922, Azinhaga, Ribatejo.

Mudança de residência – Em 1924, muda-se para Lisboa. Mudou-se para Lavre, no Alentejo, 1976, por algumas semanas. Em fevereiro de 1993, muda-se para a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias.

Percursos académicos – Excelente aluno no Ensino Primário; frequente, durante dois anos, o Liceu, e, durante cinco anos, o curso de serralheiro mecânico numa escola do Ensino Profissional.

Relações amorosas/Casamentos – Em 1944, casa com Ilda Reis. Divorciou-se em 1970. Em 1986, inicia uma “relação de convivência” com Isabel da Nóbrega. Em 1988, casa-se com Pilar del Río.

Nascimento da filha – Em 1947, nasce a sua filha Violante.

Atividades exercidas – Serralheiro mecânico, empregado administrativo na Segurança Social, responsável pela produção numa editora; crítico literário; coordenador de um suplemento cultural e editorialista no *Diário de Lisboa*; escritor.

Três obras publicadas – Por exemplo: *Terra do Pecado*, *Os Poemas Possíveis*, *Provavelmente Alegria*, *Deste Mundo e do Outro*, *A Bagagem do Viajante*, *Levantado do Chão*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes*, *O Conto da Ilha Desconhecida*.

Prémios conquistados – Em 1995, ganha o Prémio Camões. Em 1998, é-lhe atribuído o Prémio Nobel de Literatura.

Outras informações relevantes – Por exemplo: lia na biblioteca pública de Lisboa, após a conclusão do curso de serralharia.

B. Elementos paratextuais

2. Informações biobibliográficas de José Saramago. Fornecer dados sobre a vida e obra do autor deste livro, realçando a sua importância no panorama literário.

C. O texto

1.1. Apresentação do discurso direto sem travessões indicativos do diálogo e separando as falas das personagens por vírgula; frases e parágrafos muito extensos.

Páginas 7 a 21

1. Na imagem da página 7, vemos uma figura central com uma coroa, sentada num trono. O rei, de longas barbas brancas, apresenta uma veste vermelha, cor associada ao poder.

Ajoelhado aos pés do rei, um homem oferece-lhe uma taça com um conteúdo reluzente. Imediatamente atrás deste, um outro homem segura também na mão um objeto reluzente.

Ao fundo, espreitando entre duas colunas, surge uma mulher com uma vassoura e um balde.

Esta imagem alude claramente ao comportamento do rei na porta dos obséquios, mostrando, em segundo plano, a mulher da limpeza.

2. O rei privilegiava a porta dos obséquios, ignorando a das petições e relegando as suas obrigações relativamente a esta para os seus subalternos.

3. Os suplicantes diziam à mulher da limpeza o que pretendiam obter do rei.

3.1. O homem exigiu a presença do rei e não expôs à mulher da limpeza o que pretendia.

4. Benefícios – Menos pessoas a incomodarem-no com pedidos e lamúrias. Mais tempo para receber os obséquios e mais descanso.

Prejuízos – Descontentamento social. Diminuição dos obséquios.

4.1. Decidiu deslocar-se até à porta das petições para falar com o homem.

5. Por exemplo *“reflexionou que pareceria mal”* (p. 13), *“logo iria dizer por aí sabe Deus o quê”* (p.13).

6. Fala-lhe calma e firmemente, tratando o rei sem subserviência.

6.1. Assombro e desconcerto (*“O assombro deixou o rei a tal ponto desconcertado”*, p. 15).

7.1. Estes objetos mostram-nos que o rei dava pouca importância à porta das petições, relegando o atendimento dos suplicantes a subalternos e preocupando-se, unicamente, com a porta dos obséquios, onde possuía um trono, objeto que se coaduna com o seu estatuto social. Aliás, quem costumava utilizar a cadeira de palhinha era a mulher da limpeza.

7.2. O trono simboliza o poder do rei, a sua superioridade face aos demais (observe-se que *“a cadeira de palhinha era muito mais baixa que o trono”*, p. 15); por outro lado, a cadeira de palha simboliza a igualdade entre os homens (é a mesma onde se sentava a mulher da limpeza). Enquanto aquele é construído com materiais nobres, representando a riqueza, esta é construída com materiais fracos e frágeis, mostrando a incómoda pobreza.

8. O rei acha que elas não existem pois todas as ilhas estão assinaladas no mapa, enquanto o homem acha que é impossível não existir uma ilha desconhecida.

9. *“mais para se verem livres dele do que por simpatia solidária resolveram intervir a favor do homem”* (p. 17).

10. b.

11. b. e e.

12.1. Não ser demasiado grande, ser seguro e navegar bem, de modo que, se acontecesse algo ao homem, o rei não se sentisse culpado.

12.2. O rei pretendia regressar rapidamente para a porta dos obséquios.

13. A mulher da limpeza.

14. Rei – Curiosidade, desagrado, orgulho, assombro, perturbação, desconforto, diversão, altivez, posse, prepotência, ganância.

Homem – calma, altivez, dignidade, confiança, obstinação.

15. a. 3; **b.** 3; **c.** 2; **d.** 1, 2 e 4.

Páginas 21 a 26

1.1. Mostra que a ação se prolongou no tempo.

1.2. No porto: *“o homem chegou ao porto”* (p. 21).

2. Dimensão, navegabilidade, segurança e resistência (capacidade de sulcar oceanos).

2.1. Paquetes, cargueiros, navios de guerra, botes, faluas e escaleres.

2.2. a. Pacote; **b.** Falua; **c.** Bote; **d.** Navio de guerra; **e.** Cargueiro; **f.** Escaler.

3. b.

3.1. Tal como os nossos antepassados procuravam novos locais, ele procura uma ilha desconhecida.

4.1. *“Sabes navegar, tens carta de navegação”* (p. 22).

4.2. Uma resposta possível: Apesar de ter o poder de decidir, o rei não conhece a realidade, não se preocupa com aquilo que é essencial.

5. Para o capitão, é uma ilha onde ainda ninguém desembarcou, uma ilha ainda não descoberta. Para o homem, todas as ilhas são desconhecidas, pois só as conhecemos quando nelas desembarcamos.

6.1. Depois da partida, mesmo que a viagem não termine no lugar que pretendíamos, chegamos a um ou outro lugar. O homem quer com isto dizer que mesmo que não chegue à ilha desconhecida, chegará a algum ponto.

7. a.

Páginas 26 a 33

2. As gaivotas procuravam defender a sua descendência e ninhos.

2.1. A mulher só atirou para a água os ninhos vazios, porque os restantes tinham ovos ou gaivotinhos.

2.2. Clemente, bondosa, cuidadosa...

3.1. Metáfora. Destaca a importância das velas para o movimento do barco. Da mesma forma que os músculos movimentam o corpo humano, as velas movimentam o barco.

4.1. A mulher ficou preocupada com a inexistência de alimentos (“munhões de boca”) no navio.

4.2. A expressão “munhões de boca” é, simultaneamente, uma perífrase e uma metáfora.

5. a.

6. Inexistência de ilhas desconhecidas; tranquilidade dos seus lares e vida facilitada nos barcos de carreira.

6.1. b.

7.1. Cada homem possui por si só significado, ou seja, é uma pessoa única que precisa de se encontrar / ser encontrada.

7.2. As expressões apresentam sentidos opostos. Enquanto na primeira é defendido que cada homem faz sentido por si só, na segunda frase, defende-se que o homem vive em interação com os outros e não isolado.

Páginas 33 a 45

1. Não conseguir reunir uma tripulação que possibilitasse manobrar o barco.

2.1. Marinheiros que se tinham recusado a integrar a tripulação, um grupo de mulheres e animais (patos, coelhos, galinhas, cavalos, bois, asnos).

2.2. A mulher achava que o homem só pensava na ilha desconhecida.

2.3.1. Procuravam um sítio melhor para viver.

2.3.2. a.

3. A Ilha Desconhecida.

4. A Ilha Desconhecida remete para a autorreflexão, ou seja, para a procura de si mesmo. A viagem pelo mar simboliza o caminho para essa descoberta.

Outras atividades

1.1. Por exemplo:

Rei – Autoritário, ganancioso, hipócrita, egocêntrico, mal-educado, impaciente.

Homem – Persistente, determinado, sonhador, atrevido, paciente, exigente, reflexivo.

Mulher – Prática, determinada, desembaraçada, ativa, diligente, trabalhadora, prestável.

Capitão – Realista, objetivo, prático.

1.2.1. Marinheiros, vizinhas, suplicantes.

1.3. As personagens não representam seres particulares. Na história, o que se pretenderá destacar são determinadas atitudes, maneiras de agir e de pensar.

2. 1 – k; 2 – d; 3 – j; 4 – i; 5 – c; 6 – b; 7 – f; 8 – a; 9 – h; 10 – e; 11 – g.

Guião de Leitura 3

Doze de Inglaterra, António Torrado

A. O autor

1.1. Informação comum – ano de nascimento do autor; dados sobre a licenciatura; outras profissões exercidas; tipologias textuais em que se distingue; obras que se destacam na literatura infantil.

Texto A – local e dia de nascimento; prémios que lhe foram atribuídos; obras principais publicadas em diferentes géneros.

Texto B – data em que começou a publicar contos.

1.2. Obter informação mais completa, confrontar e comparar dados.

1.3. Confrontar e comparar a informação de diferentes fontes; selecionar fontes fidedignas; identificar corretamente a origem das citações e imagens.

B. Elementos paratextuais

1.1. *Doze de Inglaterra e O Guarda-Vento*.

1.2. Autor das obras – António Torrado, Editora – Caminho, **Ilustradora** – Patrícia Fidalgo, **Coleção** – Livros do Dia e da Noite.

1.3. A ilustração sugere que a história decorre na época medieval, pois vemos um cavaleiro com uma armadura e um velho. Além disso, é sugerida a participação de animais.

2.1. a. F; b. ID; c. ID; d. V; e. F.

2.2. “damas” (I. 4); “torneio medieval” (II. 4-5); “armaduras” (I. 6).

2.3. Opiniões – “nenhum espectador consegue ficar indiferente”, “desenrola-se num tom de comédia que diverte pais e filhos, aliados no mesmo riso e prazer”.

Factos – “Autor de muitos livros para os mais novos”, “escrita teatral, tanto para adultos como para os mais jovens espectadores.”.

3. Relacionar a peça com *Os Lusíadas*; apresentar a obra **Doze de Inglaterra**.

C. Texto

1. (1) Ato; **(2)** Cena; **(3)** Ator; **(4)** Encenador; **(5)** Réplica; **(6)** Aderecista; **(7)** Figurinista; **(8)** Monólogo; **(9)** Diálogo; **(10)** Cenário; **(11)** Sonoplasta; **(12)** Didascálias; **(13)** Aparte; **(14)** Luminotécnico; **(15)** Caracterizador.

Análise Global

1. Introdução – cena 1 e 2

Conflito – cenas 3 a 8

Desenlace – cenas 9 e 10

2. 1.ª prova – Encontro com as criaturas que o assaltam – Cena 3

2.ª prova – Aprisionado pelos anões, que representam os seus Medos – Cenas 3 e 4

3.ª prova – Encontro com o velho e busca da fonte da sabedoria – Cenas 5 e 6

4.ª prova – As ninfas roubam-lhe as memórias – Cena 7

5.ª prova – O torneio medieval. – Cena 9

3. Físico – “noviço” (pp. 30 e 37), “aranhiço” (pp. 30 e 59), “chamiço” (p. 30), “caniço” (pp. 30, 37, 59 e 85), “palhiço” (pp. 33 e 59), “inteiriço” (p. 33), “roliço” (p. 34).

Personalidade – “derriço” (p. 32), “chegadiço” (p. 32), “metediço” (pp. 33 e 59), “ouriço” (p. 34), “esquentadiço” (p. 34).

Cenas 1 e 2

1. Entraram nos seus aposentos privados, desrespeitaram-nas, perseguiram-nas e roubaram-lhes objetos pessoais.

2.1. “Senhores... Senhores...”, “Nobres senhores do reino de Inglaterra!”, “Altivos brasões das mais antigas casas senhoriais do meu país.”, “Seus labregos!”.

2.2. Registo corrente, registo cuidado, calão ou registo familiar.

3. A ação decorre na época medieval. **Por exemplo:** “dama medieval” (p. 19), “aposentos privativos das damas da corte” (p. 19), “corpetes” (p. 21), “toucados” (p. 22), “Duque de Lencastre” (p. 22), “Nobres senhores do reino de Inglaterra!” (p. 23), “flor da cavalaria inglesa” (p. 24), “eu, João de Gante, ser Duque de Lencastre” (p. 26).

4. Cavaleiros antigos – Permaneciam no androceu, não entravam no gíneceu, respeitavam as damas, não bebiam tanta cerveja, tocavam alaúde, não tinham mau hálito.

Cavaleiros atuais – Entram à força no gíneceu, desrespeitam as damas e os mais velhos e hierarquicamente superiores, bebem de mais, têm mau hálito, roubam objetos pessoais às damas, executam danças e canções selvagens, são insolentes.

5. Considera-se demasiado idoso.

6. Escrevem uma mensagem enviada através de um pombo-correio para um país no Sul.

7. O herói Galaaz também foi armado cavaleiro muito jovem; o seu pai era um nobre cavaleiro que vencera diversas batalhas; o Magriço pretende ser um bom servidor do rei; elogio ao rei e indicação que também ele lutaria com os ingleses se não fosse rei.

8. Todos os restantes cavaleiros tinham sido armados anteriormente, ou seja, já tinham dado provas do seu valor. O Magriço apresentava uma constituição fraca.

9. Os cavaleiros, que funcionam como um grupo, troçam do Magriço porque este, sendo muito novo, ainda não demonstrou aquilo de que é capaz. Para o fazer, este decide efetuar a travessia até Inglaterra por terra.

10. Provar, através dos desafios que enfrentará na travessia terrestre, que merece ser cavaleiro.

Cenas 3 e 4

1. a. F; b. F; c. F; d. V; e. F.

2.1. A gaiola simboliza o que pode acontecer a quem se deixa vencer pelo medo: fica sem capacidade de agir, isto é, aprisionado. O Anão simboliza os medos de Magriço, contra os quais ele tem de lutar, para se libertar.

3. Por exemplo:

Cómico de situação – “Espera (*Metendo-se ele, anão, dentro da jaula*)” (p. 54).

Cómico de linguagem – “Anão (*Imitando-o na farronca*) «Álvaro Gonçalves Coutinho?»” (p. 52).

Cómico de carácter – Última fala do Anão (p. 56).

4. O Magriço diz ao anão que não tem espaço suficiente na jaula para o imitar convenientemente, o que faz com que ele lhe abra a porta.

Cenas 5, 6, 7 e 8

1. 1 – Inglaterra, 2 – um velho, 3 – Fonte da Sabedoria, 4 – acertar os passos, 5 – velhos, 6 – quem foi o primeiro a chegar à Fonte da Sabedoria, 7 – Velho, 8 – ninfas, 9 – Magriço, 10 – lago.

2. b.

3. c.

4. O Magriço escutou alguém a chamá-lo e pensou que seriam as damas inglesas.

5. Os que mergulham no lago esquecem tudo o que sabem.

6. A água do lago e da fonte é a mesma; a água saciará a vontade de saber de Magriço; ele saberá o caminho para Inglaterra; vai divertir-se com as ninfas; a água é clara no fundo.

7. a.

8. c.

9. a.

10. Após o mergulho no lago – corpo fraco, malcheiroso, desequilibrado, sem alma, desarranjado, tolo, debilitado e balbuciente.

Depois de beber a água da fonte – forte, dominador, seguro, indiferente e determinado.

Cenas 9 e 10

1. *Os Lusíadas*.

2. Por exemplo: barco a motor e livraria.

3. “Empurrem também/ Façam-lhe o favor.” (p. 87)

4. b.

5. b.

6. As damas inglesas temiam que os cavaleiros portugueses perdessem o torneio, por causa da sua desvantagem numérica.

7. A chegada do Magriço.

8. 1 – torneio, 2 – cavaleiros ingleses, 3 – colosso inglês ou cavaleiro inglês, 4 – derrota, 5 – fogueira, 6 – honra, 7 – dança.

9. Por exemplo: A persistência vence as adversidades. A aparência é enganadora.

Outras atividades

1.1. Tal como o Junco resiste às adversidades, adaptando-se a estas, também o Magriço ultrapassa as suas dificuldades. Um aspeto/corpo frágil não é sinónimo de um espírito débil.

Guião de Leitura 4

O Colar, Sophia de Mello Breyner Andresen

A. A autora

1. Nome: Sophia de Mello Breyner Andresen

Data e local de nascimento: 6 de novembro de 1919, Porto.

Data e local de falecimento: 2 de julho de 2004, Lisboa.

Acontecimentos biográficos mais relevantes:

Na Universidade de Lisboa, frequentou o curso de Filologia Clássica.

Em 1946, casou-se com Francisco Sousa Tavares.

Obras publicadas e seu género:

Poesia: *Poesia* (1945), *Coral* (1950), entre outras.

Conto: *Contos exemplares* (1962), *Histórias da Terra e do Mar* (1984).

Contos infantis: *A Menina do Mar* (1958), *A Fada Oriana* (1958), *Noite de Natal* (1959), *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964), *O Rapaz de Bronze* (1965), *A Floresta* (1968), *O Tesouro* (1970), *A Árvore* (1985).

Teatro: *O Bojador* (2000), *O Colar* (2001)

Ensaio: *A poesia de Cecília Meireles* (1956), *Torga, os homens e a terra* (1976), *Luís de Camões. Ensombramentos e Descobrimentos* (1980).

Prémios: Em 1964, a Sociedade Portuguesa de Autores atribuiu-lhe o Grande Prémio de Poesia pela obra *Livro Sexto*.

A Associação Portuguesa de Escritores conferiu-lhe o Prémio Vida Literária, em 1994.

Recebeu o Prémio Camões e o Prémio Pessoa, em 1999.

Em 2003, foi galardoada com o Prémio Rainha Sofia da Poesia Ibero-Americana.



Observação: No CD de Recursos encontrará, em formato digital, o cartão do autor.

B. Elementos paratextuais

1. Sophia de Mello Breyner Andresen, *O Colar*, 7.^a edição, Caminho, 2010.

2.1. A imagem representa uma máscara veneziana de um rosto dividido em duas metades diferentes. Um dos lados é muito colorido, sendo composto por triângulos vermelhos, pretos e dourados. A outra metade da máscara é branca, apresentando um desenho de uma planta numa cor mais escura.

2.2. c.

C. Texto

1.1. Surgem em itálico.

1.2. Fornecer indicações aos diferentes intervenientes numa peça teatral sobre a movimentação, entoação, expressões faciais, luz, som, cenários, adereços...

1.3. 1 – a, b, f, g; 2 – todas; 3 – a, b, f; 4 – g; 5 – d; 6 – c, e.

2. f, l, m, h, a, j, i, b, d, g, e, k, c.

3. a – 5; b – 4; c – 2; d – 3; e – 6; f – 1.

Prólogo

1. Descrever o local onde decorre a ação – Veneza – e justificar a existência de múltiplas histórias.

2. Veneza é uma cidade construída sobre a água, com canais onde circulam gôndolas. É uma cidade muito movimentada, onde chega gente “dos quatro cantos do mundo”, devido ao comércio. Também é uma cidade de apaixonados e de grande atividade artística (“Há só/ Dansa canções fantasia”). O único senão é o governo repressivo, com as suas prisões.

3. a. “Sedas tapetes brocado/ Pérolas rubis corais” (p. 11)

b. “Veneza é como aquela/ Cidade de Alexandria” (p. 12)

c. “Aqui só há uma sombra” (p. 12)

I Ato

1. 1. Bonina; **2.** Tio; **3.** Geraldina; **4.** Rosa; **5.** Cantor; **6.** Zorzi;

7. Colar.

2. Apaixonada, vaidosa, impetuosa, lacrimosa, teatral, ingénua.

3. Durante a festa de Giovanna, Vanina vê Pietro. Algumas pessoas pedem-lhe que cante, enquanto outras se retiram. Ele canta na varanda. Em seguida, oferece uma rosa a Vanina e elogia-a. Espantada, ela foge.

4. b.

4.1. c.

5.1. Giovanna.

5.2. Problemas – O pai morreu arruinado. Foi obrigado a vender os seus bens. Não queria trabalhar para a Senhoria de Veneza nem alistar-se no exército.

Hipóteses de soluções – Emprego como secretário ou no exército. Trabalhar como músico. Casamento com uma herdeira rica.

5.3. Pietro decidiu trabalhar como cantor.

5.4. Não está de acordo com o seu estatuto social.

6. c.

7. Giovanna – “coitado” (p. 18), possui muitos problemas, fidalgo, a vida como cantor não está de acordo com a sua posição, por isso, precisa de casar.

Bonina – um fidalgo, um homem belo, um cantor maravilhoso, por quem todas as mulheres se apaixonam; um galanteador e namoradeiro.

Tutor – “fidalgo desclassificado e arrogante” (p. 28); jovem louco, folião, aventureiro.

8. Rosa vermelha – “A rosa tornou-se um símbolo de amor e mais ainda do dom do amor, do amor puro...” (Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dicionário dos símbolos*, Teorema, Lisboa).

9. Vanina procurava ver Pietro, mas não o conseguiu.

10. A serenata de Pietro.

11.1. Cada uma das personagens interpreta de forma diferente este momento: Pietro canta porque o Comendador lhe pagou para isso; Zorzi julga que Vanina aprecia a serenata que lhe oferece; a rapariga interpreta literalmente as músicas, julgando que Pietro lhe demonstra o seu amor e a convida a abandonar tudo para o amar.

12. Vanina está apaixonada por Pietro e odeia o Comendador porque sente que ele a pretende aprisionar e limitar, através do casamento.

13. Um colar, que simboliza os bens materiais, com o qual pretende convencê-la a aceitar o seu pedido de casamento.

II Ato

1.1. Condessa Zeti e Juliano. Ambos acham que Vanina é demasiado nova para o Comendador.

2. Por exemplo:

a. “Realmente a Vanina não liga nada com o meu primo. É nova de mais.” (p. 48)

b. “(entrando)” (p. 49)

c. “Gosto de uma bela marcha militar: é uma música alegre, vigorosa!” (p. 51)

d. “Mesmo com este sabor gelado [...]” até “Não será ideia da Vanina?” (pp. 43-44)

e. (Todos se vão servir de um copo) (p. 46)

3. O Comendador é moderado, ponderado e paciente, enquanto Vanina é exagerada, impulsiva e impaciente.

4.1. A D. Geraldina gosta do mesmo tipo de música e, tal como o Comendador, é calma e sensata.

4.2. A sua preocupação com o bem-estar do Comendador.

5. O Comendador ingeriu o colar de pérolas de Vanina.

6. c., d., f.

7. Vanina possui uma visão romântica do amor, idealista, atribuindo uma importância extrema a pormenores. Por outro lado, Pietro é mais realista, vivendo as paixões como algo passageiro e

não atribuindo importância a galanteios ou piropos.

8. Casar com uma herdeira rica para assumir as suas responsabilidades para com a sua mãe e irmã.

9. Enquanto Vanina pensou constantemente em Pietro e procurou reencontrá-lo, sonhando com o casamento, Pietro namorou com todas as raparigas que encontrou.

10. a.

III Ato

1. c.

2. Libertar Vanina da sua imaginação romântica.

3. Lorde Byron nasceu em Londres, no dia 22 de janeiro de 1788.

Poeta romântico.

Inglaterra, Suíça, Itália e Grécia.

4. b.

5. O Colar foca a alegria de viver e a forma como a vida muitas vezes nos traz desilusões, levando à perda da inocência. Ensina-nos a distinguir as ilusões e os sonhos da realidade.

Outras atividades

1.1. Vanina e Guidobaldo.

1.2. Existem várias **semelhanças** entre as histórias: a personagem principal chama-se Vanina, a ação decorre em Veneza e o tutor das raparigas tenta obrigá-las a casar com um homem que não amam.

Relativamente a **diferenças**: enquanto o amado de Vanina na obra *O Colar* se chama Pietro, n’*O Cavaleiro da Dinamarca* chama-se Guidobaldo; este ama Vanina, enquanto o primeiro é namorado e apenas a elogiou; Pietro oferece uma rosa a Vanina, Guidobaldo um pente de ouro; Vanina e Guidobaldo ficam juntos, Vanina e Pietro separam-se.